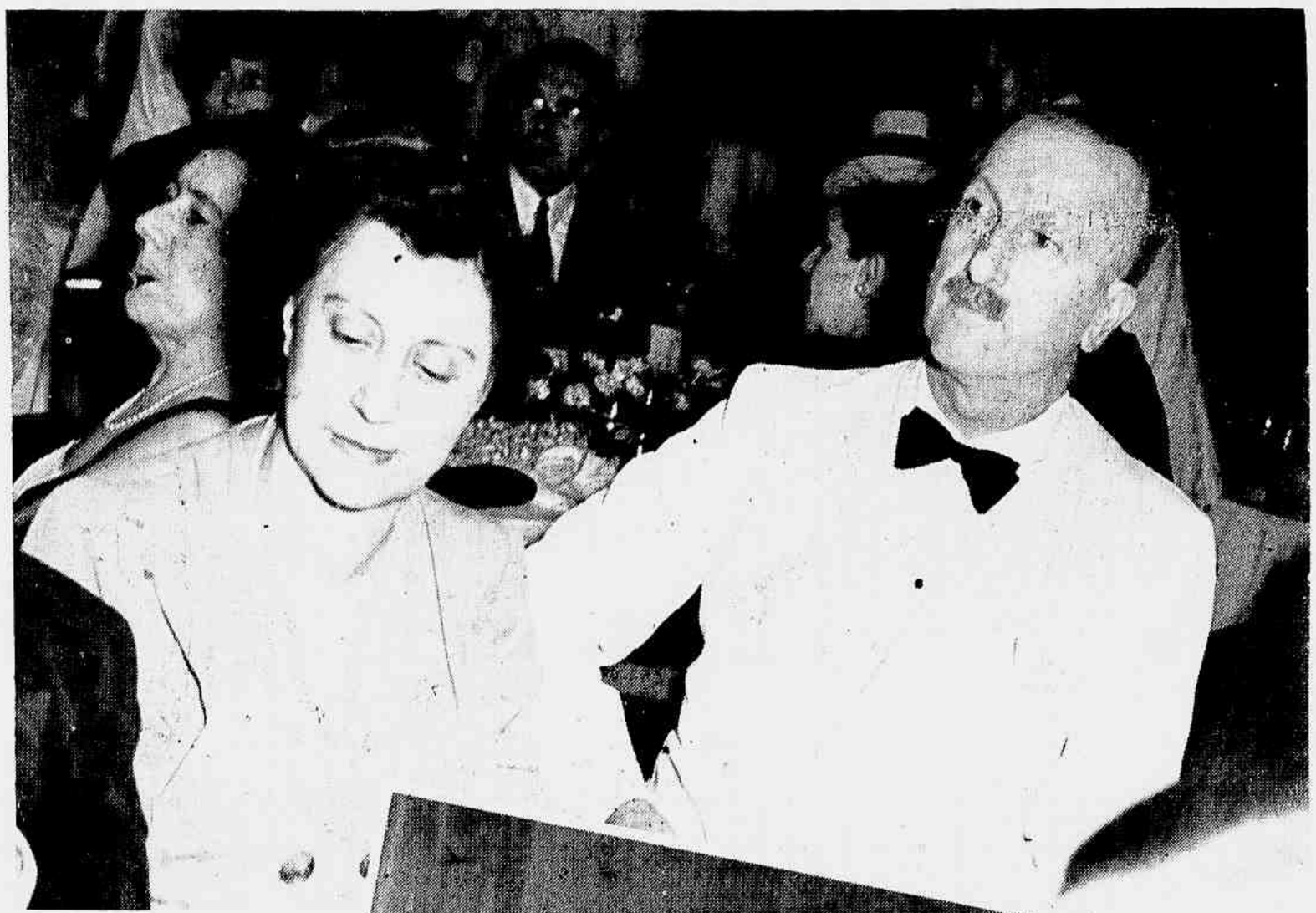
REVISTA DA SEMANA

N. 48

25-11-44



NOITES ELEGANTES NO ATLANTICO

Antigamente — e não faz muito tempo isto — a vida social da cidade sofria um colapso ao virem os dias causticantes do verão. Hoje em dia, porém, nada interrompe a atividade animada dos nossos elegantes, mesmo porque a desculpa do clima já não péga mais. Ele vem variando de tal jeito nestes ultimos anos, vem se revolucionando de tal maneira que a gente na verdade nunca sabe se está no verão, na primavera, no outono ou no inverno. Ora, isso, que poderia parecer um mal, afinal de contas teve uma grande utilidade: — possibilitou aos circulos aristocraticos do Rio a continuidade de suas festas artisticas e beneficentes, o não cessamento de suas reuniões e espetáculos, a contínua movimentação cheia de brilhantismo que empresta à vida metropolitana o aspecto magnificente de uma "féerie" digna do sibaritismo de um kalifa oriental. As "parties" se sucedem num crescendo deslumbrante e amavel, os chás se repetem cada dia em um sem número de salões famosos pela tradição de bom gosto e cultura, as recepções se amiudam criando novas amizades e solidificando as antigas. Em toda parte o "grand monde" carioca se dá "rendez vous", de vez que as casas de agora, tristes e exíguas casas que mais parecem gaiolinhas douradas que mesmo um lar, quase sempre não oferecem o espaço e a comodidade necessarios aos grupos de convidados desejosos de ar e luz para a melhor expansão de sua alegria turbilhonante e travessa. Daí a busca anciosa ás "boites", aos "night-clubs" e aos "music-halls", sitios onde, num ambiente requintado e confortavel, os elementos exponenciais da sociedade carioca se divertem e se entregam aos prazeres da dansa e da música rodeados de figuras de sua mesma alta hierarquia espiritual. Ainda não faz muito, se não nos enganamos na semana passada, varias festas se efetuaram na comoda e aconchegante "boite" tricolor do Posto Seis. São dessas reuniões as fotos que ilustram esta página, notando-se nelas algumas das pessas mais destacadas da alta sociedade carioca.

FABRICANTES DE INUTILIDADES...

Escreveu — *R. MAGALHÃES JUNIOR*

Um jôgo de balípodo...

O vocabulário tem de acompanhar o desenvolvimento do progresso humano, em todos os ramos de atividade, enriquecendo-se as línguas, constantemente, com palavras necessárias à compreensão das novas idéias como das novas invenções. Povos de espírito prático adotam os termos dados originalmente a essas novidades, sem maiores preocupações. Mas, no Brasil, sempre existiu uma casta de fabricantes de palavras, sujeitos atacados de horror aos estrangeirismos e a vibrar de indignação patriótica sempre que ouvem um vocábulo suspeito, afrancesado ou com cheiro anglo-saxão. Um dêsses maníacos foi o velho professor Castro Lopes, que vivia em pé de guerra, a bradar "aqui-del-rei" contra os estrangeirismos, como se o Brasil estivesse correndo o risco de se desagregar porque um jornalista à cata de notícias políticas ou policiais era chamado britânicamente de "reporter". Imaginem só! "Reporter"! E para evitar o vocábulo inglês o velho professor Castro Lopes — que chamava aos jacobinos de "jacobêus" — propunha o têrmo "alviçareiro", que sustentava ser "não só mais expressivo como ainda de absoluta vernaculidade".

Para cada palavra de origem estrangeira, o autor de "Origens dos Anexins" e de "Neologismos úteis e estrangeirismos dispensáveis", queria impingir um substitutivo de sua própria invenção. O curioso é que algumas dessas palavras pegaram, embora nem dez por cento das suas invenções tivessem merecido a atenção dos letrados e do povo. Vesperal, para designar as sessões de teatro dadas durante a tarde, em lugar da palavra francesa "matinée", é uma das invenções de Castro Lopes. Outras, porém, o velho caturra tentou impingir, mas não o conseguiu: "convescote", por "pic-nic" ou "pique-nique", como a reforma ortográfica ditatorialmente nos manda escrever. Em lugar de "pince-nez", queria o fabricante de neologismos que se usasse o vocábulo "nasóculos". E, em lugar de "chauffeur", "cinesíforo".

Imagine-se o que não seria, para o vulgo ignaro, que não cuida de tais sutilezas, um diálogo dêste gênero:

— Então, não conheces aquêle alviçareiro? E' o Gustavo Bessa!

— Conheço, sim... E' o alviçareiro que foi conosco ao convescote... Se não o reconheci, não foi por culpa minha... Ele está com nasóculos de cinesíforo...

Não desapareceu a mania dos neologismos, com a morte de Castro Lopes. Outros vieram ocupar-lhe o posto. Um dêsses fabricantes de palavras é um senhor baiano, que tem também um sagrado horror aos galicismos. E para que não nos envergonhemos de dizer "galochas" criou uma nova expressão, para designar êsses úteis objetos que nos protegem os pés em dias de aguaceiros. E o fez com tôda a ciência, com tôda a segurança de um conhecedor da etimologia. Eis o vocábulo em questão "anidropodotecas". Aí está. Não se envergonhem de usá-lo. Nada de "galochas" de agora em diante. Para que? Se temos êsse brasileiríssimo vocábulo, "anidropodotecas"?

Outro dia, recebi um livro inteiro escrito para justificar um dêsses neologismos. O autor é um senhor Alcides D'Arcanchy, que quer impor um substitutivo a horrível anglicismo que é a palavra "futebol". Podemos jogar futebol à vontade, copiando nisso os ingleses. Mas o que não podemos — dizem os zeladores da boa linguagem — é chamar o futebol de futebol. Oh, isso não! Mil vêzes não! Onde está a nossa vergonha, o nosso pudor, o nosso patriotismo? Depois de muitas noites de vigília, preocupado com tão grave problema, o sr. Alcides D'Arcanchy criou, afinal, o têrmo imprescindivel. Fez-sè luz no seu cérebro privilegiado e eis o resultado dêsse laborioso parto intelectual: "balípodo". Sim, senhores, "balípodo". Com acentuação na segunda sílaba, o que torna a palavra elegante e requintada. Se alguém disser "balipôdo", será por muita burrice, igual à dos maus patriotas que vivem com a boca cheia de futebol...

Bebendo rabigalos numa taverna elegante...

Para substituir "basket-ball" — ou "basquetebol", se assim o preferem — outro benemérito inventou a palavra "cestobolismo", o que talvez o sr. Alcides D'Arcanchy gostasse de ver transformado em "balímano". "Pebolismo" já foi tentado, também como substitutivo de "futebol". Um dêsses adversários terríveis dos estrangeirismos reclamava, outro dia, uma tradução para "grill-room", para "smoking", para "diner-jacket" e outras coisas que andam constantemente na boca dos granfinos. E outro sugeria, para "grill-room", a tradução literal, "salão dos assados". Na peça "O rei da vela", um dos personagens de Oswaldo de Andrade, com essa mania pitoresca dos neologismos, convida assim uma visita para um "cock-tail": "Vamos tomar uns rabigalos, meus amigos?"

E' essa, sem dúvida, uma das mais tolas manifestações de jacobinismo, de falso nacionalismo. Reflete, ao mesmo tempo, vaidade e toleima. Vaidade de pensar que uma só cabeça pode substituir o consenso de uma multidão, que aceitou e impôs através do uso constante determinados vocábulos ou formas de expressão. E toleima porque não há nada mais inútil do que cultivar essas flôres de papel da linguagem, essas criações de absoluto artificialismo... Já é muita vontade de complicar as coisas simples e de criar problemas aonde êles não existem...

Um par de anidropodotecas...

Jorge Mattar é um soldado das Forças Expedicionárias Brasileiras que agora se encontram em terras da Italia. No dia 1.º do corrente, comemorou seu 25.º aniversário natalicio, e de lá enviou para a familia a carta que se vai ler abaixo. Trata-se de um documento intimo, redigido por um bravo patricio que, longe da patria, tocado por alguns momentos de profunda nostalgia, mas sempre fiél ao seu posto, soube grangear a simpatia de seus superiores. No POST-SCRIPTUM *da missiva, lê-se o seguinte, em manuscrito: "Dona Helena. — Tomo a liberdade de lhe dirigir estas linhas, no mesmo papel em que o seu querido filho lhe escreveu, tão somente para felicita-la pela ventura que tem de possuir um filho que, no meio de nós, oficiais, não é considerado um simples soldado, mas é tido como um sincero e leal amigo pelas finas e elogiaveis qualidades de queé dotado. Por isso deixo aqui o meu testemunho como admirador do seu filho. Com todo o respeito, subscrevo-me, (a.) Cap. Reginato".*

Acompanhando a missiva, recebeu a familia tambem uma composição literaria, embora em estilo particular, endereçado a seus entes queridos, escrita precisamente no dia do aniversario de Jorge Mattar e da qual extraimos, tambem, alguns periodos mais eloquentes. Eles valem por um testemunho da saudade que, em terras distantes, aperta o coração do joven brasileiro, entregue a seus devêres militares, recebendo homenagens dos companheiros e dos superiores, mas tendo sempre voltados, para o Brasil, e principalmente para sua querida mãe, os melhores pensamentos.

CARTA DE UM EXPEDICIONARIO

ITALIA, 3 de Novembro de 1944

MAMÃE — Minhas irmãs, irmão, sobrinhos e cunhados.

Fazem hoje vinte dias que não recebo cartas da familia, e essa demora atribúo-a ao máu tempo reinante, ás intensas chuvas açoitadas pelo fortíssimo vento e ajudadas pelo frio incrível que me vem importunando.

Agora são 10 horas da noite e tudo aqui é silêncio, a não ser o uivar do vento que sopra, lá fóra, fazendo tambem bater com extrema violência as portas e janelas do prédio. Disseram-me que o verdadeiro inverno europeu começa em Dezembro e já calculo que tormento não será...

Estou usando a calça de pijama, de flanela listrada, as meias de lã que chegaram em bendita hora, a camisa de lã azul-marinho e a calça idêntica. Hoje, pela manhã, acabei de saborear os últimos biscoitos e o meu saco de encomendas está se esvaziando, sendo que a lata de marmelada já está pela metade.

Quanto ao meu aniversário, os meus colegas me presentearam com uma grande festa, inesperadamente, sendo que os sargentos e soldados compraram de sociedade 12 caixas de cervejas, contendo cada uma 24 garrafas e assim não deixaram que a bela data de 25 anos fosse despercebida passar pela minha vida. Jantamos em uma mesa improvisada, houve discursos, sendo que dois oficiais fizeram questão de jantar, tambem, conosco. Elogiaram-me, nos discursos, tanto que cheguei a olhar para trás, pensando que não fosse para mim...

O Snr. Capitão Almir fez questão de adquirir uma garrafa de "cognac", e contribuir para maior prestígio da festa. Eu soube ás ocultas que a garrafa custou 320 cruzeiros! E o Snr. Capitão Reginato, autor de várias obras de Intendência, chamou-me a um canto e num bello e significativo improviso, presenteou-me com um vidro de Agua de Colônia e me disse que era para perfumar as cartas que fossem mandadas para a senhora. Esse é o motivo da carta estar perfumada. O Snr. Cel. Paulini fez-me, particularmente, um elogio pelas minhas qualidades, considerando-me como "elemento de confiança". Muitos soldados de outras unidades compareceram á festa que rolou até a meia-noite, quando então os ânimos se esquentaram com as bebidas...

Apezar de tudo isso, sentí muito a saudade que a senhora, Alice, Matilde, Maria, Adib, sobrinhos, cunhados, me fazem aqui tão longe, bem longe do seu interminável carinho. A festa foi tão animada que se tiraram fotografias e até italianas, sem balangandans, apareceram...

Mamãe, enquanto novas cartas não veem, eu leio e releio as velhas que estão encerradas em uma bela caixa de madeira, de tamanho pequeno, feita de encomenda para guardar as mesmas que me fazem tão feliz!

A propósito, o meu companheiro de quarto, aquele rapaz do n. 169, está apreensivo com o uivar do vento...

Realmente, está forte o uivar...

Mamãe, o boletim de hoje já permite que se enviem encomendas para o Brasil e assim que fôr possivel financeiramente, mandarei lembranças.

A propósito, tomar um banho aqui é um ato de bravura.

Pois o frio está de amargar...

E quanto ao término desta guerra, penso que vai demorar.

Os brasileiros vêm fazendo muito sucesso, merecendo elogios das americanos e ingleses.

Ontem principiei a ler o livro "Do Fundo da Noite" e está me agradando.

Infelizmente não me foi possível visitar o sepulcro paterno. Penso que a senhora rezou por mim, não, mamãe,?

No dia 1.º enviei a todos duas fotografias em que apareço, e numa delas, a do grupo ao fundo, aparece o predio em que moro. Respondam-me, acusando recebimento dos retratos. Sem mais, aqui me despeço, desejando a todos vocês, mil abraços. E á senhora minha querida mãe, saudades de seu filho que não se esquece nunca da senhora.

Do Jorge Mattar.

A foto abaixo, traz no verso a seguinte dedicatoria: — "A DATA DE HOJE REGISTA O ANIVERSARIO DO SOLDADO EXPEDICIONARIO DO BRASIL, JORGE MATTAR, EM TERRA DE ALEM-MAR. COMPLETO VINTE E CINCO ANOS. FACILMENTE ME RECONHECEM: SOU O UNICO QUE SORRI... INFELIZMENTE O FOTOGRAFO NÃO POUDE ESPELHAR A AMARGURA DE MEUS DIAS, AQUI, CONSTRUIDA PELAS INFINITAS SAUDADES DE VOCÊ, MAMÃESINHA QUERIDA..."

"AO POSAR PARA ESTE RETRATO, PROCUREI ESTAMPAR NA MINHA FISIONOMIA TRISTE E AMARGURADA, O SORRISO DA FELICIDADE, PENSANDO EM VOCÊS QUE NUNCA ME ESQUECERÃO. ESTA É A RECORDAÇÃO DOS MEUS VINTE E CINCO ANOS, QUE LHES MANDO AQUI DE LONGE, ONDE PROCURO SERVIR O MEU BRASIL. COMO PASSAM OS DIAS!" — (*dedicatória que Jorge Mattar redigiu, do proprio punho, no verso da fotografia acima.*)

ITALIA, 1 de Novembro de 1944.

MAMÃE, irmãs, irmão, sobrinhos, cunhados.

"Uma intima revolta punge esta cruciante dor, desespero de quem cedo demais compreendeu esta amarga vida!...

Aqui tudo é silêncio; esta nostálgica e melancólica solidão fala-me de sombrias reminiscências ou, despertando do fundo d'alma, deseja conduzir-me á senda de fugazes sonhos.

A deuza da ventura fugiu de minha vida. Procurei-a, pelos dias que passam, para sempre perdidos, que se não renovam nunca mais, se esvaem como as procelosas vagas do mar, e sorridente, irônica e falsa, mirou-me do altar da saudade, como se zombasse dos meus tristes acenos, como se fosse inacessível aos meus pobresintentos...

Tal como fracassado, busquei, então, o bálsamo desta cruciante dor, na folhinha do Tempo, fixando-a com os meus olhos sonhadores.

Cada dia que passa, mais longe, bem longe, fica a esperança de voltar... de sentir, outra vez, um maternal abraço, manifestações vivas de carinho fraternal, de sensibilizar-me com o calor do lar!...

A imaginação, enganada por tantos e tantos desenganos, se amplia e os parcos pensamentos volvem ao passado e, pelas alternadas perspectivas da vida, avalia o quanto é pequenino esse mundo, esse desgraçado mundo construído de frívolas convenções.

O homem culto é um fracassado, porque sabe demais. Prevê os abismos da amargura e o traço psicológico do porvir!...

Tudo é interêsse, falsidade e desgraça.

Os homens se matam, a morte ronda e ceifa as preciosas vidas nos campos de batalha e de sangue...

E ainda se fala em felicidade!...

Vale a pena viver?

Os meus anos já iniciam o labirinto novo, um novo trilhar, o do Outono, encruzilhada mística da vida que já se cria, sorrateira e inclemente, e no entanto, nada mais sou do que um simples e insignificante joguete do Destino, prezo aos seus élos, imobilizado pelas garras do Tempo, vendo-o marchar e sem poder, ao menos, sentir o aroma da doce m cidade!...

O mundo sempre me foi um mistério; mas que me importa o mundo, seus efêmeros prazeres se êle não me liberta dos grilhões de sua implacável vontade?

Por que não me faz escravo dos meus próprios desejos?

Por que não posso ditar os meus atos, impulsionados pela emoção sensual, pela natural volupia dos jovens?

Viví os belos anos da juventude e não gozei as encantadas aventuras prodigiosas das mil e uma noites...

E, no entanto, a felicidade já morou em minhas mãos.

Hoje, a Saudade parece sussurrar-me, mansa e cautelosa, algo baixinho, talvez um aviso do além, ou, quem sabe?, uma confidência de alguem que fosse irmão gêmeo na compreensão da vida...

"Meu filho, já fui um dia o que tu és hoje: forte, másculo e incompreendido: e amanhã, serás o que hoje sou: — pó, pó... compreendeste!? e nada mais..."

E' por isso que as minhas concepções são ultra-realistas. A vida é curta e dela nada se leva...

E' chegado, infelizmente, o momento de descortinar o meu mundo de realizações. Se os fados permitirem o meu retôrno, viverei um romance poderoso e atualíssimo.

Da tristeza testificada nos olhos farei a aurora deslumbrante de uma nova época, livre e só, unindo a fantasia dos meus sonhos à realidade hostil dos fatos.

Mamãe, um dia que passa é o prelúdio do abismo da vida, é uma jóia, que o Tempo, velho mercador usurário, rouba de nossas vidas.

Que dia é hoje, mamãe? 1.º de Novembro?

Então, seu filho, o soldado expedicionario do Brasil, Jorge Mattar, faz, hoje anos... Vinte e cinco anos de idade!... O livro da vida já está riscado pela metade, pelo inexorável Destino...

Foi cumprida a primeira e melhor etapa da vida. Eis que se inicia uma nova senda do Outono.

Que idade empolgante!

E que chocante contraste, hein?

A data mais venturosa da minha vida, e eu aqui, triste e solitário, sem o carinho da minha extremecida familia... Que ironia!

Onde estão seus beijos, mãe?

Irmãs, vocês não me abraçam pela data de hoje?

Onde estão os presentes?

Mas, ó crueldade, só vejo dois presentes.

Um, foi oferta do Tempo: — o estigma desta dor.

Outro foi o da Saudade: — as minhas amargas lágrimas.

❁

Contrariando vontades, aqui traço meu ideal, concreto e definitivo sobre o o porvir:

1.º — Não pretendo, jamais, me casar.
2.º — Viver, exclusivamente, para mamãe.
3.º — Estabelecer-me comercialmente.
4.º — Não assumir nenhum compromisso conjugal.
5.º — Ser o maior amigo de toda a familia.
6.º — Viver discretamente.

❁

Meus caros parentes, aqui está traçada a minha futura vida. Serei o filho, irmão e tio solteirão.

Se, no entanto, não regressar ao doce lar, desta tremenda catástrofe, meus restos mortais verterão ao pó, que é a certeza da brevidade da vida.

Definida, de uma vez para sempre, aceitem meus queridos, meus inesquecíveis, meus idolatrados parentes, os meus efusivos abraços, os sinceros beijos pela data de hoje, em que quizera dar-lhe á queima-roupa, a emoção deste momento.

Do Jorge Mattar.

❁

N. B. — Apexas a esta carta envio-lhes duas fotografias que deverão agradar-lhes imensamente e são a maior surpreza da melancólica data de hoje!

a Semana em Revista

Devemos ser ufanistas?

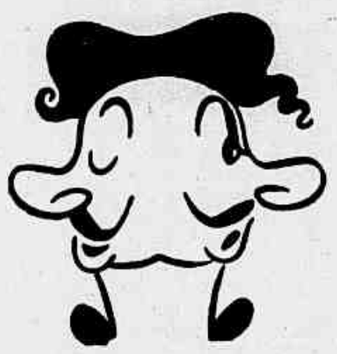
O futuro do Brasil, como potencia, tem sido têma de números estudos sérios, onde nossos pontos fracos e as nossas reais possibilidades são detidamente explanados. Não se presta como tema para divagações literarias nem tampouco para polemicas, porque a Realidade, quer bôa, quer má, deve ficar integra e, infelizmente, comporta desde as côres escuras até o tom mais roseo. A perfeição absoluta pode ser um ideal a atingir e em busca desta méta todos devemos cerrar fileiras na luta em comum, pois só o trabalho constróe, e o trabalho mais produtivo é o que tem por base o conhecimento exato e orientação segura quanto à finalidade a atingir. Estas palavras vêm a propósito de uma cronica do Snr. Origenes Lessa, a respeito de um "film" americano, bastante encomiastico no expôr aspectos do Brasil e que esse confrade, sem malicia, aliaz, comentou, dizendo temer pelo excesso de perfeições apresentadas, achando o "porque-me-ufanismo" pernicioso mal que responde por muitos êrros que pesam em nosso presente tão cheio de incertezas. A escritora D. Maria Eugenio Celso, filha do grande brasileiro Affonso Celso, em defesa de seu ilustre pai, revidou o juizo externado pelo Snr. Lessa, mostrando que o erro não era o "ufanismo;" e sim a beatitude e tatica diante das grandesas e riquesas potenciais quando somente o labor fecundo, beneficiando, aproveitando e transformando essas riquesas naturais em valores economicos, é digno de admiração.

As escusas apresentadas pelo snr. Lessa desfizeram o mal entendido, mostrando que é possivel, no elevado terreno da educação, debaterem-se assuntos ainda quando melindrado um dos antagonistas com qualquer conceito do interlocutor. Ambos os pontos de vista são respeitaveis e verdadeiros, e, se as conclusões de um parecem excluir as do outro, na verdade se completam.

Nenhum país gosta de expôr as falhas ou defeitos próprios ainda quando reconheça a veracidade das críticas que os apontam. Naturalmente encarado dessa fórma somos imensamente gratos aos idealisadores e realisadores desse "film" tão belo e verdadeiro; verdadeiro sim, porque embora deixando de mostrar as nossas insuficiencias e falhas não inventou absolutamente o que nele se contém. A verdade comporta varias facêtas e não ter abordado todas elas não lhe tira o mérito.

O receio manifestado pelo snr. Lessa é até certo ponto justificavel, embora seja um ponto indiscutivel a preocupação de esconder defeitos, mormente quando isso não fére a ninguem. Continuemos ,pois, "ufanistas" do que possuimos de bélo e admiravel, lutando sempre para destruir tudo que possa constituir motivo de vergonha ou não dêva ser apresentado aos olhos das outras nações. Que outros realisem a sua parte neste trabalho pertinaz, de transformar todas as falhas em motivos de admiração, e não estarão longe os dias em que receios dessa natureza sejam de todo impossiveis de ocorrer a qualquer. Ser ufanista é admirar o bélo. Haverá neste mundo, algo de mais agradavel, digno de tomar o nosso tempo precioso e curto, que descansar das lutas quotidianas mergulhando o espírito na contemplação das cousas belas e portanto eternas?

Boniiito!



O caso foi noticiado sumariamente, de maneira discréta; quando merecia divulgação muito maior. Concorrendo nesse sentido é que desejamos reproduzir o episódio tal como foi narrado pelos nossos confrades de "O Globo": "Ao ministro Barros Barreto, presidente do Tribunal de Segurança Nacional, o procurador Ademar Vidal vem de denunciar José Vanzo, comerciante brasileiro e domiciliado em São Paulo, acusado de ter injuriado o Brasil, fazendo comentários deprimentes em relação ao nosso poder militar. Como esclarece a denuncia, o réu teria dito, entre outras frases, que "éra muito bem feito terem os submarinos alemães afundado os nossos navios, por ter o Brasil rompido relações com a Alemanha e a Italia", e ainda que "se o Brasil ganhasse a guerra, ele, Vanzo, nada perderia porque era brasileiro e, se perdesse, tambem estaria bem, porque era filho de italiano". Apurou-se ainda, no inquérito, que o acusado exerceu as funções de sub-prefeito de Cabralia, naquele Estado, e que se prevalecia dessa posição, mantendo uma bomba de gasolina para distribuir este combustivel apenas com os seus amigos, ex-integralistas, como ele".

Parece incrivel, mas isso que se acaba de lêr aconteceu no Brasil. E semelhante tipo nasceu aquí mesmo, embora não o consideremos digno de merecer a nossa nacionalidade. Brasileiro algum, dotado do mais comesinho sentimento de patriotismo, não desse patriotismo teórico e falso, de retórica, mas o que nos vem do berço, forjado ao calôr do seio materno, poderia repetir as palavras de José Vanzo, cujo nome não devemos esquecer. E a sorte de Vanzo é ainda a de ter nascido em uma terra onde ha nobreza de atitudes, mesmo em certos casos excesso de magnanimidade, pois si os papeis se invertessem e um alemão ou italiano, ainda sob o regime fascista, agisse de igual modo, em seu país de origem poucas horas lhe restariam de vida. O que mais revolta, no caso em apreço, é a confiança na impunidade de seu ato e das suas palavras torpes. Quantos José Vanzo não devem existir pelo Brasil, repetindo, embora mentalmente, as palavras desse degenerado, mas dispostos a dar pela causa nazi-fascista, a mesma colaboração! Como si não bastassem as ofensas ás classes armadas brasileiras, ha ainda a façanha do meliante, "tendo uma bomba de gasolina para distribuir esse combustivel apenas com os seus amigos, ex-integralistas, como ele".

Não éra um João-Ninguem quem falava e agia desse modo, mas o antigo sub-prefeito de um município paulista, onde seu campo de ação, em outros tempos, teria sido dos mais amplos e perigosos. Certo, o Tribunal de Segurança ha de aplicar o merecido corretivo a José Vanzo, castigo que servirá de advertencia aos demais, não denunciados e por isso mais felizes. Precisamos, de qualquer modo, continuar alerta. O "specime" não terá sido o único. Os rapazes brasileiros que enfrentam, agora, um inverno terrivel sob a ação do fôgo inimigo, não podem ficar á mercê da obra dissolvente de quem se julga, em qualquer caso, livre de punição, "por ser brasileiro" com a vitória dos Aliados, ou "por ser filho de italiano", si vencessem os nazi-fascistas, hipótese hoje afastada de cogitações.

Mas como comem!

Já um cronista mundano frisou a inoportunidade de serem comemorados os mais bisonhos e triviais acontecimentos coletivos ou individuais, nestes amargos dias de racionamento e escassez de tantos imprescindiveis gêneros alimentícios, com opiparas reuniões onde os "mastigos" constituem o melhor da festa. Ora, em regra geral, nos banquetes é onde se come pior. O conviva inteligente costuma primeiro fazer sua refeição habitual para, depois, enfrentar os venenos dourados que lhe vão ser oferecidos no agape pela data natalicia de alguem ou de alguma coisa. E tem então a cautela de fingir, apenas, que está se banqueteando, tirando uma lasquinha do perú e bebendo alguns góles de inofensiva agua mineral. Quem ruma para um "almoço", realmente disposto a comer, pelas dúvidas terá deixado em casa uma bôa dóse de sal de frutas, sem nenhuma intenção de reclame. E no entanto, apezar de toda gente saber que essas são grandes verdades em relação aos regabófes natalícios ou comemorativos de qualquer coisa de singular importancia, eles continuam sendo "leit motiv" de tantas solenidades! Sem falar na "sangria" que, muitas vezes, o convidado se vê na contingencia de sofrer, e outras tantas com o firme propósito de não comparecer á festa, enviando um representante ou o clássico telegrama de excusas "por motivo de força maior"... De qualquer modo,parece-nos já ser tempo de abolir esse arcaico sistêma, contemporaneo de nossos avós quando tanta coisa fóra de época foi suprimida dos usos e costumes do país. Ademais, não deixa de ser enervante para certa classe de povo, a mais sacrificada nesta hora amarga, folhear os jornais e deparar cada dia, com sugestivos flagrantes fotograficos de jantares e mais jantares nos quais se vêem, em mesas opiparas, toda a sorte de alimentos que andam desaparecidos do mercado. Pois si desapareceram, como podem subsistir para os jantares e almoços de homenagem ao ilustre aniversariante ou ao recem-chegado de uma viagem de negócios ou mesmo recreativa? E' preciso não esquecer que ha milhares de patrícios, espalhados pelo território nacional, a quem falta quasi tudo. Dinheiro não resolve, em certos casos. Só "em certos casos", realmente ,porque em outros, resolve e muito bem. No entanto, telegrama de São Paulo, que os jornais divulgaram esta semana, dão ciência do aparecimento de uma nova enfermidade, que pode ser a sexta molestia — a "quinta" é o Pif-Paf... — oriunda da sub-alimentação do povo, desnutrido pela falta de carne, leite, manteiga, ovos, frutas e etc. Tudo isso, inclusive os "etc",. costuma figurar no "menu" dos banquetes de que dão notícia os registos elegantes. E afinal, quem é que pode dar-se ao luxo de comer um tiquinho de carne de vaca (???) sem ser nas terças e sabados? Só mesmo frequentando os banquetes. Vamos abolí-los até segunda ordem? Por exemplo: Aplicando as verbas para almoços e jantares comemorativos de qualquer motivo desinteresantes na compra de remédios para os sub-alimentados. Valeu a idéia?

O Natal do Expedicionario

Aproxima-se Dezembro, e com ele a maior data da Cristandade — o Natal, cujas festividades sempre foram motivo de alegria para todos nós, pois conseguiamos reunir em nossos lares todos os que nos são caros. Possuidos do maior contentamento, comemoramos as vitórias obtidas no ano que se finda e enchemos a imaginação de projétos de felicidades e sonhos para o ano vindouro; na eterna esperança de que o porvir sempre nos dará mais em compensação aos nossos esforços e concretisará nossos anseios mais caros. Quando nossos pensamentos divagavam nas quiméricas regiões do sonho e projétos de ventura assaltou-nos um pensamento extranho ás nossas preocupações: Como passarão o Natal as famílias dos que têm seus pais, filhos, irmãos, esposos e noivos na frente de batalha? Que Natal vão passar em longinquas paragens, os nossos irmãos, filhos, pais, sob a inclemencia da temperatura de muitos gráus abaixo de zéro, enfrentando um inimigo pertinaz e que está vendendo caro a derrota, sem saber onde estarão amanhã, subordinados apenas ás necessidades da luta em que se empenham? Esses pensamentos incomodos arrefecem o nosso entusiasmo e afastam de nós, como idéias sacrilegas, satanicas tentações, os projétos de festejar o Natal deste ano enquanto distantes de nós, passando vicissitudes e privações, lutam pelo nosso bem-estar presente e grandesa futura, os nossos irmãos.

E' uma idéia constrangedora imaginar que possamos estar comemorando alegremente essa data tão cara ás nossas tradições de povo cristão, e que nessa mesma hora em dificeis missões se encontrem os que nos pertencem tambem, quando não pelos laços do sangue, pelos mais intimos laços espirituais.

Se alguma idéa pudesse ser sugerida com referencia ás comemorações de Natal deste ano, alvitrariamos que todos nós, com os recursos de que dispomos, fizessemos um fundo de coleta para porporcionar aos Expedicionarios do Brasil um Natal que certamente não seria igual ao que passasem junto a nós, porem constituiria uma solidariedade, um conforto e um estímulo para as arduas taréfas que ainda lhes resta enfrentar até o retorno vitorioso. Dessa fórma, sem ceias ou consoadas, porem com um pouco mais de espiritualidade, as comemorações se coadunariam melhor ao estado de espírito da família brasileira, e teriamos experimentado em escala bastante reduzida as privações morais, por que materialmente nada falte ao expedicionario brasileiro, aos nossos patrícios que lutam em campos da Europa afim de amanhã sermos uma grande potencia.

REVISTA DA SEMANA

ANO XLV -- 25-11-944 -- N. 48

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr$ 63,00; Seis meses — Cr$ 32,00
Registrada:... Um ano — Cr$ 80,00; Seis meses — Cr$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr$ 170,00; Seis meses — Cr$ 90,00

O número avulso custa Cr$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr$ 2,00
Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel.. 4-7866
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL
REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevidéo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NUMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

O CORPO DE COLABORADORES DA REVISTA DA SEMANA ESTÁ ORGANISADO. SÓ PUBLICAMOS COLABORAÇÕES SOLICITADAS PELA REDAÇÃO. NÃO NOS RESPONSABILISAMOS PELA DEVOLUÇÃO DE ORIGINAIS, MESMO QUANDO NÃO PUBLICADOS.

Mocinhas e Mulheres

As congestões e inflamações de certos orgãos internos

Certos orgãos internos das mulheres congestionam-se e inflamam-se com muita facilidade.

Para isto, basta um susto, um abalo forte, uma queda, uma raiva, uma comoção violenta, uma noticia má ou triste, molhar os pés, um resfriamento ou alguma imprudencia.

Moléstias graves podem começar assim.

Justamente os orgãos mais importantes são os que se congestionam e inflamam mais depressa, sem que a mulher sinta nada no começo.

Nada sentindo no começo da congestão interna ou da inflamação, a mulher não se trata a tempo de evitar que a doença se agrave e vá peiorando cada vez mais.

E' esta a causa das moléstias mais perigosas!

Para tratar as congestões e as inflamações útero-ovarianas, use *Regulador* **Gesteira** sem demora.

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendencia a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, fraqueza geral e desânimo provenientes do mau funcionamento dos orgãos útero-ovarianos, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho, cansaços e outras sérias alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações.

Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira

Sumário

Fabricantes de Inutilidades (R. Magalhães Jr.) 3
O homem da orelha de cêra (Paul Reboux e Charles Muller) 15
Uma cadeira de rodas para o José (Geraldina Max) 19
Delírio (Marc Rodney) 34
Depoimentos (Escragnolle Doria) 35
Livros Novos (J. L.) 38/39

REPORTAGENS:

Jockey Club 8
Pif-Paf, a 5.ª molestia dos gran-finos (Pereira de Andrade) 9/14
Rio—Terezopolis (Gilberto F. Pimentel) 16
Figuras e Fatos 17
Odilon fala-nos da Agressão Sistemática ao Teatro Profissional 29

FEMININAS:

Nos Bastidores Femininos 31
Maillots para o verão 32/33
Modelos 40/44
Modas e Novidades (Figurinos) 42/43

CURIOSIDADES:

Week End de Noel Coward 20/21
Novos Panoramas do Rio 26/27

Artes Plasticas 28
Uma exposição de fotografias brasileiras em Londres 50

SEÇÕES

A Semana em Revista 6
A Guerra em Marcha 23/25
De Rádio (Djalma Maciel) 30
De Teatro (Anselmo Domingos) 47

CARICATURAS:

Charge 22

A ENTREVISTA DE ODILON E O MOMENTO TEATRAL

Publicamos, nesta edição, uma interessante reportagem obtida com o festejado ator Odilon Azevedo, onde se focalisam assuntos de plena atualidade, relacionados com o panorama do Teatro. Cabe-nos esclarecer, todavia, que ela já estava em nosso poder quando, no número anterior, divulgamos uma outra, essa com Santa Rosa e Nelson Rodrigues, sobre *Os Comediantes* e outros assuntos tambem de teatro. A grande antecedencia com que se processa a confecção de uma revista do genero da nossa, impõe-nos a aquisição do respectivo material em certos casos até com duas semanas antes de sua publicação. Fazemos esse registo para subrinhar que as palavras de Odilon Azevedo não constituem resposta ás referencias feitas a êle e Dulcina, pelos entrevistados do número anterior, pois já haviam sido emitidas no dia 4 do corrente, ao microfône da "Rádio Globo", por Odilon, em "Cine-Rádio Jornal".

A repercussão da reportagem sobre *Os Comediantes* foi intensa, atingindo São Paulo, onde, segundo nos informam, foi recebido o seguinte telegrama assinado por dois elementos desse grupo artistico: "Dulcina-Odilon, Teatro Santana, São Paulo. — Pedimos não considerar nossa, opinião emitida por Nelson Rodrigues na REVISTA DA SEMANA. Cremos mesmo não constituir pensamento Comediantes. (a.) Stella e Carlos Perry".

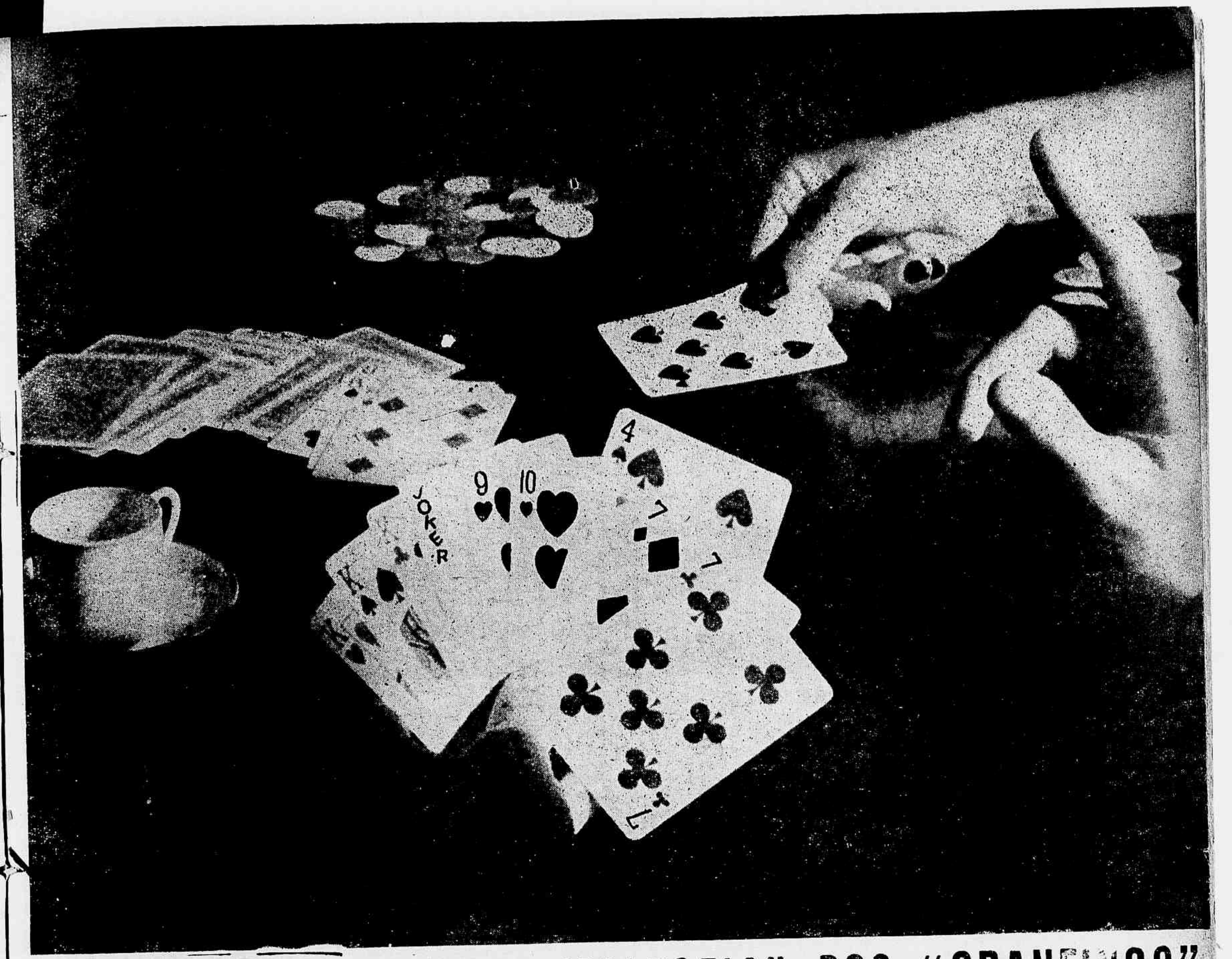
Convem adiantar que na noite da despedida de Dulcina-Odilon, no Teatro Ginastico desta capital, os Comediantes compareceram para, em cêna aberta, prestar homenagem a esse ilustre casal de artistas.

A nossa Capa

Anne Miller, *estrela* da Columbia, é distinguida hoje com a sua mais recente pôse reproduzida na sobre-capa da REVISTA DA SEMANA. Seus encantos pessoais, seu sorriso juvenil, e seus lindos cabelos, refletem de maneira sedutora naquela imagem que, por certo, ha de agradar bastante aos *fans* e a quantos se extasiam, frente a um bonito retrato feminino. Mas este número da REVISTA inclue farto e aproveitavel material de modas, distribuido por varias páginas do texto, inclusive com a apresentação de uma série de estonteantes *maillots* para a estação em curso. A destacar, do sumário, a reportagem palpitante de atualidade, sobre o jogo "alucinação do momento", o Pif-Paf, e seus reflexos nas camadas mais elegantes da metropole: os flagrantes fotográficos de uma peça de Noel Coward recentemente levada á cêna por Bibí Ferreira; a cronica de frontespicio, de R. Magalhães Junior e os novos panoramas do Rio, divulgados na dupla central e obtidos do terraço do Hotel Serrador, em plena Cinelandia.

Jockey Club Mundano

As tardes turfísticas do Jockey Club Brasileiro deram sempre a nota mais elegante do domingo carioca. Agora principalmente, que o verão se aproxima, o prado da Gávea apresenta em dias de corridas o aspecto brilhante de uma festa social, enfeitado pelo sorriso e pelas *toilettes* das belas *turfwomen*, que nunca perdem as emoções fortes do elegante esporte. Nesta página alguns flagrantes colhidos nas tribunas e na *pelouse* do Hipódromo da Gávea.



PIF-PAF, A "QUINTA MOLESTIA" DOS "GRANFINOS"

TRUCS E ARDÍS DO JÔGO EM GRANDE MODA NOS BAIRROS ELEGANTES — "DEPENADOS" OS INGÊNUOS E DE BOLSOS CHEIOS OS SABIDOS — APARTAMENTOS CEDIDOS A TANTOS MIL CRUZEIROS POR UMA NOITE — JOIAS E ROUPAS DEIXADAS NA "BANCA" — "A COOK CAN PLAY" QUER DIZER: "UM COZINHEIRO PODE JOGAR" — NA HORA DE "REPICAR" "A DOIDA" E "A LOUCA" — ELAS FICAM NERVOSAS E ÊLES . . "LIMPOS" — BEBENDO, FUMANDO E PERDENDO ATÉ MADRUGADA ALTA — SEDUZINDO OS AMIGOS, OS NOIVOS E OS "OTÁRIOS" — ENFIM, "É PRECISO A GENTE DIVERTIR-SE" . . . — UMA ADVERTÊNCIA AOS QUE AINDA NÃO SE CONTAMINARAM.

Fotos de ARNALDO VIEIRA

Reportagem de PEREIRA DE ANDRADE

Prosseguindo na diretriz de, por meio de inquéritos, reportagens e entrevistas, abordar os assuntos mais palpitantes, as personalidades em maior evidência e as questões de interêsse coletivo, a REVISTA DA SEMANA publica hoje uma reportagem sôbre o "Pif-Paf", a coqueluche dos gran-finos, atualmente. E' uma reportagem-documentário sem pretenções moralistas onde, entretanto, são relatados os fatos como se apresentam. A escolha dêste assunto para tema de uma reportagem obedeceu ao critério de atualidade.

E' fato notório que em todos os países e em tôdas as épocas as situações anormais, provenientes de guerra ,revoluções e outras convulsões sociais, dão origem a uma incrível variedade de atividades novas, umas honestas, outras condenáveis, tôdas, porém, sob o signo do aproveitamento de ocasião.

O estado de guerra em todos os países dá margem ao nascimento de indústrias inexistentes, à mudança de ocupação para outras mais rendosas no momento; o comércio aborda outras modalidades de vendas e compras e, como se fôsse um caldo de gigantesca fermentação, há uma inversão de valores, uma balbúrdia de situações em busca de um equilíbrio impossível de ser encontrado e de que se aproveitam os mais atilados para melhoria própria, ainda que em detrimento das coletividades. Não é, portanto, de estranhar encontremos hoje indivíduos, que antes da guerra não tinham eira nem beira, em situação invejável, não poucos milionários, desfrutando posição destacada e se aproveitando da situação para aumento de seus cabedais. Concomitantemente a essas atividades, é natural que surjam os aproveitadores de tôdas as épocas para criar meios e modos que permitam explorar a êsses ricos inexperientes de forma imperceptível, sob a capa de simples divertimentos ou auxílios a atividades mirabolantes, exploração de minas que enriquecem do dia para a noite; indústrias que permitem um lucro de mil por cento em relação ao capital empregado. E assim, por meio de mil e um artifícios e artimanhas, essa fauna social, que vive de expedientes e da argúcia que Deus lhe proporcionou, se infiltra em tôdas as camadas sociais e em todos os meios. E com a falaciosa "conversa mole" e faculdade de adaptação aos ambientes onde viveu, encontram a facilidade de penetrar em todos lugares pelo impecável "aplomb" do seu sempre renovado guarda-roupa.

Infelizmente, a sociedade dá muito aprêço ao dinheiro como estalão de medida de valores, e o resultado é que dentro de pouco tempo êsses "nouveaux-riches" penetram em todos os cantos, desde os clubes e cassinos elegantes até aos lares da mais alta sociedade, com a faculdade só concedida aos bafejados pela deusa Fortuna.

Como natural consequência, juntamente com êsses elementos, penetram os seus "attachés", que assim se insinuam nos meios que por outra forma lhes seriam vedados. Em pouco tempo conhecem todos os hábitos, os pontos fracos dos seus acolhedores e procuram blandiciosamente introduzir divertimentos e atividades que lhes proporcionam ocasião de se imporem de vez aos seus novos amigos e extraírem em proveito próprio o que for possível desta descuidada sociedade. Esses conceitos que vimos emitindo não constituem segrêdo para ninguém, mas são observáveis com a maior facilidade e servem para explicar como foi possível a rápida e alucinante difusão desta última coqueluche dos gran-finos — o "Pif-Paf".

O JOGO QUE EM TÃO POUCO TEMPO CONSEGUIU EMPOLGAR O MUNDO ELEGANTE ENFILTRA-SE EM TODAS AS CAMADAS SOCIAIS. A REUNIÃO COMEÇA POR VOLTA DAS VINTE E VAI TERMINAR DIA CLARO, RARO É O EDIFICIO DE APARTAMENTOS, EM COPACABANA, QUE NÃO POSSUE UM OU DOIS PONTOS DE REUNIÃO PARA AS FREQUENTES NOITADAS NA ALUCINAÇÃO DO JOGO QUE TOMOU DE ASSALTO MEIO MUNDO E AMEAÇA CONTAMINAR OUTRA METADE...

A primeira vez que nos perguntaram se conhecíamos o jôgo "Pif-Paf", achámos graça porque a expressão onomatopaica, de saber puramente infantil, nos levou a julgar que se tratasse de algum divertimento para crianças, onde a imaginação dos mamanjos "blasés" houvesse introduzido qualquer modificação para em proveito próprio se distrairem. A realidade, entretanto, é bem outra e, se falta qualquer resquício de divertimento infantil, tem por outro lado a diabólica sedução de proporcionar jogadas imprevistas; de ser incrivelmente rápido em relação a outros jogos nas suas rodadas e, principalmente, a facilidade de compreensão de suas figurações, acessíveis a qualquer um.

E' fácil compreender por que em pouco tempo êsse jôgo conseguiu empolgar tôda a alta sociedade e se infiltrar em tôdas as camadas sociais. Naturalmente que dentro das regras gerais cada meio introduz variantes que tornam o jôgo mais atraente ou empolgante, aumentando os atrativos que êle tem e permitindo variar as jogadas evitando a monotonia, porque é sobretudo a busca de novas emoções, de outras sensações que leva a todos aceitá-lo como uma "boa nova" e a conquistar outros prosélitos...

E a curiosidade, que não é apenas feminina, nos levou a perguntar dezenas de vêzes quem era o autor dêste jôgo, resposta infelizmente não obtida porque os jogadores de Pif-Paf não se diferenciam de outros mortais em coisa alguma, e, se não nos importamos em saber de onde provém o trigo que comemos, o algodão ou seda de nossas roupas,

O GRUPO REUNE-SE PARA "MATAR O TEMPO". MAS QUEM "MORRE" SÃO OS QUE IGNORAM CERTOS "TRUCS" DA EPIDEMIA QUE, Á MANEIRA DO "ALASTRIM", SE ALASTROU PELO MUNDO "GRAN-FINO" DA CIDADE. NO MEIO DA NOITADA, PÕE-SE DE LADO A ETIQUETA E TIRAM-SE OS CASACOS. FUMA-SE, TOMA-SE CAFÉ, PEDEM-SE APERITIVOS — E JOGA-SE SEMPRE. DE SUBITO, PIF... PAF! APARECE A "DOIDA" E AS APOSTAS LEVAM ALGUEM Á "LIMPA"...

AS HORAS PASSAM VERTIGINOSAS. OS NERVOS DESCONTROLAM-SE, NA ESPECTATIVA DA "BATIDA". QUEM VAI GANHAR? E QUANTOS IRÃO PERDER? O GOLPE FOI PREPARADO PARA O MAIS INGENUO...

"QUER VER? PAGUE O DOBRO!" E TODOS PAGAM, E CADA UM "QUER VER MAIS", DUPLICANDO SEMPRE A IMPORTANCIA DAS APOSTAS. EIS PORQUE, EM DOIS MINUTOS, OS PARCEIROS PODEM SER "LIMPOS" EM DÉZ OU VINTE MIL CRUZEIROS, QUE PASSAM, DIREITINHOS, PARA OS BOLSOS DO "SABIDÃO" DA MESA...

por que razão iriam êles se preocupar em saber quem era o autor do jôgo, sendo um conhecimento dispensável para sua compreensão?

Insistimos em saber pelo menos por que razão o jôgo foi batizado com êsse nome tão "sui-generis", e ainda aqui tivemos outro mundo de dificuldades a vencer. Entretanto, um jogador com tiradas de filósofo procurou explicar que naturalmente derivava do fato de que, sendo batido o jôgo com uma carta a qual poderia ser descartada por qualquer dos parceiros ou comprada ao baralho, o momento culminante se resumia em dois gestos: a compra da carta ao baralho ou o descarte de um dos parceiros e a batida por completamento do jôgo do felizardo que dependia somente desta carta. Dois gestos rápidos, em sequência rápida... Pif-Paf... e essa carta, tão ansiosamente esperada e desejada, tem o nome sugestivo de "a doida" ou "a louca". Isso define o estado de espírito que empolga os jogadores do Pif-Paf, verdadeira psicose coletiva, mais contagiosa que o "alastrim", sem o caráter benigno dêste último... Na falta de outra explicação mais razoável, acoitamos essa que, se não é positiva, dá, pelo menos, uma idéia relativa.

Para bem informar em que consiste êsse jôgo, procuramos frequentar os lugares onde é praticado, o que não oferece dificuldade, visto que em qualquer clube do Rio, São Paulo ou Niteroi é possível encontrar rodas de "iniciados". Todavia, quando é feito nos clubes, lugares mais ou menos expostos à curiosidade de qualquer, não apresenta as características empolgantes e alucinantes que se observam em recintos mais escondidos e inacessíveis a quem não disponha de conhecimentos com os habituais parceiros destas rodas.

Para conseguirmos penetrar em alguns, tivemos de burlar a argúcia e desconfiança que inspiram a êsses elementos a existência de uma figura estranha à roda, e graças ao nosso cicerone, pessoa conceituada e frequentadora de várias delas, onde é bem recebido e apreciado pela sólida posição financeira e social que desfruta, isso foi por nós conseguido.

Tais lugares que frequentámos são todos localizados em Copacabana, onde, segundo nos informou o nosso guia nessa aventura, raro é o edifício de apartamentos que não possue um ou dois como ponto de reunião para as frequentes noitadas na alucinação do Pif-Paf...

Todavia não é fácil perceber, principalmente para quem não esteja de caso pensado, onde são êsses locais, porque as precauções tomadas para não despertar a atenção dos vizinhos, são minuciosa e cuidadosamente estudadas.

A hora marcada para início de reunião é geralmente depois de vinte até às vinte e duas horas, e os parceiros não veem juntos. Ao contrário, chegam a combinar previamente os intervalos que devem existir para a entrada de cada um.

Naturalmente num edifício com dezenas de apartamentos o ingresso de uma pessoa não desperta a menor atenção, e assim, dentro de uma hora, estão reunidos os parceiros sem que a chegada à reunião provoque a menor desconfiança, mesmo nos edifícios onde existem portarias... Quando terminam, geralmente às duas ou três horas da madrugada, a mesma precaução se observa, saindo cada qual com intervalo médio de quinze minutos, e sumindo rapidamente...

Outra precaução é a de evitar reuniões seguidas no mesmo lugar, o que, apesar de tudo ser feito com a maior discreção, importaria em tornar conhecidas as pessoas que frequentem êsses pontos. Não é de admirar, portanto, que aos leigos no assunto possa parecer fantasia o que, sem pretenções, estamos escrevendo.

O aliciamento de novos parceiros é uma tarefa delicada, mas, como regra geral, podemos dizer que é sempre através do elemento feminino que se consegue trazer novos praticantes, usando recursos os mais variados, desde a simples ligação de amizade aos mais íntimos laços afetivos.

Convem explicar o papel que desempenham os que fornecem local para o jôgo e as vantagens que usufruem para que se possa compreender como aquêle aliciamento é processado.

Nestes períodos agitados e confusos, como o que vivemos agora, em que o "standard" de vida se altera violentamente dia a dia, julgam os que não podem se conformar com um padrão de vida sóbrio ou recatado, que qualquer meio de aumentar os rendimentos será bastante honesto. E assim se aproveitam da circunstância de não serem realizados êsses jogos em qualquer lugar, para oferecer seus apartamentos onde os amigos encontrarão, com suficiente comodidade e discreção, tudo o de que carecem: sala confortável, baralhos, fichas, bebidas, cigarros, uma empregadinha discreta servindo atenciosamente aos parceiros, procurando mesmo adivinhar o pensamento dos jogadores para satisfazê-los.

Naturalmente êstes ficam constrangidos com tantas amabilidades e atenções que lhes cumula o dono ou dona da casa, e propõem, como indenização, que se pague a êste, a título de "barato", dez ou vinte por cento do movimento de apostas. Isso proporciona quantias que variam naturalmente com o jôgo forte ou fraco da noite, mas qualquer dêles rende mais de dois mil cruzeiros por noite, dando perfeitamente para as despesas e ainda oferecendo um lucro razoável. Em certas rodas onde o jôgo é forte êsse "barato" alcança sem dificuldades a casa dos dez mil cruzeiros, e é natural que uma fonte de renda dessa natureza, na qual não se despende o menor esfôrço e o dinheiro se ganha facilmente, constitui hoje um meio de vida para dezenas, quiçá centenas de pessoas.

E' fácil compreender que sejam essas mesmas pessoas que fornecem local para o jôgo, as primeiras a arranjar novos parceiros endinheirados, pois assim estão alimentando o "fogo sagrado" que lhes proporciona tão poulpudos ganhos... Discretamente, convidam uma amiguinha ou conhecido para irem a sua casa se distrair um pouquinho num familiar Pif-Paf, coisa íntima, só pessoas muito amigas... Quando o rapaz ou moça é noivo, o convite é extensivo a êste, e assim o recrutamento de novos parceiros é mantido em permanente atividade. Se êsses novos saem gostando, são por sua vez encarregados de trazer outros amiguinhos, e assim se estabelece uma cadeia, não da felicidade porém de novas vítimas...

Isso que vimos descrevendo se passa num meio honesto, que se contenta com o "barato", e assim ganhará a vida. Há, porém, casos já conhecidos de donos de casas que se mancomunam com jogadores profissionais e, servindo-se de outro elemento que é recebido como pessoa nova na roda, "esfolam", é o têrmo exato, os demais parceiros por meio de truques vários. Para aplicação dêsses truques basta uma combinação de gestos a serem feitos de forma

O JOGO É SIMPLES. CONSISTE EM COMPLETAR COM AS NOVE CARTAS, TRES SÉRIES DE JOGOS QUE PODEM SER TRINCAS DE NAIPES DIFERENTES OU TRES CARTAS SEGUIDAS DO MESMO NAIPE, FORMANDO SEQUENCIA. OU ENTÃO, FORMAR UM "FLASH" — NOVE CARTAS DO MESMO NAIPE, SEM REPETIÇÃO DE VALORES. FACILIMO...

que o outro parceiro saiba o naipe e até o valor que êle precisa para bater. O profissional faz cálculos rapidamente e pelo descarte dos parceiros calcula o jôgo que êles estão fazendo. Assim, procuram "amarrar", evitando que êles possam "bater" antes dêle mesmo.

Se estiver mancomunado com outro, é uma maravilha. E' só "depenar" os coitados que estão na mesa o o dono da casa naturalmente sabe de tudo, sendo regiamente aquinhoado para não só guardar silêncio como, ainda mais, continuar arranjando outras vítimas.

Talvez os leitores julguem ser fantasia o que relatamos; entretanto, podemos afirmar que o único exagêro aqui existente é negativo: não dizer tudo o que se passa nesses lugares, verdadeiros antros, embora se revistam das melhores aparências, ofereçam o maior confôrto e, não raro, proporcionem ensejo para outras aventuras no terreno sentimental...

Que sedução existe nesse jôgo para tanto se difundir e cada vez mais encontrar outros parceiros, desejosos de fazerem parte dessas reuniões? A pergunta nós a fizemos a vários jogadores, afim de aquilatar as razões que facilitam a sua disseminação e, francamente, não nos deram explicações que satisfizessem.

Do que nos responderam podemos resumir, à guisa de conclusões, o seguinte:

a) — preferem o Pif-Paf a jogar nos Cassinos, porque o local, sendo fechado, não os expõe à curiosidade; b) — jogar o Pif-Paf é muito melhor, porque as regras a que obedece, simplificando o jôgo de onde se origina — **"A cook can play"** — permite rodadas rápidas, evitando o cansaço e o esfôrço de atenção que outros jogos de cartas acarretam; c) — sendo o jôgo "batido" por meio da carta "louca", o desfêcho se apresenta inopinadamente, provocando emoções fortes; d) — não existindo quem "banque", porque todos dão cartas, o "repicar" das apostas está na dependência apenas da vontade dos parceiros, e daí resulta que em alguns lugares a "parada" inicial é de mil cruzeiros e o "casife", ou seja a compra inicial de fichas, chega a atingir centenas de milhares de cruzeiros... e) — finalmente, é o jôgo da moda e naturalmente é preciso acompanhá-la ou então arriscar-se a não ser mais considerado como gran-fino...

A título de curiosidade e não como meio de disseminação dessa nefasta e perniciosa distração, arranjada para os gran-finos, vamos resumir em que consiste êsse tão decantado jôgo.

O Pif-Paf nasceu de uma modificação das regras do **A cook can play**, em que só é permitido "batê-lo" com nove cartas, sendo esta última, a que chamam "louca", obtida por compra ao baralho ou por descarte de qualquer dos parceiros. Mesmo quando não esteja na vez de jogar, aquêle que por meio dela o completa ganhou. As figurações são idênticas às do **A cook can play:** completar com as nove cartas três séries de jogos que podem ser trincas de naipes diferentes ou três cartas seguidas do mesmo naipe, formando sequência. Ou então, formar um "flash", ou sejam nove cartas do mesmo naipe, sem repetição de valores.

A simplicidade do jôgo em si não explica a alucinação que desperta e as variantes introduzidas nas diversas rodas são de somenos importância. Não justificam o empolgamento indescritível que se apossa dos jogadores enquanto se processam as rodadas. Entretanto, a causa dessa loucura não provém do jôgo em si: vem das apostas que se ajustam antes de começar a partida e não raro com o entusiasmo dos que estão ganhando e o consequente desespêro dos que estão perdendo e querem ressarcir os prejuizos que já tiveram; essas apostas aumentam e chegam a atingir movimento dez vêzes maior do que o de início.

Em síntese, naturalmente sujeito às modificações insignificantes introduzidas em cada roda, o jôgo se processa da seguinte maneira: inicialmente, antes que sejam distribuidas as cartas, os jogadores "pingam"; a seguir o "mão" que está dando cartas distribui sete das mesmas a cada parceiro e pára, afim de cada um estudar o jôgo que tem e possa apostar. O da esquerda, achando que tem jôgo, aposta a parada combinada que varia desde cem cruzeiros até dez mil; o outro a seguir, quando julga ter melhor jôgo, aposta a parada do anterior mais igual importância, e assim sucessivamente, importando cada aumento de aposta de um dos parceiros em que os outros igualem a parada ou se retirem abandonando o jôgo. Completada a aposta em tôda a roda é distribuida a oitava carta, e fazem-se outras apostas. Finalmente é distribuida a nona carta com outra rodada de apostas.

A simples descrição desta operação preliminar mostra como crescem as "paradas" e a que alucinação elas conduzem. Continua o jôgo com a compra de cartas e descar-

O PIF-PAF NASCEU DE UMA MODIFICAÇÃO DAS REGRAS DE "A COOK CAN PLAY" EM QUE SÓ É PERMITIDO "BATER" COM NOVE CARTAS, SENDO ESTA ULTIMA, A QUE CHAMAM "LOUCA", OBTIDA POR COMPRA AO BARALHO OU POR DESCARTE DE QUALQUER DOS PARCEIROS. MESMO NÃO SENDO VEZ DE JOGAR, AQUELE QUE POR MEIO DESSA CARTA COMPLETA O JOGO GANHOU. AS FIGURAÇÕES SÃO IDÊNTICAS ÀS DO "A COOK CAN PLAY" NA GRAMÁTICA [illegible] UM "GOLPE" DE "MESTRE"...

"QUER VER? PAGUE O DOBRO!" E TODOS PAGAM, E CADA UM "QUER VER MAIS", DUPLICANDO SEMPRE A IMPORTANCIA DAS APOSTAS. EIS PORQUE, EM DOIS MINUTOS, OS PARCEIROS PODEM SER "LIMPOS" EM DÉZ OU VINTE MIL CRUZEIROS, QUE PASSAM, DIREITINHOS, PARA OS BOLSOS DO "SABIDÃO" DA MESA...

por que razão iriam êles se preocupar em saber quem era o autor do jôgo, sendo um conhecimento dispensável para sua compreensão?

Insistimos em saber pelo menos por que razão o jôgo foi batizado com êsse nome tão "sui-generis", e ainda aqui tivemos outro mundo de dificuldades a vencer. Entretanto, um jogador com tiradas de filósofo procurou explicar que naturalmente derivava do fato de que, sendo batido o jôgo com uma carta a qual poderia ser descartada por qualquer dos parceiros ou comprada ao baralho, o momento culminante se resumia em dois gestos: a compra da carta ao baralho ou o descarte de um dos parceiros e a batida por completamento do jôgo do felizardo que dependia somente desta carta. Dois gestos rápidos, em sequência rápida... Pif-Paf... e essa carta, tão ansiosamente esperada e desejada, tem o nome sugestivo de "a doida" ou "a louca". Isso define o estado de espírito que empolga os jogadores do Pif-Paf, verdadeira psicose coletiva, mais contagiosa que o "alastrim", sem o caráter benigno dêste último... Na falta de outra explicação mais razoável, aceitamos essa que, se não é positiva, dá, pelo menos, uma idéia relativa.

Para bem informar em que consiste êsse jôgo, procuramos frequentar os lugares onde é praticado, o que não oferece dificuldade, visto que em qualquer clube do Rio, São Paulo ou Niteroi é possível encontrar rodas de "iniciados". Todavia, quando é feito nos clubes, lugares mais ou menos expostos à curiosidade de qualquer, não apresenta as características empolgantes e alucinantes que se observam em recintos mais escondidos e inacessíveis a quem não disponha de conhecimentos com os habituais parceiros destas rodas.

Para conseguirmos penetrar em alguns, tivemos de burlar a argúcia e desconfiança que inspiram a êsses elementos a existência de uma figura estranha à roda, e graças ao nosso cicerone, pessoa conceituada e frequentadora de várias delas, onde é bem recebido e apreciado pela sólida posição financeira e social que desfruta, isso foi por nós conseguido.

Tais lugares que frequentámos são todos localizados em Copacabana, onde, segundo nos informou o nosso guia nessa aventura, raro é o edifício de apartamentos que não possue um ou dois como ponto de reunião para as frequentes noitadas na alucinação do Pif-Paf...

Todavia não é fácil perceber, principalmente para quem não esteja de caso pensado, onde são êsses locais, porque as precauções tomadas para não despertar a atenção dos vizinhos, são minuciosa e cuidadosamente estudadas.

A hora marcada para início de reunião é geralmente depois de vinte até às vinte e duas horas, e os parceiros não veem juntos. Ao contrário, chegam a combinar previamente os intervalos que devem existir para a entrada de cada um.

Naturalmente num edifício com dezenas de apartamentos o ingresso de uma pessoa não desperta a menor atenção, e assim, dentro de uma hora, estão reunidos os parceiros sem que a chegada à reunião provoque a menor desconfiança, mesmo nos edifícios onde existem portarias... Quando terminam, geralmente às duas ou três horas da madrugada, a mesma precaução se observa, saindo cada qual com intervalo médio de quinze minutos, e sumindo rapidamente...

Outra precaução é a de evitar reuniões seguidas no mesmo lugar, o que, apesar de tudo ser feito com a maior discreção, importaria em tornar conhecidas as pessoas que frequentem êsses pontos. Não é de admirar, portanto, que aos leigos no assunto possa parecer fantasia o que, sem pretenções, estamos escrevendo.

O aliciamento de novos parceiros é uma tarefa delicada, mas, como regra geral, podemos dizer que é sempre através do elemento feminino que se consegue trazer novos praticantes, usando recursos os mais variados, desde a simples ligação de amizade aos mais íntimos laços afetivos.

Convem explicar o papel que desempenham os que fornecem local para o jôgo e as vantagens que usufruem para que se possa compreender como aquêle aliciamento é processado.

Nestes períodos agitados e confusos, como o que vivemos agora, em que o "standard" de vida se altera violentamente dia a dia, julgam os que não podem se conformar com um padrão de vida sóbrio ou recatado, que qualquer meio de aumentar os rendimentos será bastante honesto. E assim se aproveitam da circunstância de não serem realizados êsses jogos em qualquer lugar, para oferecer seus apartamentos onde os amigos encontrarão, com suficiente comodidade e discreção, tudo o de que carecem: sala confortável, baralhos, fichas, bebidas, cigarros, uma empregadinha discreta servindo atenciosamente aos parceiros, procurando mesmo adivinhar o pensamento dos jogadores para satisfazê-los.

Naturalmente êstes ficam constrangidos com tantas amabilidades e atenções que lhes cumula o dono ou dona da casa, e propõem, como indenização, que se pague a êste, a título de "barato", dez ou vinte por cento do movimento de apostas. Isso proporciona quantids que variam naturalmente com o jôgo forte ou fraco da noite, mas qualquer dêles rende mais de dois mil cruzeiros por noite, dando perfeitamente para as despesas e ainda oferecendo um lucro razoável. Em certas rodas onde o jôgo é forte êsse "barato" alcança sem dificuldades a casa dos dez mil cruzeiros, e é natural que uma fonte de renda dessa natureza, na qual não se despende o menor esfôrço e o dinheiro se ganha facilmente, constitui hoje um meio de vida para dezenas, quiçá centenas de pessoas.

E' fácil compreender que sejam essas mesmas pessoas que fornecem local para o jôgo, as primeiras a arranjar novos parceiros endinheirados, pois assim estão alimentando o "fogo sagrado" que lhes proporciona tão poulpudos ganhos... Discretamente, convidam uma amiguinha ou conhecido para irem a sua casa se distrair um pouquinho num familiar Pif-Paf, coisa íntima, só pessoas muito amigas... Quando o rapaz ou moça é noivo, o convite é extensivo a êste, e assim o recrutamento de novos parceiros é mantido em permanente atividade. Se êsses novos saem gostando, são por sua vez encarregados de trazer outros amiguinhos, e assim se estabelece uma cadeia, não da felicidade porém de novas vítimas...

Isso que vimos descrevendo se passa num meio honesto, que se contenta com o "barato", e assim ganhará a vida. Há, porém, casos já conhecidos de donos de casas que se mancomunam com jogadores profissionais e, servindo-se de outro elemento que é recebido como pessoa nova na roda, "esfolam", é o têrmo exato, os demais parceiros por meio de truques vários. Para aplicação dêsses truques basta uma combinação de gestos a serem feitos de forma

O JOGO É SIMPLES. CONSISTE EM COMPLETAR COM AS NOVE CARTAS, TRES SÉRIES DE JOGOS QUE PODEM SER TRINCAS DE NAIPES DIFERENTES OU TRES CARTAS SEGUIDAS DO MESMO NAIPE, FORMANDO SEQUENCIA. OU ENTÃO, FORMAR UM "FLASH" — NOVE CARTAS DO MESMO NAIPE, SEM REPETIÇÃO DE VALORES. FACILIMO...

que o outro parceiro saiba o naipe e até o valor que êle precisa para bater. O profissional faz cálculos rapidamente e pelo descarte dos parceiros calcula o jôgo que êles estão fazendo. Assim, procuram "amarrar", evitando que êles possam "bater" antes dêle mesmo.

Se estiver mancomunado com outro, é uma maravilha. E' só "depenar" os coitados que estão na mesa e o dono da casa naturalmente sabe de tudo, sendo regiamente aquinhoado para não só guardar silêncio como, ainda mais, continuar arranjando outras vítimas.

Talvez os leitores julguem ser fantasia o que relatamos; entretanto, podemos afirmar que o único exagêro aqui existente é negativo: não dizer tudo o que se passa nesses lugares, verdadeiros antros, embora se revistam das melhores aparências, ofereçam o maior confôrto e, não raro, proporcionem ensejo para outras aventuras no terreno sentimental...

Que sedução existe nesse jôgo para tanto se difundir e cada vez mais encontrar outros parceiros, desejosos de fazerem parte dessas reuniões? A pergunta nós a fizemos a vários jogadores, afim de aquilatar as razões que facilitam a sua disseminação e, francamente, não nos deram explicações que satisfizessem.

Do que nos responderam podemos resumir, à guisa de conclusões, o seguinte:

a) — preferem o Pif-Paf a jogar nos Cassinos, porque o local, sendo fechado, não os expõe à curiosidade; b) — jogar o Pif-Paf é muito melhor, porque as regras a que obedece, simplificando o jôgo de onde se origina — **"A cook can play"** — permite rodadas rápidas, evitando o cansaço e o esfôrço de atenção que outros jogos de cartas acarretam; c) — sendo o jôgo "batido" por meio da carta "louca", o desfêcho se apresenta inopinadamente, provocando emoções fortes; d) — não existindo quem "banque", porque todos dão cartas, o "repicar" das apostas está na dependência apenas da vontade dos parceiros, e daí resulta que em alguns lugares a "parada" inicial é de mil cruzeiros e o "casife", ou seja a compra inicial de fichas, chega a atingir centenas de milhares de cruzeiros... e) — finalmente, é o jôgo da moda e naturalmente é preciso acompanhá-la ou então arriscar-se a não ser mais considerado como gran-fino...

A título de curiosidade e não como meio de disseminação dessa nefasta e perniciosa distração, arranjada para os gran-finos, vamos resumir em que consiste êsse tão decantado jôgo.

O Pif-Paf nasceu de uma modificação das regras do **A cook can play**, em que só é permitido "batê-lo" com nove cartas, sendo esta última, a que chamam "louca", obtida por compra ao baralho ou por descarte de qualquer dos parceiros. Mesmo quando não esteja na vez de jogar, aquêle que por meio dela o completa ganhou. As figurações são idênticas às do **A cook can play:** completar com as nove cartas três séries de jogos que podem ser trincas de naipes diferentes ou três cartas seguidas do mesmo naipe, formando sequência. Ou então, formar um "flash", ou sejam nove cartas do mesmo naipe, sem repetição de valores.

A simplicidade do jôgo em si não explica a alucinação que desperta e as variantes introduzidas nas diversas rodas são de somenos importância. Não justificam o empolgamento indescritível que se apossa dos jogadores enquanto se processam as rodadas. Entretanto, a causa dessa loucura não provém do jôgo em si: vem das apostas que se ajustam antes de começar a partida e não raro com o entusiasmo dos que estão ganhando e o consequente desespêro dos que estão perdendo e querem ressarcir os prejuizos que já tiveram; essas apostas aumentam e chegam a atingir movimento dez vêzes maior do que o de início.

Em síntese, naturalmente sujeito às modificações insignificantes introduzidas em cada roda, o jôgo se processa da seguinte maneira: inicialmente, antes que sejam distribuidas as cartas, os jogadores "pingam"; a seguir o "mão" que está dando cartas distribui sete das mesmas a cada parceiro e pára, afim de cada um estudar o jôgo que tem e possa apostar. O da esquerda, achando que tem jôgo, aposta a parada combinada que varia desde cem cruzeiros até dez mil; o outro a seguir, quando julga ter melhor jôgo, aposta a parada do anterior mais igual importância, e assim sucessivamente, importando cada aumento de aposta de um dos parceiros em que os outros igualem a parada ou se retirem abandonando o jôgo. Completada a aposta em tôda a roda é distribuida a oitava carta, e fazem-se outras apostas. Finalmente é distribuida a nona carta com outra rodada de apostas.

A simples descrição desta operação preliminar mostra como crescem as "paradas" e a que alucinação elas conduzem. Continua o jôgo com a compra de cartas e descar-

O PIF-PAF NASCEU DE UMA MODIFICAÇÃO DAS REGRAS DE "A COOK CAN PLAY" EM QUE SÓ É PERMITIDO "BATER" COM NOVE CARTAS, SENDO ESTA ULTIMA, A QUE CHAMAM "LOUCA", OBTIDA POR COMPRA AO BARALHO OU POR DESCARTE DE QUALQUER DOS PARCEIROS. MESMO NÃO SENDO VEZ DE JOGAR, AQUELE QUE POR MEIO DESSA CARTA COMPLETA O JOGO GANHOU. AS FIGURAÇÕES SÃO IDÊNTICAS ÀS DO "A COOK CAN PLAY". NA GRAVURA — UM "GOLPE" DE "MESTRE"...

POBRE SENHORA! NÃO TEM MAIS NADA QUE DAR EM TROCA DAS FICHAS. JÁ SE DESFEZ DOS ANEIS, INCLUSIVE DA ALIANÇA. O AGASALHO DE PÉLES, A CARTEIRA DE PLATINA, TUDO PASSOU PARA O OUTRO LADO DA MESA. AGORA, É TAMBEM A PLACA DE BRILHANTES, OBJETO DE ESTIMAÇÃO, PRESENTE "DELE", EM VESPERA DE NOIVADO... AMANHÃ, OS JORNAIS PUBLICARÃO O ANUNCIO CLÁSSICO: "PERDEU-SE UMA PLACA, NO PERCURSO DA AVENIDA ATLANTICA AO CINEMA TAL..." É PRECISO DAR UMA EXPLICAÇÃO EM CASA... POR SINAL QUE NA CASA, NA VIDA DOMESTICA, ESTÁ TUDO EM PANDARÉCOS. NÃO SOBRA TEMPO... O PIF-PAF É ABSORVENTE...

tamento daquelas que os parceiros julgam inúteis, das quais se aproveitam os demais para melhoria do próprio jôgo, até que num dêsses momentos aquêle que está somente aguardando a carta para completar o jôgo, ao bater consegue-a, vinda de um descarte ou da compra ao baralho... E' a "louca"... Num instante ela desmorona a ilusão dos demais e proporciona ao felizardo abiscoitar todo o montante apostado na rodada. E nova rodada tem saída.

Quanto mais vão jogando, menos cerimônia existe, e começam os parceiros a despir casacos, abrir colarinhos, afrouxam os laços das gravatas, arregaçam as mangas das camisas e, com as libações alcoólicas, não raramente se exaltam com a jogada que lhes pareceu mais confusa. A troca de palavras desagradáveis não raro remata uma noitada de Pif-Paf...

Enquanto as horas correm e as rodadas se sucedem, uns bafejados pela sorte conseguem quantias impossíveis de obter em trabalho honesto de um ano, outros perdem numa noite o que conseguiram a custo de muito trabalho em anos de vida... Mas a ilusão não abandona o jogador e quando êle se retira, horas tardias da madrugada, não leva remorso de ter perdido tanto dinheiro; o que o preocupa é conseguir mais para ir "à forra", buscar o que perdeu nessa noite. Ele acredita que a Sorte não será sempre adversa, e assim como ajudou ao outro hoje, amanhã lhe dará também a grande oportunidade, não só de rehaver o perdido como também de aumentar o que possuia.

As consequências de caráter social que advêm dessa moderna praga são inumeráveis e multiformes. As famílias que se deixam empolgar por êsse vicíio incurável, que é o Pif-Paf, se desorganizam, pois não lhes sobra tempo para pensar em outra coisa, só desejam saber onde se pode jogar. As casas abandonadas às empregadas tornam-se casas de Orates, onde a anarquia reina, a balbúrdia impera e ninguém quer ter preocupações tão mesquinhas... Os laços familiares afrouxam, os chefes de família perdem a fôrça moral sôbre os filhos, pelo mau exemplo que lhes proporcionam; as senhoras por sua vez também querem usufruir momentos de emoção e prazer que o jôgo proporciona, e as empregadas tornam-se as verdadeiras donas de casas servindo como ponto de reunião da família para as breves horas de descanso e de algumas refeições... Quando vão jogar, vestem-se com as roupas mais elegantes, pegam as joias mais caras e os mais finos agasalhos. E assim ataviadas enfrentam uma noite de jôgo entre pessoas, na maior parte das vêzes estranhas, e no calor das jogadas parecem enlouquecer. Quando lhes escasseia o dinheiro não trepidam um instante em se despojar de seus relógios de brilhantes, placas de platina e pedras preciosas, de seus agasalhos de mais de uma dezena de milhar de cruzeiros, contanto que possam continuar jogando.

Fácil é calcular a que extremos de degradação podem atingir essas criaturas para obter dinheiro e poder continuar na noite seguinte a mesma loucura que não se aplaca com coisa alguma, senão com outra mesa de Pif-Paf...

Os casos de perdas de fortunas, que são comentados em cochichos nesses centros de perdição, deviam servir de brado de alerta aos incautos para não se aventurarem a tão voraz e insaciável modalidade de jôgo, mil vêzes mais perigosa que qualquer das exploradas por êsses antros dourados, os cassinos.

Entretanto, parece que o homem prefere viver expondo-se ao perigo e daí se explica como essas tragédias que atingem a uns, não servem de escarmento nem aproveitam aos outros ainda não atingidos por igual desgraça...

E os fatos desta natureza se reproduzem diariamente, tomando as formas mais variadas. Se o noticiário dos periódicos ainda não registou casos dessa natureza é porque, por um natural pudor, ainda se escondem da publicidade desnecessária e inútil...

Não sendo o intuito desta reportagem fazer sensação mas somente contar o que se passa na vida da cidade em relação ao Pif-Paf, não cabe no seu programa pedir providências contra a sua disseminação, mas tão somente mostrar o que pode acontecer a quem se deixa dominar por essa forma de divertimento, inocente na aparência porém diabólico na essência.

Não nos compete condenar a prática dêste novo vício social: quando muito poderíamos lamentar a fraqueza, a pobreza de espírito dos seus praticantes. Uma coisa, porém, como conselho de amigo, podemos dizer aqui: abstenham-se os que não possuem recursos de frequentar as rodas que se dedicam ao Pif-Paf... Deixem para os gran-finos, os endinheirados a prática dêsse jôgo, pois somente êles podem arcar com as despesas de tão louca distração.

As fotografias que ilustram a presente reportagem falam na eloquente mudez a tragédia que se desenrola na mesa de Pif-Paf enquanto as rodadas rápidas se sucedem. Quantos destinos suspensos a um gesto maquinal do "mão", oferecendo as cartas aos seus parceiros! E quando a má sorte implacável teima em perseguir um dos parceiros e a cada rodada o bafejado da fortuna puxa para si as fichas, o desespêro avassala o que está perdendo, que vai se desfazendo de seus objetos de estimação ou de valor, como procurando com êsse sacrifício aplacar a sorte ingrata que o persegue...

E quando vemos nos anúncios dos jornais, perdidos na coluna de "Achados e Perdidos", umas poucas linhas que pedem a quem encontrar uma placa de platina cravejada de brilhantes "perdida ontem à noite no trajeto do teatro tal, à rua tal, em Copacabana, telefonar para determinado número", é possível que corresponda realmente a um fato sucedido. Não raro, entretanto, é apenas uma justificativa a ser dada à família pela fraqueza cometida numa mesa de Pif-Paf...

No terreno da superstição, de que os jogadores quase nunca podem se libertar, existem fatos os quais devidamente relatados correm risco de parecer "blagues", pois a crença em amuletos e talismãs é inseparável do jogador.

Qualquer "pif-pafista" a quem o êxito não tenha coroado uma noite de jôgo atribui logo o fato a não ter cumprido as regras que afastam a "guigne"...

Merece relato o caso de uma senhora, obcecada pelo Pif-Paf, onde perde noites que lhe arruinam a saúde e desorganizam a bolsa. Sistematicamente, ao tomar lugar, senta-se de costas para a mesa atribuindo a essa posição o bom êxito que nem sempre lhe sorri...

Deixemos em paz os "pif-pafistas" com as suas manias, ilusão que alimentam com todo o carinho e respeito e aguardemos que a Moda, deusa versátil e insatisfeita, se encarregue de pôr côbro a essa jogatina desenfreada trazida com o fogo sagrado do seu capricho quase sempre vário.

Quando os gran-finos julgarem a permanência dêste jôgo demorada e deslustrada porque "até um cozinheiro pode jogar", o Pif-Paf como nasceu desaparecerá e outra diversão menos perigosa que êsse "inocente" jôgo virá, trazida pela Moda — a deusa inconstante.

O HOMEM DA ORELHA DE CERA

Paródia do Sherlock Holmes de Conan Doyle, por Paul Reboux e Charles Muller

Encontrei Sherlock Holmes sózinho no seu gabinete de trabalho e sentado junto à lareira. As suas feições exprimiam a suma beatitude.

— Ah, é você, Watson? disse-me ele, estendendo a mão. — Como vê, caro amigo, estou descansando, o que não é absolutamente meu costume.

Mas ele acaba de pronunciar estas palavras, apareceu o criado, dizendo estar lá fóra um cavalheiro que desejava falar ao sr. Holmes. E alguns segundos depois, vimos entrar um homem muito trigueiro, dos seus trinta anos de idade. Parou na sombra produzida pelo abat-jour e contou-nos o seguinte:

— Sou natural do condado de Middlesex, mas resido, há alguns anos, no Surrey, onde casei. Ora, uma noite, durante a minha ausência, minha mulher desapareceu. Como? Não sei. Recorri á polícia sem o menor resultado! E assim resolví apelar para os seus serviços, senhor Sherlock Holmes, porque a sua fama é sem limites. Se o senhor não fizer alguma descoberta que explique este desaparecimento, sei o que tenho a fazer: tomar luto por minha mulher e desistir do intento de castigar o autor da sua morte.

Ao proferir essas últimas palavras, o homem fez o movimento de tirar uma lágrima do olho esquerdo e sacudi-la para o chão.

— Não tem algum indicio? perguntou Holmes, fitando nele o olhar perscrutador.

— Nenhum, a não ser este: por ocasião do desaparecimento, o cão da mercearia que fica defronte da minha casa latiu a noite inteira. Trata-se, porém, dum animal feroz que ladra toda vez que alguém passa na rua.

O meu amigo pediu ao cavalheiro que deixasse o seu endereço e prometeu-lhe para muito breve uma visita.

Assim que ele saíu, declarou-me Sherlock Holmes a queima-roupa:

— Este homem nunca come pudim; casou com uma mulher magra; ao vir para aquí passou pela Regent Street; e, não encontrando lugar no onibus, tomou um carro de praça. Posso acrescentar que fala alguma coisa de chinês e atira bem á pistola.

E, perguntando-lhe eu em que se baseavam tão extraordinárias observações, Sherlock Holmes, sem se fazer rogado, explicou com o sorriso de ligeira mofa que lhe é peculiar:

— Nada mais simples. Este cavalheiro traz na corrente do relógio um berloque chinês e pela côr da pele se vê que esteve muito tempo no Extremo Oriente, donde eu concluo que deve saber um pouco de chinês. O seu dedo indicador da mão direita adquiriu o geito especial que provém do manejo frequente do gatilho da pistola. Não come pudim, porque, pela cara, se vê que é dispéptico. Sendo gordo, casou com mulher magra, pela tendência de todos os seres vivos para se unirem a seres de tipo antagônico, obedecendo assim ás leis misteriosas que regulam a harmonia da espécie. Nos salpicos que trazia na roupa reconhecí a lama inconfundivel da Regent Street; forçosamente, pois, ele por aí passara. Correu atrás do onibus, por isso que alguns salpicos lhe subiram até às costas; e finalmente tomou um carro de praça porque, apesar de estar chovendo, quando aquí entrou trazia o calçado meio enxuto.

Finda a explicação, Sherlock Holmes foi buscar e poz alí, ao lado, meio arratel de tabaco para cachimbo, um frasco de gin, água quente e, tendo-se embrulhado num cobertor, propoz que nos dissássemos adeus até ao dia seguinte.

Voltei no outro dia, bem cedo, e notei que o frasco estava pela metade e o tabaco fora inteiramente consumido. Holmes envolto numa nuvem de fumo, mantinha-se na atitude meditativa em que eu, na véspera, o deixara. Fez-me sinal para que esperasse e ainda se manteve imovel e silencioso por mais cincoenta minutos. Finalmente, ergueu-se, caminhou até um ponto do tapete e apanhou um pouquinho de pó que foi examinar ao microscópio.

— Vamos! disse-me logo depois. —

Chamámos um carro e demos ao cocheiro o endereço do consultante da véspera.

O cão da mercearia, bull-dog corpulento e mal encarado, não manifestou, ao ver-nos chegar, a mais ligeira irritação. Mas Holmes tirou do bolso um pedaço de cera, que trouxera sem eu saber, e o animal desatou a ladrar furiosamente. E os latidos redobraram quando diante da loja passou um rapazinho, apanhador de papel, e que trazia uma blusa vermelha. Holmes chamou o mocinho, cobriu-o com o seu próprio *mac-farlane* e disse que tornasse a passar. O cão hesitou um momento e depois latiu ainda com mais força.

— Basta... concluiu Sherlock Holmes. — Voltemos para casa.

Uma vez no seu gabinete, preparou nova ração de tabaco e de grog, e nada menos de tres horas se conservou calado, meditando profundamente.

Por fim, perguntou-me:

— E você, Watson? Que pensa de tudo isto?

— Francamente, acho que, de ontem para hoje, pouquíssimo ou nada adiantámos.

Mas o excelente amigo deu de ombros, sorrindo:

— Você é um distraído, não repara em coisa alguma. E se eu, lhe disser que a mulher em questão foi assassinada; que os seus despojos, cortados em pedaços, estão agora na excavação feita na viga mestra do této da casa do tal cavalheiro e que o assassino é o próprio cavalheiro? Se eu lhe disesse isto?

— Responder-lhe-ia que Sherlock Holmes era o primeiro policial do mundo. Queria, porém, saber por meio de que observações e raciocínios você chegara a tal conclusão.

— Nada mais simples. Apenas vi o tal sujeito, fiquei com a pulga atrás da orelha. Não notou que ele tinha o cabelo bem preto e o usava comprido, para esconder do lado direito, uma orelha postiça, uma orelha de cera?

— Francamente, não.

— E nem admira. Com essa sua eterna distração... Assim como também não observou que ele tinha o cuidado de se conservar na sombra feita pelo *abat-jour*. E quando ele fingiu sacudir uma lágrima, não viu cair, ao mesmo tempo, uma pestana no chão?

— Só olhos de lince como os seus, meu caro Holmes, perceberiam semelhante coisa.

— Ora, essa pestana, ainda embebida da humidade do globo ocular contra o qual fôra esfregada, eu a apanhei e examinei. Era ruiva ou avermelhada.

— Ruiva?

— Sim, meu caro Watson, ou avermelhada. Portanto, o individuo era ruivo, tingia o cabelo de preto e tinha uma orelha de cera. Ora, o cão da mercearia, como você poude verificar, detesta a cera e a côr vermelha, mesmo quando esta é disfarçada.

— Ah, compreendo agora! exclamei — Por isso você fez passar o garoto de blusa vermelha diante da loja, depois de lhe haver posto o seu macfarlane.

As mãos longas e secas de Sherlock Holmes bateram palmas.

— Bravo, bravo! Aquele bull-dog. Pode, pois, reconhecer as pessoas ruivas até quando tenham tingido o cabelo. Ora, por que ladrou ele tanto, na noite do desaparecimento da vítima — como o tal sujeito teve a ingenuidade de confessar — senão por haver percebido a volta, que toda a gente ignorava, do homem ruivo de orelha de cera? O homem estava lá e nega que estivesse. Ora, quem é que assim procede? Os inocentes, ou os culpados?

Era com a maior admiração que eu acompanhava as deduções do meu querido amigo. E Holmes prosseguiu serenamente:

— O sujeito usa uma cadeia de relógio de recente modelo e o anel que traz no dedo mínimo brilha ainda como ao sair da oficina do ourives. São joias de homem que enriqueceu ha pouco tempo e gosa a lua de mel da situação.

— Quer então dizer que ele matou a esposa por causa do dinheiro?

— Evidentemente. E não teve cumplices. O seu vestuário, decente á força de cuidados mas já ruço e em alguns lugares cerzidos, acusa o avarento, isto é: o individuo que não quer repartir com outros aquilo que pode guardar para si.

Um ponto, todavia, continuava obscuro: como advinhara Holmes o destino dado ao cadaver? Interroguei-o a esse respeito.

— Nada mais simples... respondeu, como sempre, o grande detective particular. — Cometido o crime, o nosso homem tratou de carregar o corpo. Se você reparasse melhor, veria a ligeira deformação do quadril direito, que durante algum tempo se deixa perceber naqueles que transportaram fardos mais ou menos pesados. Finalmente, esse homem exerceu dois oficios bem caraterizados. Foi açougueiro, conforme ainda atesta o pescoço possante. E foi carpinteiro. A sua mão direita, mais forte do que a esquerda, como em todos os indivíduos que executam trabalhos manuais, apresenta as deformações produzidas pelo manejo da plaina e as quais se distinguem de quaisquer outras. Açougueiro e carpinteiro, recorreu a essa dupla experiência para se pôr ao abrigo da lei. Açougueiro, retalhou a morta; carpinteiro, refletiu que o melhor esconderijo para ela seria o madeiramento do této, onde ninguem se lembraria de a ir procurar. As pesquisas da policia nesse sentido foram baldadas. E daí concluí que se tratava dum esconderijo habilmente dissimulado, isto é: duma excavação...

Sob as minhas demonstrações admirativas, Sherlock Holmes espreguiçou-se e estendeu as pernas, com evidente satisfação.

— E agora, meu caro Watson... concluiu ele — deixemos que os detectives de Scotland Yard dêem a última demão a este caso, graças a Deus completamente elucidado. Preciso agora de resolver o problema referente a um navio do qual se conhece a guarnição, a tonelagem e a carga. Trata-se de averiguar, por esses dados, a idade do capitão. E para isso preciso de beber dez grogs e fumar outras tantas cachimbadas — pelo menos.

RIO-TEREZOPOLIS

OITENTA E SEIS QUILÔMETROS DE ESTRADA DE RODAGEM, NUM PERCURSO CHEIO DE SOBERBOS PANORAMAS — GRANDES E AMBICIONADOS MELHORAMENTOS PARA TEREZÓPOLIS, SEGUNDO AFIRMATIVA DE UMA AUTORIDADE QUE CONHECE DE PERTO OS PROBLEMAS DA CIDADE SERRANA.

(Por GILBERTO F. PIMENTEL)

Nesta quadra em que os termômetros sobem prenunciando um verão causticante e prolongado, a estação "Barão de Mauá" regorgita de passageiros, á hora da partida dos trens que se destinam a Therezopolis. São aqueles que, durante mêses a fio, absorvidos por uma atividade ininterrupta, almejam renovar energias gastas, ambicionam o beneffício dum repouso tranquilizador. E Therezópolis, orgulhosa de seu clima e de seus panoramas exuberantes de beleza, toda se engalana para receber tão bemvindos hóspedes. Hoteis, pensões e residências particulares são tomadas de assalto, para usar o termo da moda. Há flôres por toda parte: nos campos, nas escarpadas dos montes, nas matas, nos jardins, nas varandas. E', por assim dizer, uma festa elegante e perfumada de pétalas, que a cidade apresenta em homenagem aos seus veranistas, exibindo-se numa orgia de colorídos, só possível á paleta da nossa prodigiosa natureza.

As melhores emoções dessa viagem, cujo percurso se faz em pouco mais de tres horas, o passageiro as pode receber logo que a locomotiva começa a galgar, vagarosamente, os novecentos metros de encosta, á sucessão de quadros admiraveis;. O espetáculo é sempre variado, despertando maior atenção o *Dedo de Deus*, a rocha original, ciclópica e de aparência magestosa; dedo que aponta para o céu, e alí permanece, secularmente, como sentinela avançada de Therezópolis, que, pouco além, lá no alto aguarda seus hóspedes para revigora-los, prodigalizar-lhes recreios magníficos, a despeito da incúria com que se tem tratado a cidade, deixando-a em sofrível estado de conservação.

Há, infelizmente, desses contrastes...

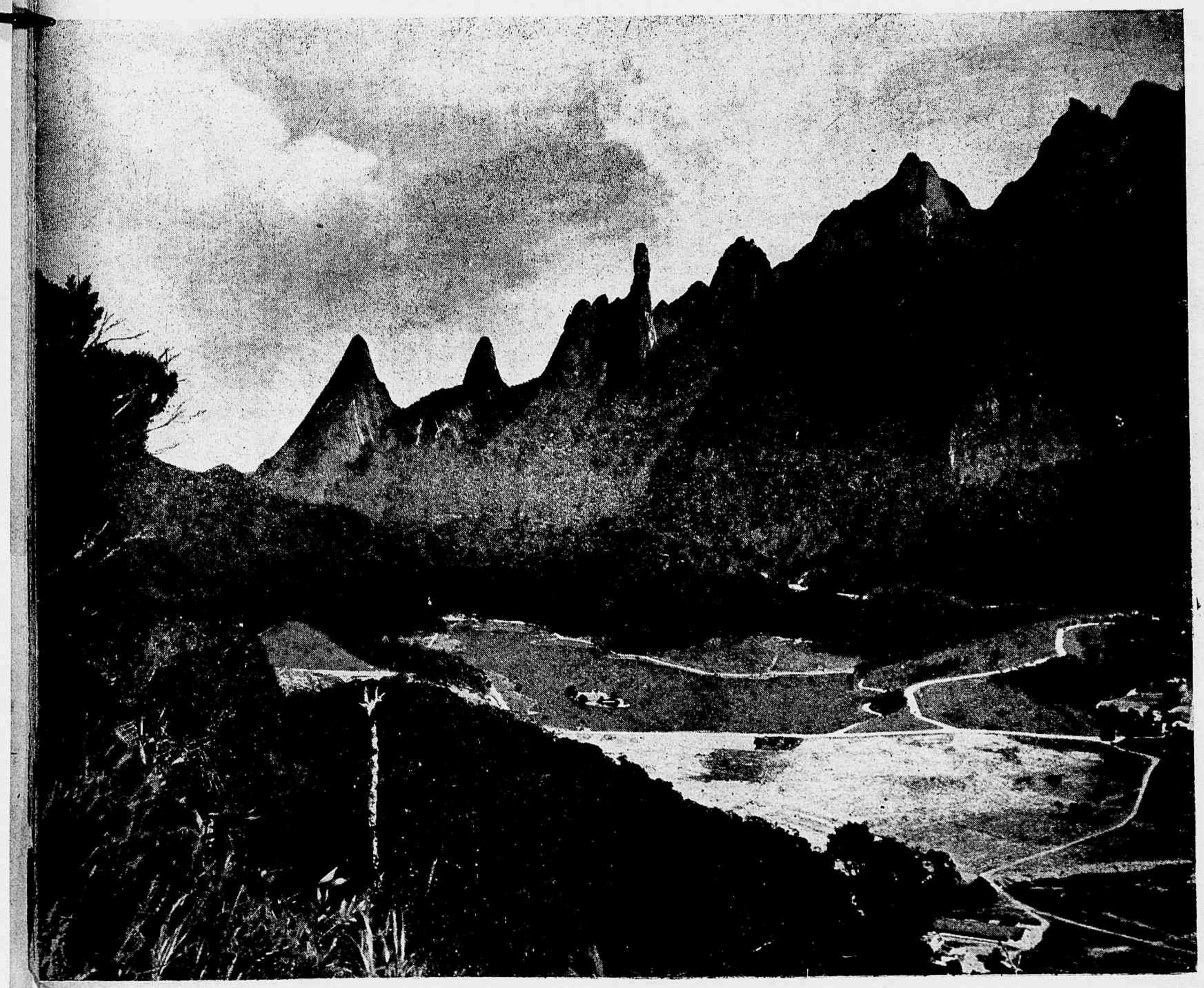
Mas, atrás dessa nota desagradável, outras, bem mais simpáticas vão surgir, para atenuar o máu efeito causado, estabelecendo a compensação. E' o que ora sucede, segundo informações que nos foram prestadas pelo Dr. Nioac de Souza, engenheiro civil, residente há muitos anos em Therezópolis, e autor de melhoramentos locais. Revelou-nos esse atencioso profissional que a linda cidade serrana vai receber, dentro em breve, presentes mais condignos, que lhe trarão reais vantagens, fadando-a a rápidos surtos de progresso. Primeiramente, o Dr. Nioac falou-nos sobre as providências das autoridades locais, que mandaram construir grandes reservatórios de água, com capacidade de 500.000 litros, para o Alto, havendo um outro reservatório especial para a Várzea; captação de outros mananciais para auxiliar os já existentes e colocação de enormes tubos, nas ruas, afim de facilitar, ainda mais, o abastecimento de toda a cidade.

Logo a seguir fêz referências a uma rêde de eletricidade, com 44.000 volts de força, para atender não só à iluminação pública, mas, tambem, a estabelecimentos de toda espécie e casas residenciais. Estes melhoramentos vinham sendo há muito reclamados pela população do lugar e pelos visitantes, até que, finalmente, vão ser uma realidade, ainda este ano.

Mas não ficam aí as bôas novas. Uma outra notícia de importancia nos é dada pelo Dr. Nioac. Trata-se, nada menos, que da construção de uma rodovia, pela qual Therezópolis ficará diretamente ligada á capital da República. Estas obras, examinado e aprovado o

(*Continua na pág. 18*)

GARGANTA DO SOBERBO, VENDO-SE AO FUNDO O DEDO DE DEUS, NA SERRA DOS ÓRGÃOS.



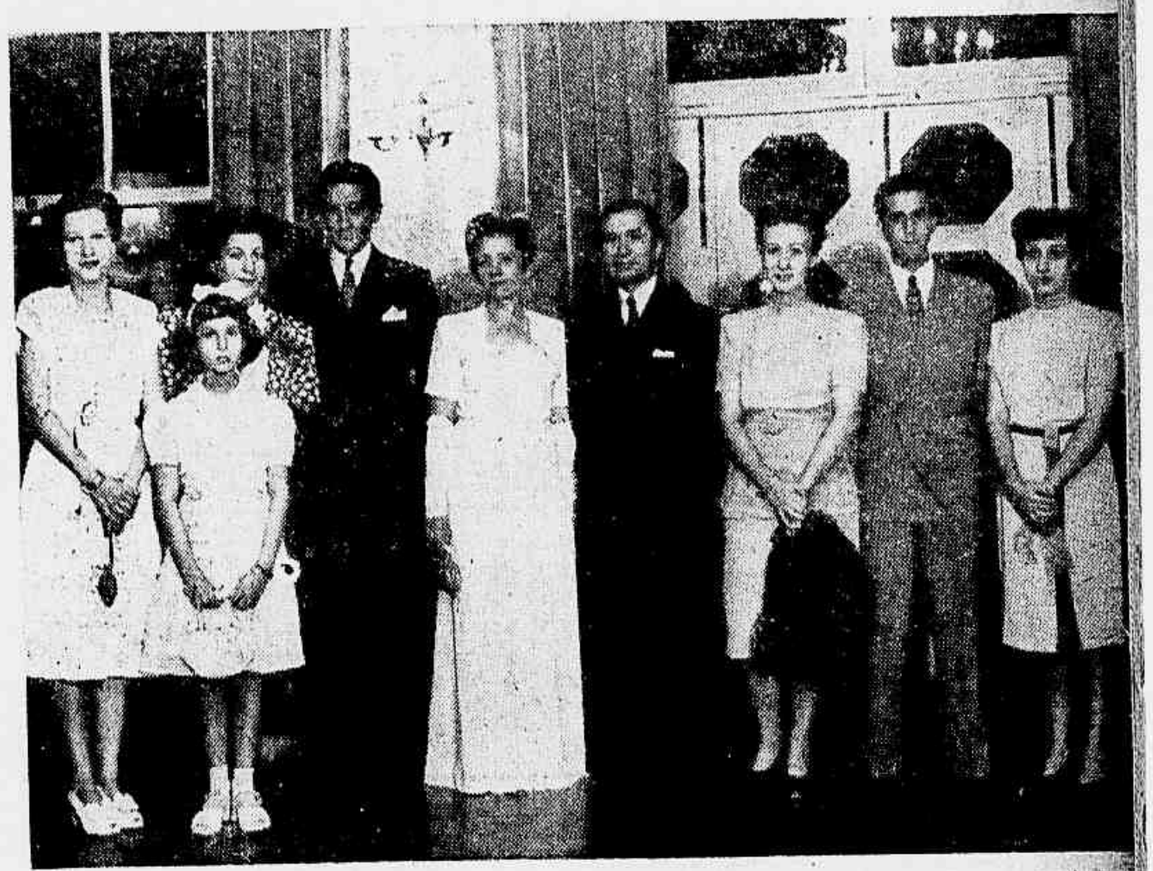
HOMENAGEM A RUY BARBOSA. — ASPECTO DA MESA DO INSTITUTO DOS ADVOGADOS NA SESSÃO SOLENE DE 6 DO CORRENTE COMEMORATIVA DO 95.º ANIVERSÁRIO DE RUY BARBOSA, QUANDO FALAVA O PRESIDENTE, DR. HAROLDO VALLADÃO. FORAM ORADORES OFICIAIS OS SRS. DES.OR RIBEIRO DA COSTA E TARGINO RIBEIRO, ESTANDO PRESENTES AUTORIDADES, MAGISTRADOS, DIPLOMATAS, JORNALISTAS E ELEVADO NUMERO DE SÓCIOS.

NO SEU BRILHANTE DISCURSO O SNR. HAROLDO VALLADÃO, MUITO APLAUDIDO, APRECIOU, INICIALMENTE, RUY EM FACE DE CLOVIS BEVILAQUA PARA CONCLUIR QUE, EMBORA DE TEMPERAMENTOS DIVERSOS, AMBOS FORAM APOSTOLOS DOS MESMOS PRINCIPIOS COM UMA "FIDELIDADE QUE A PROPRIA MORTE NÃO CONSEGUIU VENCER".

ESTABELECIDAS AS AFINIDADES E DIFERENÇAS ENTRE OS DOIS GRANDES JURISTAS PATRICIOS, O SNR. VALLADÃO APRECIOU TODAS AS FASES DA VIDA DE RUY BARBOSA, AFIRMANDO AFINAL QUE A SUA MEMORIA "HÁ DE ESTAR SEMPRE VIVA NO ESPIRITO E NO CORAÇÃO DO BRASIL E DE TODOS OS BRASILEIROS, A NOS ENSINAR, A NOS AJUDAR, A NOS CONFORTAR NA LUTA SEM TRÉGUAS PELO DIREITO, PELA JUSTIÇA, PELA LIBERDADE".

FIGURAS E FATOS

CONSTITUIU ACONTECIMENTO DE ALTA RELEVANCIA NA NOSSA CRONICA SOCIAL O ENLACE MATRIMONIAL DA SRTA. CELIA MARIA DE LEMOS BRITO COM O DR. RENATO CABRAL BOTELHO, REALIZADO NA IGREJA DE NOSSA SENHORA DA GLORIA DO OUTEIRO, NO DIA 7 DE OUTUBRO ULTIMO. A FOTO AQUI REPRODUZIDA MOSTRA-NOS OS NOIVOS APÓS A CERIMONIA RELIGIOSA.



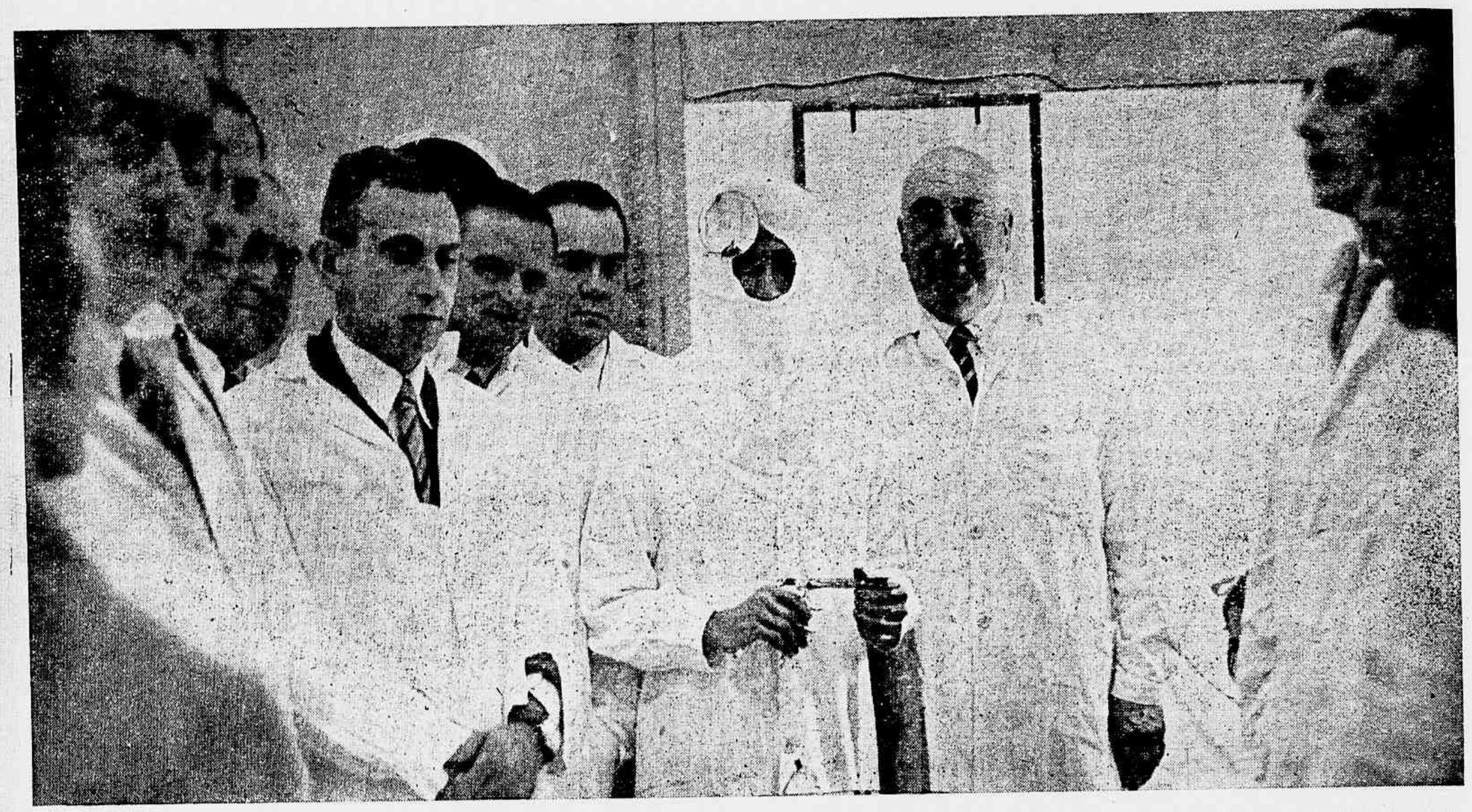
BODAS DE PRATA — AS BODAS DE PRATA DO CASAL NAZINHA — JOÃO VASCONCELOS, TRANSCORRIDAS A 9 DESTE, FORAM BRILHANTEMENTE FESTEJADAS.

PROMOVIDAS PELOS FILHOS DO DISTINTO CASAL PATRICIO, AS COMEMORAÇÕES CONSTARAM DE UMA MISSA NA MATRIZ DE S. MARIA MARGARIDA E RECEPÇÃO, Á NOITE, NO CLUBE CAIÇARAS AMBAS MUITO CONCORRIDAS.

DURANTE A RECEPÇÃO, DE QUE PARTICIPARAM NUMEROSOS ELEMENTOS DE DESTAQUE NO MUNDO SOCIAL CARIOCA, FOI O CASAL SAUDADO PELO SNR. DIOCLECIO DUARTE, EM BRILHANTE IMPROVISO, TENDO O SNR. JOÃO VASCONCELOS AGRADECIDO TAMBEM NUM IMPROVISO QUE RECEBEU GRANDES APLAUSOS.

SEGUIRAM-SE DANÇAS QUE COMPLETARAM A ENCANTADORA NOITE NO LINDO RECANTO DA LAGOA RODRIGO DE FREITAS. EM CIMA, UM ASPECTO DO SALÃO; NO CENTRO A SNRA. JOÃO VASCONCELOS TENDO Á DIREITA O DR. ALUISIO RAPOSO E Á ESQUERDA O SNR. JOÃO VASCONCELOS, ALÉM DOS FILHOS DO CASAL; EM BAIXO UM GRUPO DE SENHORITAS.

Ecos do Congresso Sul-Americano de Clinica e Cirurgia de Ouvidos, Nariz e Garganta



Acaba de chegar de avião a esta capital o Dr. Alvaro da Silva Costa, conhecido cirurgião brasileiro, uma das maiores autoridades do país em oftalmologia e otorrinolaringologia, que vem de tomar parte no Congresso sul-americano destes ramos da ciencia médica, realizado recentemente em Montevidéu. No flagrante acima, vemos o ilustre médico patricio, minutos antes de realizar, perante elevado número de congressistas e médicos uruguaios, no Hospital Pereira Rossel, daquela capital, algumas operações para demonstração de sua técnica. O notável cirurgião brasileiro é o autor do novo método de extirpação das amigdalas pela eletricidade, processo que oferece entre outras vantagens a de evitar qualquer perda de sangue do paciente. O Dr. Alvaro Costa recebeu o premio da Academia Nacional de Medicina, em tributo da nova técnica operatória por ele empregada na cura do lacrimejamento, tendo ainda descoberto um novo processo de anestesia a distancia, o que constitue um grande avanço para a assepsia aplicada á cirurgia. Este novo processo de anestesia foi pelo seu autor apresentado com êxito em Paris, no ano de 1938. Em Montevidéu, o notável cirurgião apresentou ainda vários outros trabalhos cientificos de comprovado valor.

Rio-Terezopolis

(*Continuação da pag. 16*)

plano, pelas autoridades competentes, vão ter início imediatamente e, o que convém dizer desde já, envolve empreendimento de inteira iniciativa particular.

Como se vê, ao nosso interlocutor, por uma deferência que bastante nos alegrou, aprouve conceder essas notícias novas e gratas para todos nós brasileiros.

Dos planos elaborados para o lançamento dessa arteria vale a pena uma sintética descrição: tomando-se por base o centro urbano da capital, para mencionar de extremo a extremo o percurso a ser percorrido, iniciar-se-á a estrada na Avenida Brasil, excelente obra quasi concluida pela Prefeitura do Distrito Federal; seguirá pela Rio-Petrópolis até Pilar; deste ponto bifucar-se-á, rumando para o quilômetro 14,5 da Estrada Therezópolis (E. F. Central do Brasil) passando por Pátio Grande e Santo Antonio, numa extensão de 35 quilômetros. Do quilômetro 15.5 irá a Bananal ou Guapi-Mirim, num percurso de 5 quilômetros; daí principia a subir a serra, no trajéto de 7 quilômetros, até Barreiral; desta estação ao alto Soberbo será o único trecho a ser completamente construido, passando da cota 314 á cota 956 numa extensão de 9 quilômetros em rampa de 7%, a ser vencida a diferença de nivel entre os dois pontos, e terminando de Soberbo a Therezópolis são 2 quilômetros de estrada de rodagem já em condições de ser trafegada. Desses 86 quilômetros do Rio a Therezópolis, após a sua conclusão, um automóvel poderá fazer o trajéto em uma hora e quarenta minutos, aproximadamente, dadas as condições técnicas planejadas. Uma vez levada a efeito essa obra, ficará realizado o circuito Rio-Therezópolis-Petrópolis-Rio, numa extensão de 230 quilômetros, cercados de panoramas formosos e variadíssimos, de grande interesse turistico e lógico progresso das duas cidades serranas.

Concluido esse cometimento abrir-se-á porta ampla a outras iniciativas, sendo fácil a previsão de linhas de ônibus e de auto-lotação para viagens cheias de conforto e encantamento.

Uma idéia soberba, enfim, a construção da estrada Rio-Therezópolis, dessa Therezópolis atraente e bela á qual estão, agora, reservados tantos e tão merecidos benefícios.

Por ocasião do baile comemorativo do 76.º aniversário do Clube Ginastico Português, o Embaixador de Portugal, Sr. Martinho Nobre de Melo, fez a entrega da comenda da "grancruz", conferida á Sra. Leonor de Castro, á sua filha D. Ruhtra de Castro Bulhosa. A foto que aqui reproduzimos é um aspecto da ceremonia.

SOFRE DO FÍGADO?
TOME
BIO-HEPAX
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

UMA CADEIRA DE RODAS PARA O JOSE'

Conto de GERALDINA MARX — Ilustração de JOSE' ANTONIO

O aleijado acercou-se e espiou lá dentro saudando a moça da joalheria:

— Bom dia, dona Nena. Queria que a senhora me guardasse esta garrafa e a canéca. Uma senhora veio do interior e viu de perto a Santa dos Pinheiros. Emquanto eu não puder ir até lá, preciso beber uma canequinha de hora em hora...

— Está bem... Mas para que essa água?

— Não sabe? E' água benta. Vou ficar bom. Si eu conseguir dinheiro e chegar até lá, vou sarar! Ela mesma benzeu a água. Tem feito muitos milagres!...

Seu Agripino chegou e Nena foi para dentro; guardou a garrafa por baixo do cofre. O aleijado começou a apregoar os bilhetes com a voz aguda e incessante:

— E' o pedacinho da sorte... é o cachorro para hoje...

Nena continuou o seu trabalho de todas as manhãs. Ha três anos fazia aquilo... Logo que chegava apanhava no cofre os expositores com aneis e relogios e os ia colocando com simetria na vitrina. Expunha com habilidade os suportes de veludo para que ficassem bem visiveis ao público. A' tarde, pouco antes de fechar, tirava tudo outra vez e guardava no cofre. Era uma mocinha viva e de rosto agradavel. Naquele pedaço de vitrina éla via o mundo passar e, como era sonhadora, creava ilusões que desfiavam no seu cerebro juvenil. A's vezes olhava-se ao espelho e ficava satisfeita com o seu rosto. Gostava de colocar nos dedos os aneis mais ricos e contemplava a sua mãosinha enfeitada pelas joias. Tendo deante dos olhos, o dia inteiro, aqueles objétos reluzentes, os vasos de faiança e de gallet, as jarras de Lacarat e os broches de brilhantes, ia aos poucos desejando possui-los. Sentia um contraste vivo ao chegar em casa, no ambiente de pobresa e humildade em que vivia, comparando os pobres utensilios e objétos singelos ás maravilhas de arte que existiam na loja.

Gostava de cismar emquanto adornava a vitrina... Um dia chegaria um freguez (bonito como éla sempre imaginava) e... porque não a amaria? Era muito possivel! Nos romances de Delí não era assim que acontecia? Nobres que se casavam com simples ovelhas pobres... Sim, viria o moço desejado e a tiraria da pobresa em que medrava sem ter o que vestir, sempre lutando para viver! Olhava o pobre José que se arrastava sobre o asfalto molhado, na cantilena diária para ganhar a vida. Tinha as pernas atrofiadas de nascença. Agora êle encostava-se á vitrina grande, de um lado, encolhido (pois seu Agripino não gostava que êle atrapalhasse as pessôas que se aproximavam dos mostradores), as pernas roxas de frio... Br... Pobresinho! — pensava ela — sentado no chão frio! E, como os pobres têm afinidades, éla condoía-se da sorte do pobre José. Si eu me casar com algum rico desses que vêm aquí comprar joias, hei de comprar um carrinho ao José para que não se arraste mais... Preciso tirar-lhe isso da cabeça! Vai gastar dinheiro sem resultado. Como um milagre? Só si a santa lhe mudasse umas pernas novas. Do contrário, jamais êle andaria com os toquinhos de pernas e os dois pés inertes!

Naquela manhã não havia meios de entrar um cliente. Tambem com aquele frio... Em geral as senhoras vinham depois do almoço. Como é que as freguezas iam saír da cama tão cedo? De repente um carro parou defronte á loja. Nena viu descer um moço passando a direção do auto a outro rapaz. Ela estremeceu... Meu Deus! — pensou logo — que lindo moço! E que bélo automovel. Era do último tipo. O rapaz dirigiu-se ao balcão. Vestia um elegante sobretudo e trazia luvas de camurça beige. Ela recebeu-o emocionada! Sentia-se tremula e consternada ao perguntar-lhe:

— O que deseja, sr...

— Bom dia, senhorita. — Fitou-a sorridente. Sua voz tinha uma sonoridade de orgão. Uma voz abaritonada que ela achou parecida á de um artista que ouvira no teatro.

— Desejo vêr alguns brilhantes para fazer um anel. Mas quero as pedras soltas para escolher.

— Tenha a bondade de esperar um pouco.

Passou pela porta de espelhos e lá dentro recebeu do sr. Agripino um envolucro de papel que êle tirou do cofre. Envoltos em algodão estavam alguns brilhantes que ela mostrou ao moço. Seu Agripino, italiano de nascimento, apesar de estar no Brasil ha trinta anos, ainda não se exprimia em portuguez e a sua linguagem era uma mistura do dialéto napolitano entremeiado de palavras nossas que aprendera a custo.

Ela sentiu-se afogueada enquanto monopolisava a atenção do freguez assegurando-lhe a bôa qualidade das gemas preciosas. Ficára inebriada pelo perfume que se desprendia dêle. As mãos dela tremiam ao mostrar-lhe, com uma pequenina pinça, o pequeno brilhante azulado. O rapaz fitou-a meio risonho e estendeu delicadamente a palma da mão onde ela depositou a pedra.

— Veja esta como é linda, pura e sem defeito.

Ele olhou-a bem nos olhos e disse-lhe com aquela voz profunda de mistério:

— Sim. Tão linda e pura! — e intencionalmente — uma joia rara... —

Ela enrubeceu e se agitou sem saber o que dizer-lhe. Uma grande felicidade a tomava até o recondito de sua alma e nem teve coragem de fitá-lo como si o que êle dissera a envergonhasse muito.

Tirou-a do embaraço:

— São lindas, mas não servem menina — ela sentiu um pouco que êle a chamasse assim. Tinha raiva desse substantivo.

— Desejo uma pedra maior. De uns quatro a cinco quilates.

Nesse momento chegou o filho de seu Agripino, o gerente da casa. A um olhar do pai, veio presuroso atender o freguez julgando por certo que êle era mais convincente do que a mocinha. Ela sentiu o sangue ferver. Detestava quando vinha o gerente interpôr-se ao tentar convence algum cliente. Era como se o gerente a julgasse sem eloquencia para insinuar o valor das mercadorias e agora mais do que nunca odiou a intervenção do negociante, que sabedor do desejo do rapaz disse-lhe:

— Si o senhor quizer podemos arranjar-lhe a pedra que deseja. Posso mandar buscar em nossa oficina algumas para que o Sr. escolha. Terá que esperar um pouco!

— Quanto tempo, senhor?

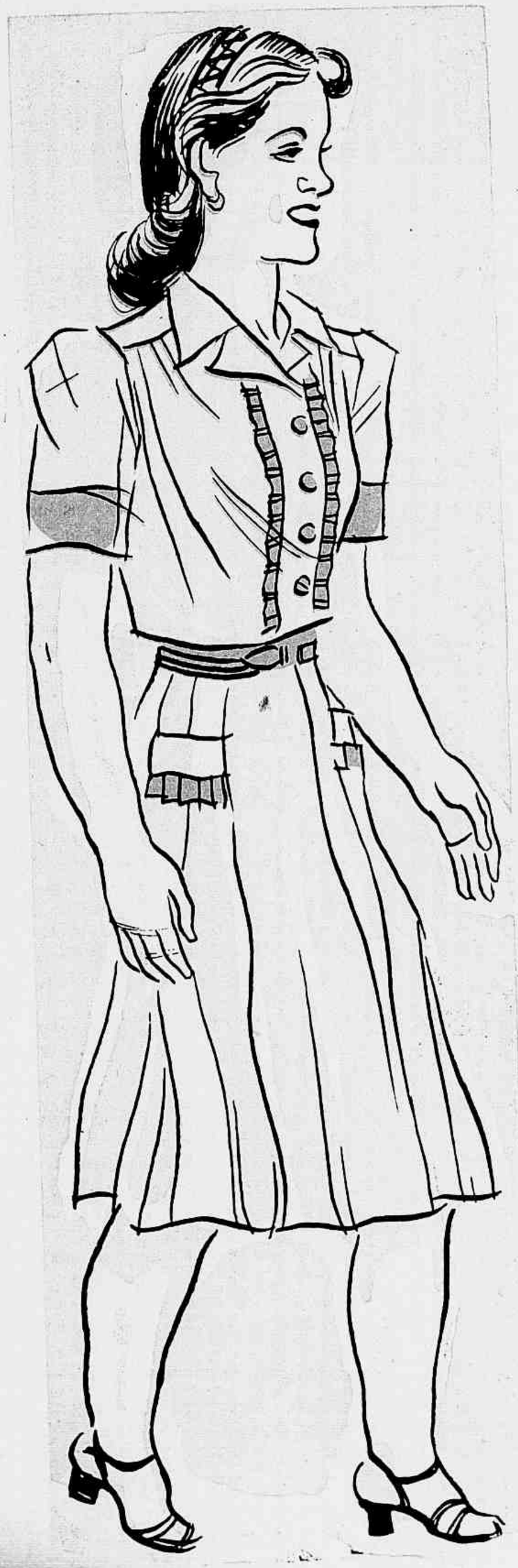
— Uma meia hora no máximo.

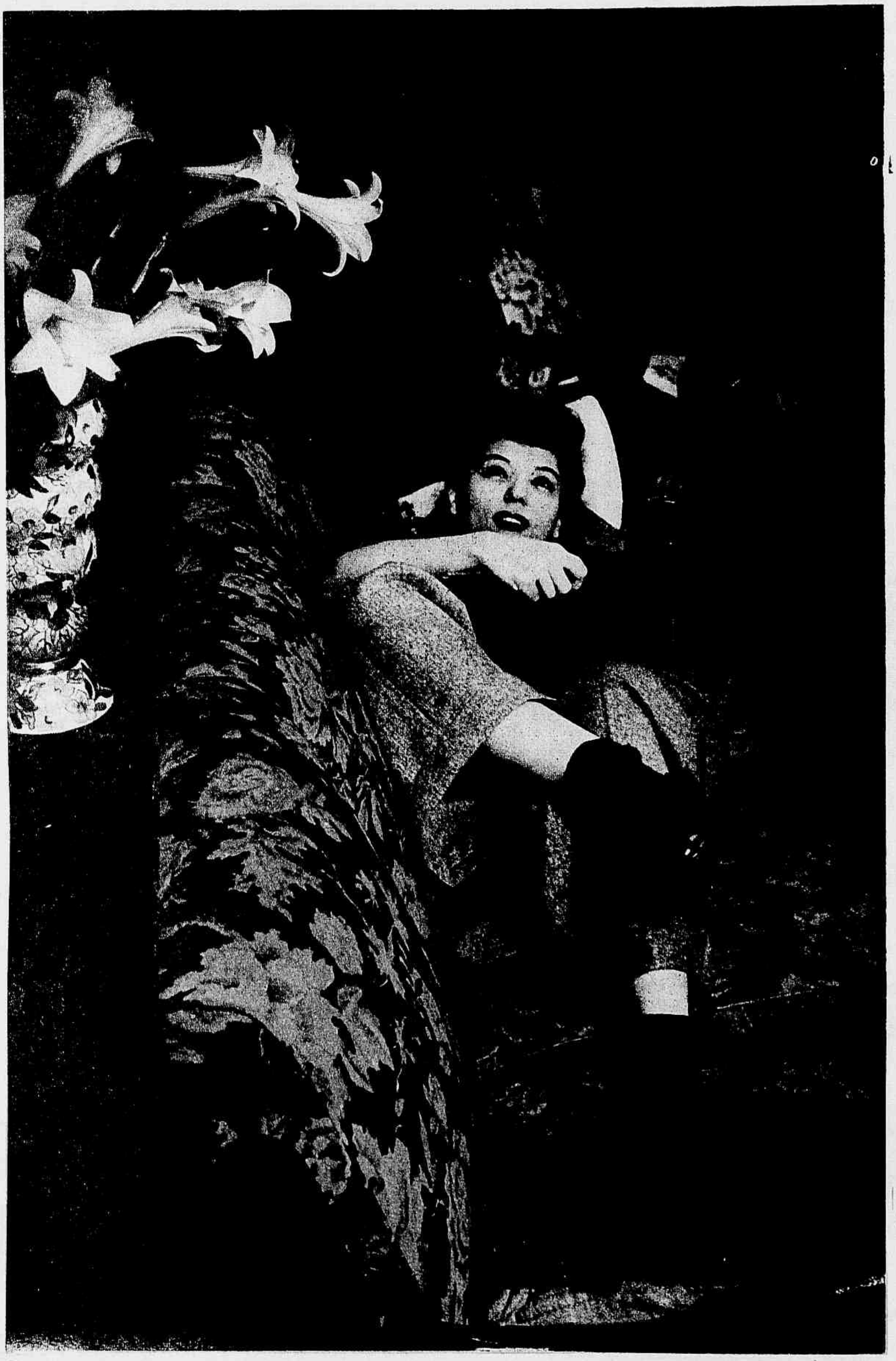
— Não ha outro remedio, uma vez que prefiro adquirir a pedra dos senhores mesmos. Tive uma indicação da sua casa como sendo de absoluta confiança. Desejo presentear a minha mãe (dirigia-se mais á moça do que ao negociante). Hoje é o dia de seu aniversário e quero fazer-lhe a surpresa de substituir o anel que ela perdeu. O seu depois será feito pelo mesmo ourives que executou o outro anel.

Emquanto o gerente saíu para ir buscar as pedras noutra casa, a fim de não perder o negocio, ele ficou ao lado de Nena falando-lhe com simplicidade até que o carro parou de novo na porta. Ele pediu qualquer cousa ao amigo que partiu novamente. Ela olhava o carro com curiosidade. Que beleza de automovel. Como brilhava! Por certo o moço éra muito rico a julgar pelo seu carro. Devia ser dele, pois dissára ao outro rapaz que podia usar o carro por mais uma hora até que êle se desocupasse.

O desconhecido viu José e parece que se comoveu do seu aspecto. Comprou-lhe o pedacinho de bilhete que êle oferecia. Quando soube que custava cinco mil réis, deu-lhe uma nota de dez e não aceitou o troco. José agradeceu efusivamente. Quinze minutos depois o jovem examinava seis brilhantes que o gerente trouxéra. Nena teve o desgosto de não ficar a sós com o rapaz. Seu Arthur achava que êle era mais perito para vender. O rapaz ao vêl-as pedras mostrou um ar satisfeito. Examinou, nas mãos longas, algumas delas comparando-as. Eram brilhantes de ótima qualidade variando de três a cinco quilates cada um. Um lhe despertou particular interesse. Era azulado e purissimo. Dirigiu-se á porta para examiná-lo á luz do dia. Levava nas mãos o papel com todos os outros. Alí deteve-se em minucioso exame demonstrando conhecimentos de avaliação.

(CONTINUA NA PÁGINA 41)





BIBI, NA PELE DE SOREL BLISS, A PEQUENA AVOADA, SONHADORA E DESNORTEANTE, "PIVOT" DE TODA A ENGRAÇADA TRAMA DA COMÉDIA DE NOEL COWARD.

"WEEK-END" DE NOEL COWARD

A CENA EM QUE MÃE E FILHOS — BIBI, SUZANA NEGRI E ALBERTO PEREZ — SURPREENDEM OS CONVIDADOS RECONSTITUINDO PASSAGENS DE UM DRAMALHÃO

A temporada teatral continúa em franco apogeu. Agora mesmo uma peça de Noel Coward, traduzida para o nosso idioma com o titulo "Que fim-de-semana"! e levada á cêna por Bibí Ferreira, registou invulgar sucesso. Aquí estão alguns momentos culminantes da comédia, cujo entrêcho, em linhas gerais, é este:

❋

Sorel Bliss (Bibí), uma menina avoada, sonhadora e desnorteante, sonha com a vinda do diplomata Ricardo Greatham (Ribeiro Martins), seu convidado para o fim-de-semana. Mas acontece que sua mãe, Judith Bliss (Suzana Negri), seu irmão Simão (Alberto Perez) e seu pai David Bliss (Ferreira Leite), tiveram a mesma idéia: cada qual convidou uma pessoa sem combinar coisa alguma. Originalidade de uma família exquisita como a família Bliss. E deante dos convidados surpreendidos, completamente esquecidos dêles, Judith, Simão e Sorel põem-se a representar cênas de um dramalhão... Mas Judith Bliss, que era uma artista retirada do palco, não representa apenas as cênas do dramalhão com que fêz sua carreira no teatro: faz da sua vida uma constante representação... Quando Ricardo Greatham lhe dá inesperadamente um beijo, ela aproveita a "deixa", para uma "tirada" em grande estilo. A familia Bliss, na intimidade, parecem tão bonsinhos: David escreve romances, Judith relembra seus sucessos no palco, Sorel vive prometendo regenerar-se e Simão desenha coisas modernas, incriveis... Uns anjos! Tão anjos que os convidados, depois de um sábado com pouca comida, quartos desconfortaveis e brigas a toda hora, resolvem fugir "de fininho", enquanto os Bliss discutem mais uma vêz... Os convidados são: Aimé Castro, Cecilda Becker, Tito Fleury e Ribeiro Martins, o diplomata.

Em linhas gerais, é esse o entrêcho de "Week End", peça que traz as inconfundiveis caracteristicas do famoso escritor britanico. O desempenho dado ao original traduzido, pelos artistas do elenco de Bibí, foi de ordem a merecer os mais francos elogios por parte do público e da critica.

Neste momento, a companhia de Bibí apresenta a peça de Nicodemi "Pedacinho de gente", cujos ensaios tiveram a direção de Procopio. Em Janeiro, esse elenco seguirá para São Paulo.

❋

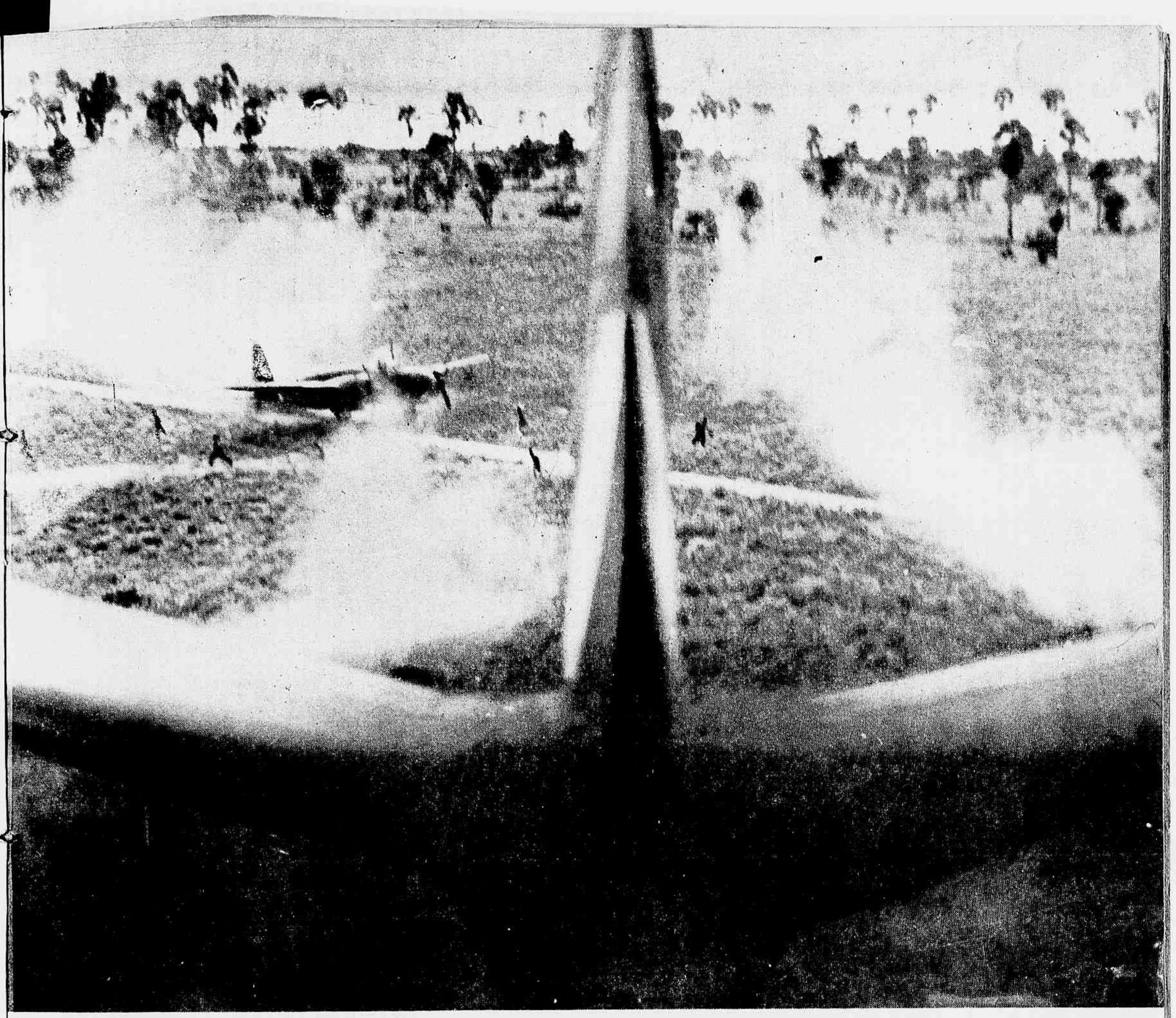
Mas esta primeira temporada de Bibí Ferreira, que agora se aproxima do seu termo, valeu por uma afirmação exuberante dos méritos da filha de Procopio, administração e sábia orientação artística de Carlos Lage e, o que mais importa, valeu para mostrar que não ha teatro com "caveira-de-burro". O Phoenix era considerado uma casa mal succedida, onde o público não comparecia desde os saudosos tempos de Fróes e Chaby. Pois a mais nova revelação do nosso teatro de comédia quebrou esse "tabú". Com um elenco selecionado, um repertório bem conduzido, bôa vontade — e inteligencia, é claro — todos os teatros são bons.

O DIPLOMATA RICARDO GREATHAM (RIBEIRO MARTINS) BEIJA, INESPERADAMENTE, JUDITH (SUZANA NEGRI). ELA APROVEITA A "DEIXA" PARA UMA "TIRADA" EM GRANDE ESTILO, MATANDO SAUDADES DOS SEUS BONS TEMPOS DE ARTE DRAMATICA...

PAI, MÃE E FILHOS. AQUI ESTÁ A PITORESCA FAMILIA BLISS. DAVID, O PAI (FERREIRA LEITE), JUDITH (SUZANA NEGRI), SOREL (BIBI) E SIMÃO (ALBERTO PEREZ). UMA FAMILIA "DO BARULHO", SABENDO DIVERTIR OS CONVIDADOS COMO NINGUEM.

AFINAL, OS CONVIDADOS DESISTEM DO FIM-DE-SEMANA. — "PARA NÓS CHEGA"! DEVEM ESTAR DIZENDO INTIMAMENTE. E ENQUANTO OS COMPONENTES DA FAMILIA DISCUTEM, RANZINZAM E SE DIVERTEM A SEU MODO, ELES, OS CONVIDADOS, VÃO SAINDO "DE FININHO", PROMETENDO NUNCA MAIS CAIR NOUTRA. FOI UM FIM DE SEMANA MUITO ALÉM DAS MELHORES EXPECTATIVAS...

Eric Peters



AVIADORES JAPONESES EM FUGA — ESTE É UM FLAGRANTE SENSACIONAL, BATIDO GRAÇAS Á INSTALAÇÃO DAS CAMERAS FOTOGRÁFICAS DE QUE ESTÃO AGORA DOTADOS OS AVIÕES DE BOMBARDEIO. ACOSSADOS PELO FOGO DAS METRALHADORAS DOS APARELHOS AMERICANOS, OS PILOTOS NIPONICOS CORREM EM BUSCA DE UM ABRIGO SEGURO, DEIXANDO EM CHAMAS UM AVIÃO KAWASAKI 99, NO AERODROMO DE SELAROS, NAS INDIAS ORIENTAIS HOLANDESAS.

A GUERRA EM MARCHA

CONSTITUIA para os alemães a mais cara esperança a chegada do inverno, afim de que pudessem aproveitar a trégua daí resultando, para refazer as suas linhas, perfuradas, contornadas e rompidas em todas as frentes. Cêdo, todavia, estão fenecendo as suas ilusões, porque os Aliados estão aparelhados para enfrentar a luta em qualquer terreno, em quaisquer condições topográficas e climatéricas, e prosseguem em todas as frentes as ofensivas já iniciadas, com o mesmo impeto, de antes das copiosas chuvas e nevadas que caem, anunciando a entrada do inverno.

No front Balcanico, prosseguem os Soviéticos a ofensiva contra Budapest, cuja posse representa muito mais que a simples eliminação da Hungria da luta, porque é ao mesmo tempo, a abertura do caminho para a invasão da Austria, por vias de penetração muito mais acessiveis, que as percorridas para alcançar Budapest.

O cerco desta cidade encontra-se em vias de consumação, com sete das onze vias férreas que confluem á sua retaguarda, cortadas ou em poder dos Russos. Si o Marechal Malinovsk conseguir interceptar as restantes, terá conseguido cerca uma quantidade consideravel de forças alemãs e hungaras, antes que estas penetrem em Budapest.

Na França, sob o impulso vigoroso do general Patton, com as suas forças em franca ofensiva foi tomada grande parte de Thionville, e estabelecida nova "cabeça de ponte na margem oriental do Mosela. Emquanto isso, na frente de Metz, prosseguem as operações, tendo por finalidade forçarem os alemães ao abandono dessa grande praça forte do nordeste da França, e que constitue a chave das defesas nazistas em território francês. A manobra procedida por Patton tem em vista cercar Metz, e ao mesmo tempo, arremeter suas forças para Saarbrucken, cercando os contingentes á sua retaguarda se os alemães teimarem em sustentar as posições ocupadas.

Na frente italiana, o oitavo exército fôrça passagem para Ravena, após ter controlado a região de Forli, tomando de assalto o aerodromo desta cidade e fazendo consideravel progresso no sopé dos Apeninos, ao sul de Faenza, na grande estrada real Rimini-Bolonha. Nos demais pontos desta frente, continuam as lutas de carater local com apenas operações de patrulhamentos e sortidas.

Ha indícios, de que os Soviéticos estejam preparando uma violenta ofensiva na Prussia Oriental, conjugada ao incremento da luta na Polonia.

No arquipelago Filipino, apesar dos reforços que os japoneses conseguiram despejar na ilha de Leyte, não conseguiram fazer frente ao avanço dos americanos, que eliminaram Pinamopoan, e prosseguem as operações de limpeza em direção ao oeste procurando destruir o foco de resistencia de Ormoc.

Assim, prossegue em todas as frentes a luta, sem consideração outra, que não seja termina-la o mais rapidamente possivel, sem desfalecimentos ou pausas, que só pode ser de proveito dos nipo-nazistas e de nenhum valor para os Aliados.

Luta sem tregua é o lema desfraldado pelos Aliados nesta altura da campanha quando já se divisa nitidamente a vitória das Nações Unidas.

◆ ◆ ◆

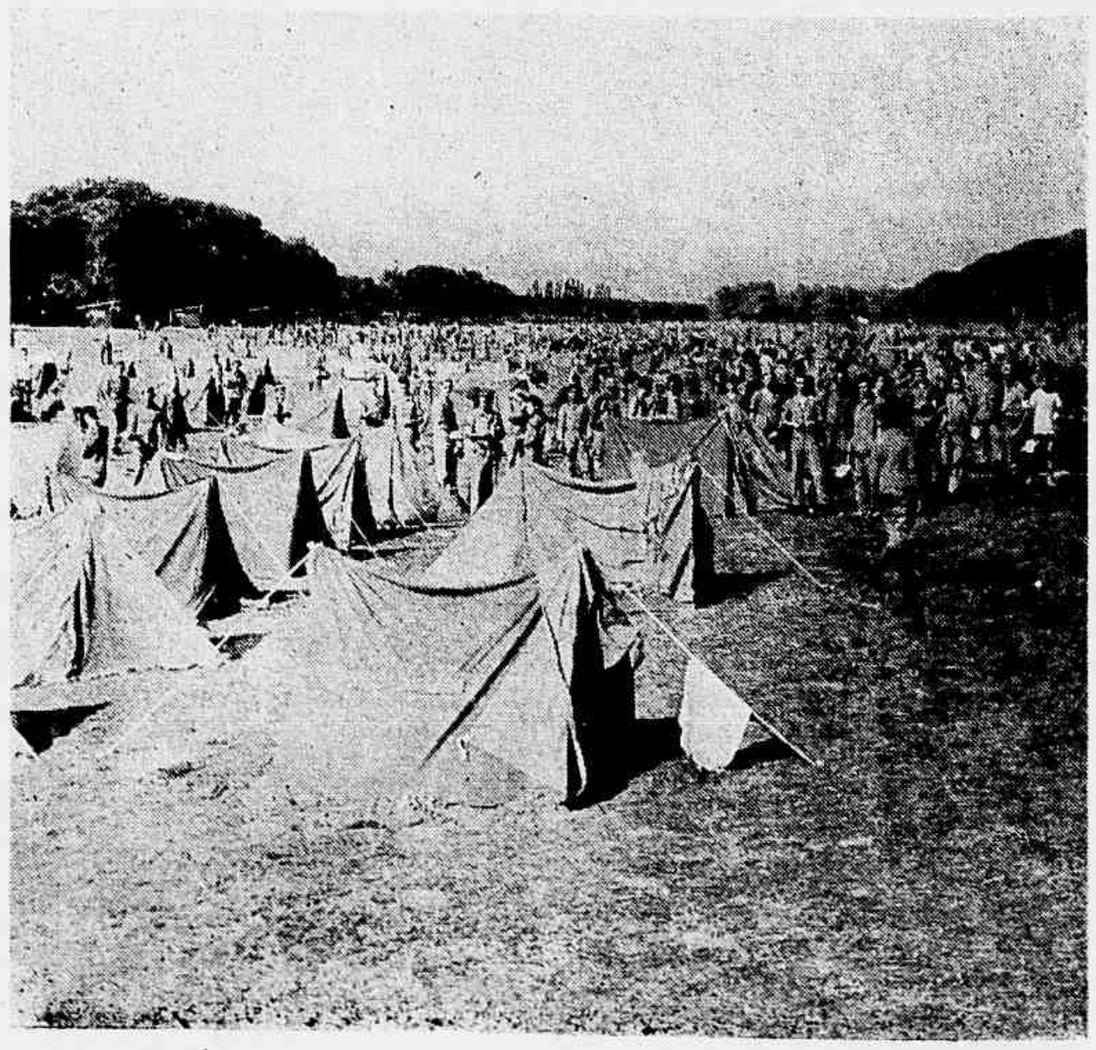
No setor político, da guerra, não foram menores as decepções dos eixistas, porque a vitória de Roosevelt constituiu uma ducha fria nas suas aspirações de conseguir uma paz negociada, que lhes desse o usofruto, quando mais não fosse, das suas criminosas conquistas. O silencio de Hitler, bem pode ter a sua origem nesse fáto, porque emquanto o seu implacavel inimigo conquistava essa incomparavel vitória, que poderia ele falar? Anunciar aos alemães, que o sólo da Alemanha já estava sendo teatro das sangrentas lutas que ele levou a todos os paizes da Europa? Dizer que essas derrotas sucessivas das orgulhosas forças alemães eram uma vantagem conseguida? Fez muito bem em não falar, e esse silencio, foi o seu melhor discurso.

Não há a menor dúvida que em todas as frentes, esse mez de Novembro constitue um marco de clara definição desta luta que já completou cinco anos de sacrifícios inenarraveis para a Humanidade, ávida de paz para os trabalhos de reconstrução e progresso, sob a égide da Justiça, Liberdade, Direito e Harmonia entre todos os povos da Terra.

BRASILEIRO EM LUTA — O SETOR ONDE OS NOSSOS BRAVOS PATRICIOS VÊM DESENVOLVENDO SUAS ATIVIDADES DE GUERRA É DOS MAIS ESPINHOSOS E ARDUOS. NINGUEM PODERÁ APREGOAR, EM TEMPO ALGUM, QUE OS RAPAZES BRASILEIROS TENHAM SIDO ESCALADOS PARA UM LUGAR MAIS FACIL DE AGIR, ATÉ PORQUE TODOS OS "FRONTS" SÃO IGUALMENTE DELICADOS. MAS ESTE ONDE A F. E. B. SE ENCONTRA, SÃO AS MAIORES AUTORIDADADES NORTE-AMERICANAS QUE O CONSIDERAM ALTAMENTE IMPORTANTE, LUTANDO EM TERRENOS TERRIVELMENTE ACIDENTADOS. NÃO HA ESTRADAS DE RODAGEM. NOSSOS SOLDADOS DEVEM SUBIR PELOS CAMINHOS DE ANIMAIS ATÉ O CONTRA FORTE DAS MONTANHAS SITUADAS DE 8 A 1.200 METROS DE ALTITUDE, ACIMA DOS QUAIS OS NAZISTAS SE ENTRINCHEIRAM. E ALI, ELES ENFRENTAM O INIMIGO DA FORMA CORAJOSA E HEROICA PORQUE SE VÊ NA GRAVURA — MOSTRANDO-NOS UMA BRASILEIRO EM LUTA.

BRASILEIROS E AMERICANOS CONFRATERNISAM. — O GENERAL CLARK, EM VISITA AO Q. G. DAS TROPAS BRASILEIRAS, É RECEBIDO PELO GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS. ESTÃO PRESENTES OUTROS OFICIAIS, NOSSOS E AMERICANOS. ELES BEBEM Á SAUDE DO TRIUNFO MAGNIFICO QUE OS NOSSOS PATRICIOS ESTÃO REGISTANDO EM TERRAS ITALIANAS, DALI EXPULSANDO O INVASOR ALEMÃO. NOSSOS SOLDADOS CONFRATERNISAM COM OS DA GRANDE NAÇÃO AMIGA E ALIADA.

O SEGUNDO ESCALÃO DA F. E. B. EM ACAMPAMENTO. — AQUI ESTÃO OS BRAVOS PATRICIOS DO 2.º ESCALÃO DAS FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS BRASILEIRAS CHEGAN-Á ITALIA, ONDE ACAMPAM NA EXPECTATIVA DE ORDENS SUPERIORES PARA SEGUIREM RUMO Á LINHA DE FOGO. OS RAPAZES DESCANSAM DA VIAGEM E TREINAM PARA A CAMPANHA DECISIVA EM QUE ESTÃO AGORA EMPENHADOS, EXPONDO O PEITO ÁS BALAS DO INIMIGO MAS PRATICANDO ÁTOS QUE JAMAIS SERÃO ESQUECIDOS.



O GENERAL CLARK CONGRATULA-SE COM OS BRASILEIROS. — QUASE DIARIAMENTE OS DESPACHOS TELEGRÁFICOS DÃO CONTA DE NOVAS E ARRISCADAS PROEZAS A QUE SE ENTREGAM OS COMPONENTES DA F. E. B. AQUI VEMOS O GENERAL CLARK APERTANDO A MÃO DE UM DOS NOSSOS, DIRIGINDO-LHE PALAVRAS DE CONGRATULAÇÕES PELA BRAVURA QUE ELE OSTENTA EM CADA COMBATE. DE LADO, O GENERAL MASCARENHAS DE MORAIS ASSISTE AO ÁTO, CERTAMENTE ORGULHOSO DA SUA GENTE.

ELES COMBATEM COM BRAVURA E DISCIPLINA. — ONDE QUER QUE SE ENCONTREM SOLDADOS BRASILEIROS — ESCREVE UM CORRESPONDENTE DE GUERRA FRANCÊS — SABE-SE QUE UM ÁTO DE BRAVURA HA DE REGISTRAR-SE. NOSSOS SOLDADOS TÊM OUTRO PREDICADO: SÃO ORDEIROS, DISCIPLINADOS, TÊM ATITUDES HUMANAS E DIGNAS DE MILITARES. TRATAM AS POPULAÇÕES COM DEFERENCIA E GENTILEZA. AQUI VEMOS A CHEGADA DE DOIS TRANSPORTES, CONDUZINDO O RESPECTIVO MATERIAL DE FOGO.

PREPARANDO-SE PARA A AÇÃO. — EM CIMA, UM TRANSPORTE DE MATERIAL DE FOGO, CHEGANDO AO CAMPO DE EXERCICIOS, VENDO-SE AO FUNDO, OS PAVILHÕES BRASILEIRO E NORTE-AMERICANO. EM BAIXO, OS GENERAIS MASCARENHAS DE MORAIS E ZENOBIO DA COSTA, EM COMPANHIA DO GENERAL M. CLARK, E OUTROS OFICIAIS, INDO AO ENCONTRO DAS TROPAS DO 2.º ESCALÃO DAS FORÇAS EXPEDICIONÁRIAS BRASILEIRAS, NA ITÁLIA.

Novos panoramas do RIO

Que o Rio de Janeiro continúa crescendo e se modernizando, modificando dia a dia a fisionomia de sua "urbs", é fato que dispensa maior atenção para ser confirmado.

Essa ansia de progresso encontra na estatistica das construções novas o mais seguro barometro de tal asserti va.

Bairros novos surgem como por encanto, como que ao toque miraculoso de uma fada; ruas inteiras modificam o seu aspecto, despindo o triste e pesado semblante colonial, que teimosamente permanecia no coração da cidade, surgindo em seu lugar construções luxuosas, modernas de linhas arquitetonicas arrojadas, dando em seu conjunto um feitio completamente imprevisto pela beleza, imponencia e perspectivas novas.

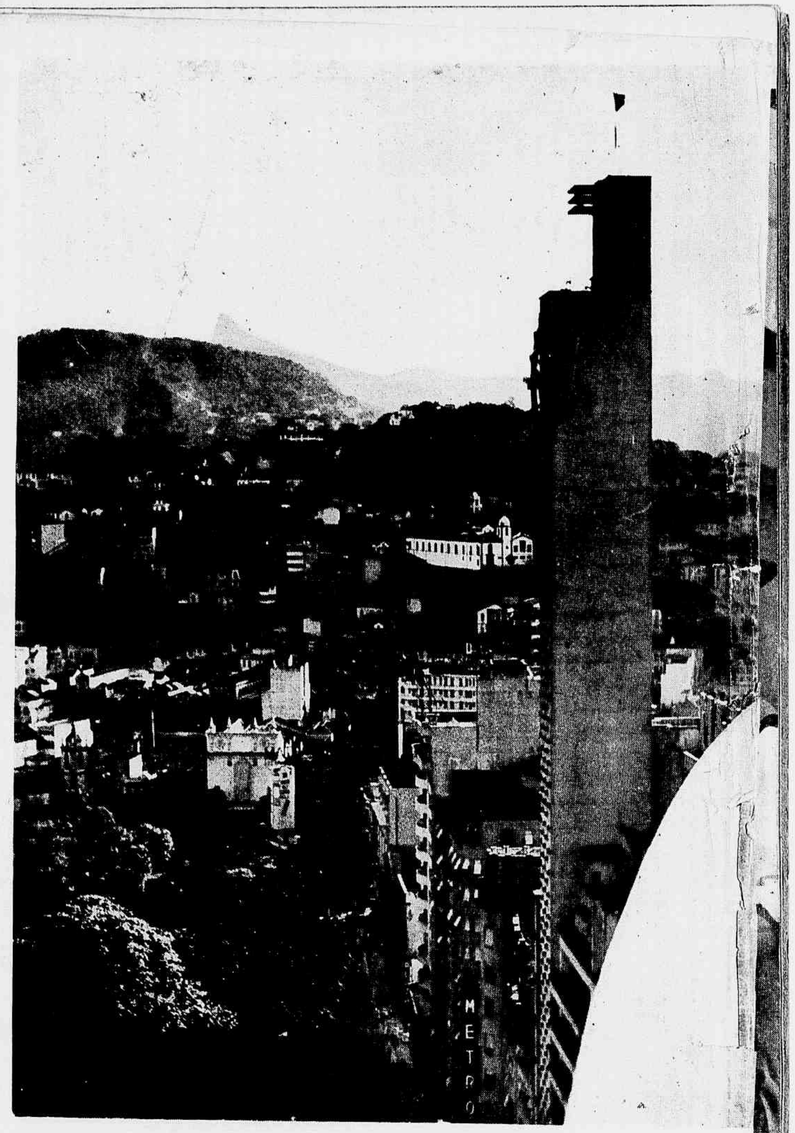
Entretanto, por paradoxal que pareça, o crescimento populacional por motivos varios se efetua em ritmo mais rápido que as construções, o que explica, entre outros motivos, a ansia de ganhar altura que se observa nas modernas construções no centro do Rio e nos bairros á beira-mar.

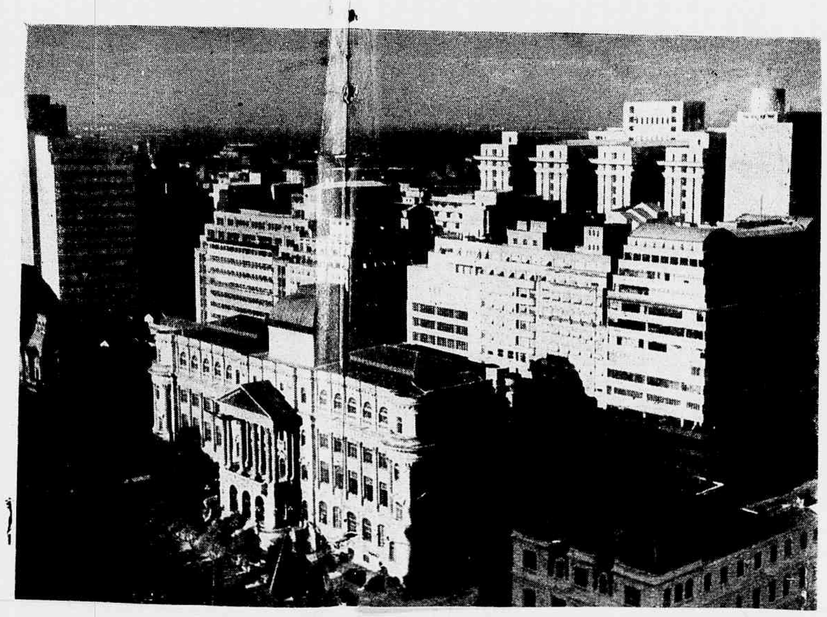
Cada edifício que surge procura suplantar os existentes em beleza, conforto, arrojo de concepção arquitetonica e cada vez mais sóbem procurando alçar-se sobre os demais, permitindo descortinar inéditos panoramas, abrindo outras perspectivas aos olhos avidos de contemplar as belezas sem par que a Cidade Maravilhosa possue e vai desvendando aos poucos, como que ciosa dos encantos e recantos que vão sendo descobertos.

Um pormenor interessante que se observa em relação ás construções mais modernas, e que maior altura atingem portanto, é permitirem observar vistas e panoramas que só podiam ser admirados subindo as altas montanhas que circundam a cidade, ou utilisando-se do avião, ambos os recursos bastante penosos ás pernas ou aos bolsos; cousa que podemos conseguir, hoje, com o uso dos confortaveis elevadores dos modernos edifícios, que nos projetam dez, vinte andares acima do sólo, permitindo-nos devassar panoramas de outros angulos, com efeitos imprevistos e paisagens novas.

As fotografias que ilustram esta página constituem um documento vivo do que vimos afirmando. Por curiosidade entrámos em um magestoso edifício, de modernissima construção e o que nos foi dado vêr inspirou-nos para rabiscar essas linhas, onde queriamos dizer o que de maravilhoso em paisagens, panoramas, efeitos de luz pode ser observado, circundando o olhar num giro do horisonte sem precisar maior esforço. A contemplação da baía de Guanabara é um prazer que renovamos, certos de cada vez que a olhamos nos ser oferecido um novo aspecto: ora suas águas agitadas pela brisa leve; ora sob o manto de neblina que oculta seus recantos mais afastados, ou ainda diferente se a contemplamos ao nascer do dia ou ao pôr do sol. As ruas tumultuantes, por onde, em vai-e-vem constante se cruza uma multidão de pessoas, dão-nos idéa, da altura onde nos achamos, que são pequenas formigas na sua natural azáfama. E quando a noite desce, cerrando sob o escuro manto a maravilhosa cidade, ainda novos aspectos são oferecidos á admiração embevecida do espectador indiferente ao avanço da noite. A pouco e pouco vão surgindo as luzes nas casas, como furos em um painel imense, até que a iluminação das avenidas jorra em profusão, criando sugestivos efeitos de luz e sombra que completam a imponente moldura da moderna e sempre bela cidade maravilhosa.

A' ESQUERDA: — PALACIO MONROE — Á DIREITA: RUA DO PASSEIO, VENDO-SE AO FUNDO O LARGO DA LAPA E, DETRAZ, SANTA TEREZA — EM BAIXO, DA ESQ. PARA A DIR: ENTRADA DA BARRA, QUANDO SAIAM DOIS "BLIMPS" DO PATRULHAMENTO DO ATLANTICO SUL. — MASSA DE EDIFICIOS DA AV. RIO BRANCO (BIBLIOTECA NACIONAL) E DOS ANTIGOS TERRENOS DA ESPLANADA DO CASTELLO. — PANORAMA DOS JARDINS DA GLORIA E A CURVA SINUOSA DA BAÍA DE GUANABARA. TODAS ESSAS FOTOS FORAM TIRADAS DA "TERRASSE" DO EDIFICIO DO HOTEL SERRADOR, NA PRAÇA GETULIO VARGAS).

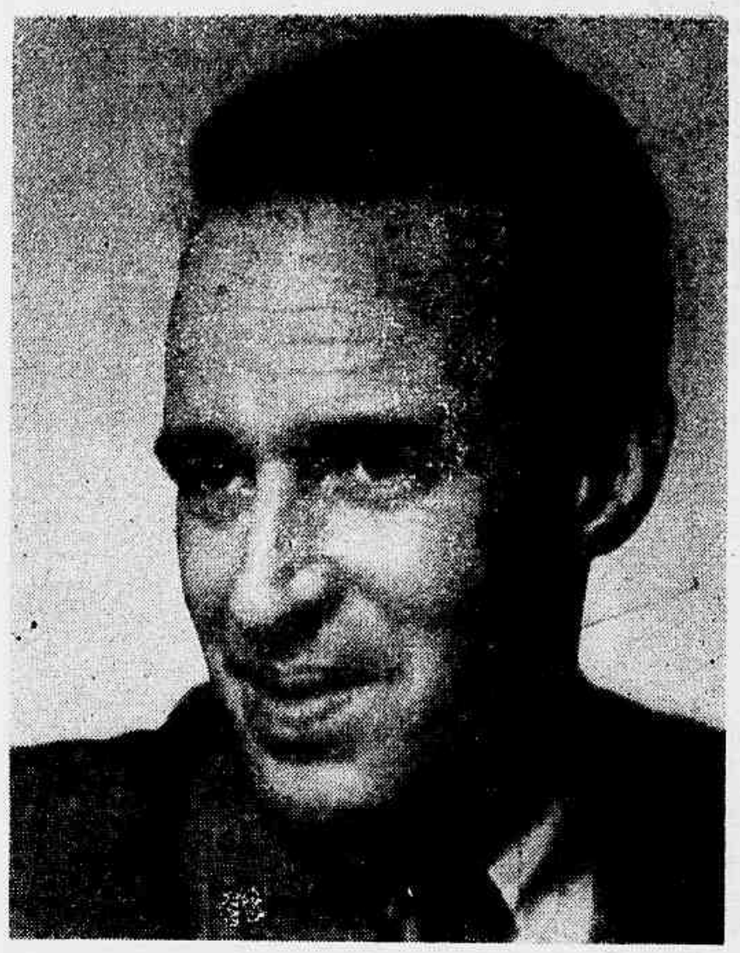




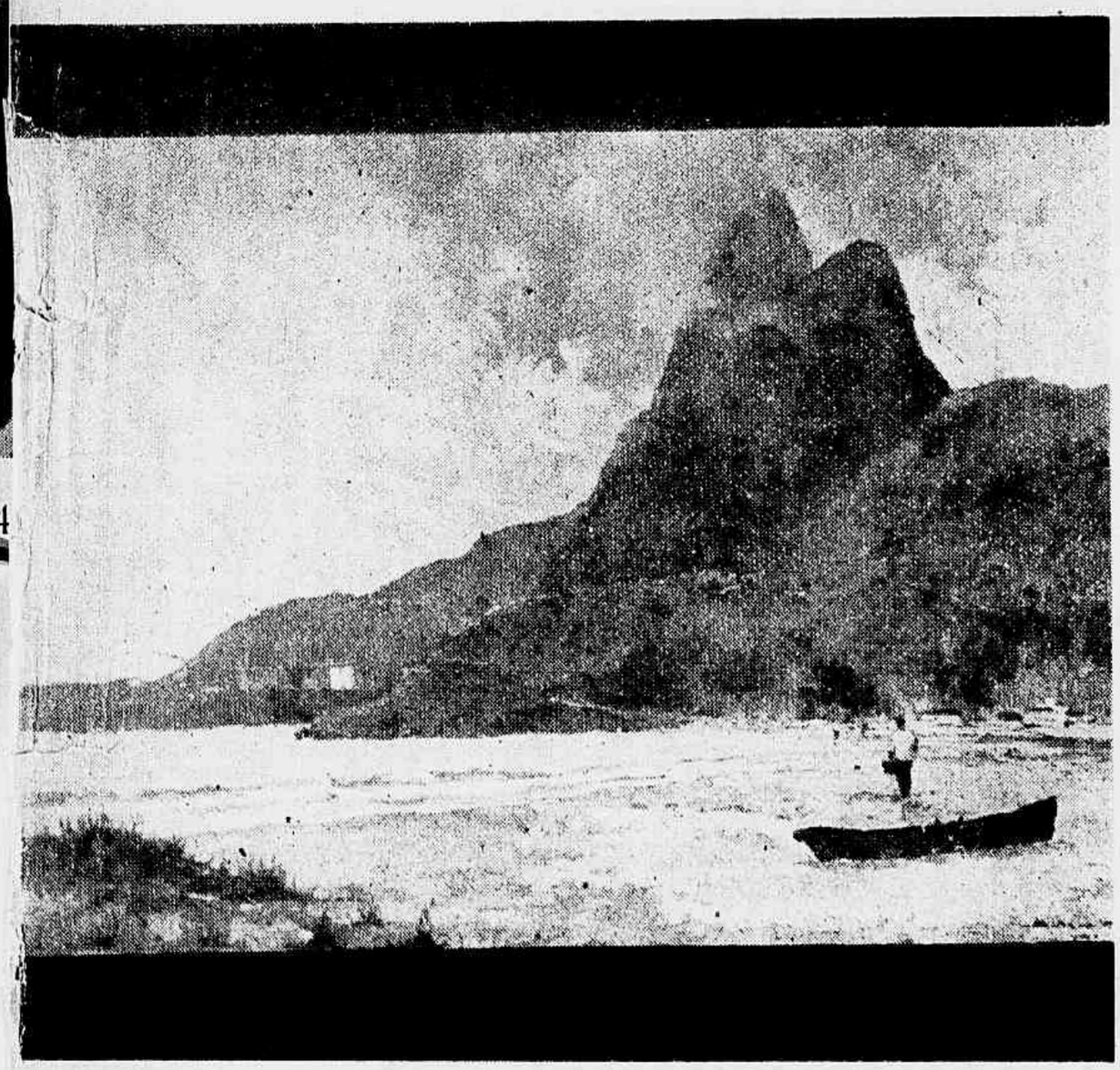
ARTES PLASTICAS

O QUE HEITOR DE PINHO VAI EXPOR

"IGREJA DE SÃO JOÃO" (SÃO GONÇALO, ESTADO DO RIO).



O PINTOR HEITOR DE PINHO.



"PRAIA DO LEBLON".

"RUA" (SÃO GONÇALO — E. DO RIO).

Inegavelmente, o bom gosto pelas artes plasticas desenvolve-se e recebe um apreciavel incremento, de tempos a esta parte. Intensificam-se os salões oficiais ou particulares, sucedem-se as exposições onde se entrechocam as duas correntes em marcha a dos modernistas com a dos arcaicos. Não é oportuno dissecar qual esteja levando a melhor, de vêz que ambas atestam um gráu de vitalidade muito acentuado. Sem dúvida, surgem as contradições e as polêmicas, justamente fruto desse encontro de escolas ou de épocas.

Agora mesmo, Heitor de Pinho anuncia para a primeira quinzena de dezembro sua 5.ª exposição de pintura, expondo uma interessante série de marinhas, ruas e alguns interiores, da qual reproduzimos, nesta página, quatro trabalhos. Heitor de Pinho já expôs tambem nos salões Paulista e do Rio Grande do Sul, recebendo no primeiro medalha de bronze e no segundo menção honrosa. No Salão Nacional de Belas Artes, é detentor de tres medalhas: Honrosa, em 1930, de bronze em 1934 e de prata em 1940. Foi ainda contemplado com o "Premio Ilustração Brasileira".

"NO ESPLENDOR DA TARDE" (SÃO GONÇALO — E. DO RIO).

ODILON FALA-NOS DA

"Agressão Sistemática ao Teatro Profissional"

Em vesperas de embarcar para São Paulo, concluida a sua movimentada temporada de 1944 que se distribuiu por tres teatros — o Municipal, o Regina e o Ginástico — Odilon Azevedo foi ouvido pela nossa reportagem sobre a momentosa questão do Teatro Brasileiro. Atravessamos uma fáse de agitada celeuma nesse particular, quando se entrechocam as opiniões, pró e contra os amadores e os profissionais. Foi em meio a esses debates que a REVISTA DA SEMANA *procurou conhecer as opiniões do ator empresario Odilon, cujo nome, associado ao de Dulcina, é, sem dúvida, dos de maior projeção e incontestavel mérito no cenário do nosso teatro de declamação. A entrevista obedeceu ao sistema "questionário", como se verá a seguir.*

Por *CELESTINO SILVEIRA*

— Encerrada a série de espetaculos da companhia Dulcina-Odilon, está satisfeito com a reação do público?

— A reação do público, em face dessa nova fase de nossas atividades artisticas — responde Odilon — foi a melhor possivel. Aliás nunca tivemos duvidas a esse respeito: o público tem sido, sempre, o grande calunniado, mas a verdade é que todas as boas realizações teatrais são compreendidas por ele, aceitas ou estimuladas. Aliás, só a má fé, ou o derrotismo, negará a existencia de um público inteligente, capaz de receber, dignamente, o bom teatro e, pela sua compreensão, autorizado a animar e consagrar os artistas que o realisam.

O exemplo recente de *"Bodas de Sangue"* (cito, precisamente, *"Bodas de Sangue"* porque foi em torno dela que se levantaram as maiores dúvidas quanto á sua permanencia em cartaz) mostra a injustiça de uma minoria (que, embora minoria, não deixa de ser perniciosa, porque vive pontificando em todos os setores de arte), não só em relação a um público tão capaz de receber e entender bom teatro como tambem em relação a nós artistas: o drama de Garcia Lorca teve a maior aceitação do público, manteve-se durante quarenta e cinco dias em cartaz, só foi retirado porque tinhamos desejo de tambem apresentar este ano essa peça magnifica que é *"Deslumbramento"* — enquanto os intérpretes provavam mais uma vez — e isto está documentado pelo que, sobre o assunto, escreveram os mais idóneos críticos e os mais brilhantes escritores — que estão à altura do melhor teatro e podem vivê-lo com brilho, sinceridade e compreensão.

— E no entanto você e Dulcina realisaram, este ano, um teatro de muito maiores responsabilidades.

— Quanto ás nossas responsabilidades não as considero agora maiores do que eram antigamente. Sempre fizemos bom teatro e, muitas vezes, teatro difícil. Se, no Municipal, enfrentámos Bernard Shaw, apresentando *"Cesar e Cleopatra"* e *"Santa Joana"*, não foi, no entanto, a primeira vez que o fizemos: Shaw é nosso velho conhecido, (convem não esquecer que já haviamos apresentado *"A bela e a féra"* e *"Pigmalião"* — em que a nossa responsabilidade foi a mesma), sua obra nos é bastante familiar e foi baseados nessa familiaridade que escolhemos *"Cesar e Santa Joana"*.

— Houve, assim mesmo, quem destoasse da critica geral, e fizesse restrições aos seus empreendimentos atuais...

ODILON RESPONDE:

— Sim, é verdade que alguns elementos recem-descobridores do teatro, teimam em assumir, em relação a nossas últimas atividades, atitudes doutorais de mestres ou, então, na melhor das hipóteses, atitudes paternais. Diante dos espetáculos deste ano (em que a direção e os ensaios de Dulcina mostraram a existencia no Brasil de uma diretora já autorizada ás mais sérias e definitivas realizações), não faltou quem em face dos fátos positivos se lembrasse de nos aconselhar recorressemos á direção de certos diletantes de teatro. Isso me pareceu absolutamente insólito. Primeiro: porque os diretores indicados, muito embora pessoas encantadoras e inteligentíssimas, ainda nada apresentaram de extraordinário que lhes firmasse a autoridade para dirigir e ensaiar uma Companhia profissional com as responsabilidades que a minha tem. Segundo: porque a *"Companhia Dulcina-Odilon"* tem diretora e ensaiadora, responsavel por espetáculos de classe que, indiscutivelmente, lograram o melhor êxito. E, a isso, eu gostaria de responder (e aproveito para fazê-lo) de maneira a não deixar mais a menor dúvida quanto à minha posição dentro dessas atividades e quanto a consciencia e lucidez com que conduzo minha Companhia: não recorro á direção de personalidades que ultimamente surgiram como diretores e técnicos de teatro, porque disponho, para garantia do êxito artístico de meus espetaculos, da melhor direção e da melhor técnica — que é Dulcina. Como emprezário e como colega entrego em suas mãos direção artistica e ensaios. E se sua expressão, como atriz, é inestimável, seu papel como diretora e ensaiadora é importantissimo, indispensavel e dos mais eficientes, como está provado pelas dificeis apresentações teatrais que temos feito ultimamente e como já estava provado em muitas apresentações anteriores. Pergunto, portanto: por que recorrer ao menos ousado, ao menos capaz, ao recem-chegado, se tenho á mão a mais autorizada, a mais capaz, aquela, exatamente, que, ao lado de sua inteligencia e de sua intuição artistica, traz o conhecimento de toda a sua existencia vivida dentro do teatro e a autoridade de quem estuda e sabe o que está fazendo?

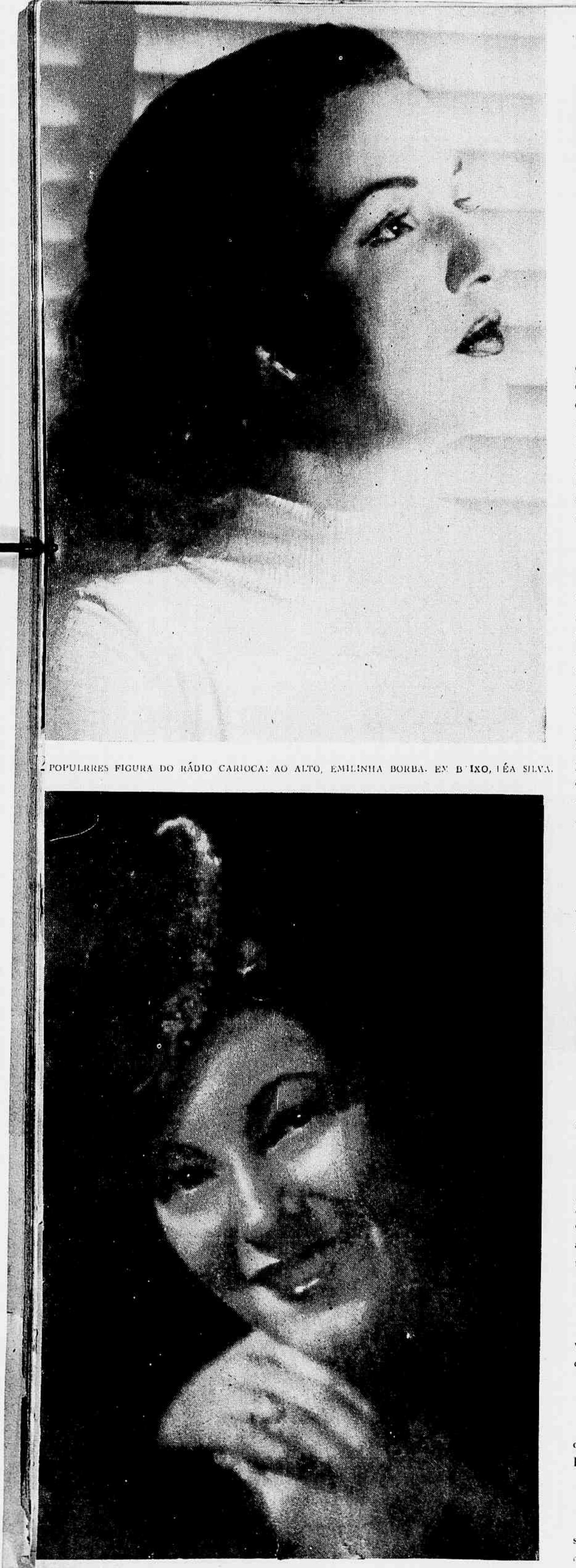
E continuando:

— Eu gostaria bastante de não ter sido obrigado a esta declaração — tanto mais que, acredito, os diretores que nos são indicados nada têm a ver com a exploração que vêm fazendo de seus nomes para sistemática agressão ao teatro profissional. Uma vez, porem, que me forçam a isso...

— Como aprecia o momento teatral em conjunto e as realizações dos amadores em particular?

— O movimento teatral do momento é bastante compensador. E entusiasmante. Sinto crescer o interesse pelo teatro. Sinto compreensão melhor em todos os setores intelectuais. Quanto ás atividades do amadorismo, encaro-as com a maior simpatia. Sempre achei util a existencia do amadorismo, que desperta entusiasmos e encoraja vocações, timidas ás vezes. E' certo que, contemporaneamente, o amadorismo tornou-se mais átivo, mais dentro das coisas de teatro. Isso vem por conta do Paschoal Carlos Magno e de seu teatro de estudantes. Suas realizações, parece-me, animaram muito os outros grupos de amadores. Pelo menos data da fundação e dos sucessos do Teatro do Estudante

(Continua na pag. 36)



POPULARES FIGURA DO RÁDIO CARIOCA: AO ALTO, EMILINHA BORBA. EM BAIXO, LÊA SILVA.

De radio

Djalma Maciel

Acompanhada por um questionário-voto, recebí de Alziro Zarur, cronista de rádio de "Fon-Fon", o seguinte convite: "Prezado confrade. Como nos anos de 1938 e 1941, quando lançou os seus concursos dos "melhores do Rádio" — que apontaram os "Melhores de 39" e os "Melhores de 42" — FON-FON acaba de lançar o dos "Melhores de 45" ,conforme V. S. verificará no exemplar que temos o grato prazer de enviar-lhe. Este ano, para imprimir ao certame um caráter mais sério, FON-FON resolveu consultar as autoridades do assunto, que votarão a descoberto. Eis por que também envia o "coupon" anexo, o qual V. S. fará a especial gentileza de preencher, remetendo-o com a possível urgência para a nossa redação. Agradecendo a honra da atenção que V. S. dispensar a estas linhas, subscrevemo-nos, atos. e obrgos. Alziro Zarur. Diretor da secção de rádio".

❊ ❊

Ora, aquí está um apelo a que não devo atender. E por motivo muito simples: — já escrevi, nesta mesma página, não faz muito tempo, que nunca mais responderia a qualquer questionário, a qualquer concurso, onde se indagasse de minha predileção entre os profissionais do rádio. Entretanto, agora — a despeito de ter cometido esta falta em épocas passadas — que ao critico não cabe manifestar de público, no exercicio dessas funções, suas preferencias pessoais que de um modo ou de outro podem influir no julgamento do público e nos "cartazes" dos artistas. Explico: — muitas e muitas vezes o cantor, o programa, o instrumentista, o locutor, a estação, que preenchem de forma completa as exigencias particulares do cronista, não são de fáto os "melhores" entre os iguais. Colaboram nessa escolha fatores de ordem sentimental facilmente compreensiveis. Então, planta-se o critico no dilema de falsear a verdade, divulgando tão somente a expressão do seu intimo ou consagrar em definitivo, em nome de sua função, uma qualidade que varia de acordo com o estado de saúde do artista, seu interesse pecuniario, a eficiencia de colaboração dos musicos acompanhantes, a inteligencia na escolha do repertório, etc.

❊ ❊ ❊

Eis a razão pela qual não posso atender á gentileza do convite de "Fon-Fon". Aliás é sempre perigoso que alguem do rádio carioca fique dono de qualquer título honorífico durante 365 dias.

alô... alô...

Helio Furquim de Oliveira e Antonio Santos, creadores da "Dupla do It" estão, agora, na PRB-7, onde interpretam sketches comicos.

❊ ❊ ❊

Surpresa de dois bicos trouxe á gente radiofonica o decreto de salário mínimo dos jornalista. Os locutores, que supunham ser beneficiados de qualquer maneira, foram com muita razão excluidos da medida; os redatores de programas, até agora sujeitos a regime de remuneração inferior e variavel, passaram a ter o deles garantido. E o melhor é que em grande maioria são mesmo jornalistas.

❊ ❊ ❊

Levando em conta as naturais dificuldades da organização, não há como negar louvores ao trabalho de Gilson Amado á frente da Rádio Mauá. Em tudo se nota o desejo de acertar.

❊ ❊ ❊

E por falar na PRH-8. Um leitor pergunta se volto ao programa "Memórias do Rio", que a citada emissora vai transmitir. Não; nem no "Memórias" nem em outro qualquer. Porque não me interessa, seja por que preço for, colaboração radiofonica.

❊ ❊ ❊

Contrairam nupcias a cantora Zilah Fonseca e o locutor Hedel Luiz, dois dos mais simpaticos elementos do rádio popular. Sagramor de Scuvero e o maestro Milton Calazans oram os padrinhos do novel casal.

MARGIE STEWART (RKO)

Sim senhoras, tambem os pés tiveram já seus poétas, seus cantores de valor. São célebres os pés das espanholas, sobretudo das andaluzas, que têm, aliás, bastantes afinidades com as brasileiras, cujos pés são tambem notavelmente pequenos e delicados. Si tem joanetes, friccione-os com alcool e faça exercício com os dedos. Si porventura tem calos, recorra ao calista. Lave os pés diariamente em água morna e sal, enxugue-os bem e encha-os de talco borotado. O verniz para as unhas dos pés deve ser de tom natural. Assim tratados, êles podem exibir-se sem pejo, nas piscinas e nas praias. Principalmente agora, quando a abolição das meias é um fáto consumado, mais ainda se deve cuidar das extremidades inferiores. Um excelente preparado para o tratamento dos pés: Oxido de zinco, 30 grs. Polvilho de arroz, 10 grs. Acido salicilico, 4 grs. Glicerina, 15 grs. — MARY.

NOS BASTIDORES FEMININOS

NOVOS modelos para o verão que já nos está visitando, são oferecidos ás leitoras, nestas duas páginas. Aquí ao lado, Evin O'Kelly, da Metro, lança a inovação do chapéu estílo oriental tambem para a praia. Aliás, esse chapéu, não em palha, mas em feltro, está sendo muito usado este ano, para "toilettes" de passeio, com a aba recurvada e caída ligeiramente sobre os olhos. Na gravura inferior, Ava Gardner, tambem da Metro, exibe um vistoso e colante "maillot" de tecido estampado em listras, peça inteiriça, busto e calção. Na página á direita, Jinx Falkenburg e Evelyn Keyes da Columbia, apresentam dois modelos para o campo, que tambem podem ser aproveitados na praia. Jinx, prefére as peças separadas, com um vistoso saiote cobrindo o calção, enquanto Evelyn, abolindo esse complemento, dá-se ao luxo de ostentar o mais racionado e consequentemente o mais plástico traje que ainda terá desfilado nas praias cariocas. São figurinos aproveitaveis, com ou sem as alterações que as leitoras costumam introduzir nos modelos habitualmente por nós publicados. Outros serão publicados em números vindouros, agora que o verão é uma realidade e as elegantes procuram variar seu guarda-roupa (?) destinado á praia e ás vilegiaturas que se aproximam com as férias escolares.

Maillots PARA O Verão

DELIRIO

Adaptação de uma novela de MARC RODNEY

O navio se aproximava do cais e Jean, experimentando essa curiosa sensação da pessoa que chega a um país desconhecido, sentiu-se, subitamente, muito só. Tinha a certeza de que sua mãe estava no camarote e que bastaria mandar chamá-la para que ela viesse, mas, apesar de tudo, sentia uma angústia, uma coisa indescritível, mas, de qualquer maneira, desagradável. Em tôrno dela, vários passageiros discutiam em alemão, língua que ela não conhecia e isso contribuia, de certo modo, para tornar ainda mais acentuada a sua emoção.

Em tôrno dela, tôdas aquelas pessoas estranhas se agitavam, discutiam, trocavam impressões. Algumas pareciam, mesmo, genuinamente emocionadas com a chegada ao lar. Mas Jean não podia esquecer que eram todos nazistas, gente que ela odiava.

Alí, cercada por um povo hostil, ela recapitulava os acontecimentos, a razão pela qual fôra forçada a abandonar os Estados Unidos e partir, às pressas, para a Alemanha. O pai adoecera gravemente em Berlim, onde estava em viagem de negócios e ela viera com a mãe, imediatamente, para ficar ao lado dêle. Ao ver o navio se afastar e desaparecer, lá longe, a estátua da Liberdade, ela se sentira como que entregue ao destino, fora do alcance da mão poderosa e protetora daquela estátua que simboliza a vida num país livre.

Lembrava a despedida, no cais. Paulo dissera, comovido:

— Não se esqueça de mim...

E ela respondera, com lágrimas nos olhos:

— Tolo!

Agora estava longe dêle. Naquele momento sentia necessidade de estar junto de Paulo, de sentir, perto dêle, aquela sensação de segurança que êle sempre provocava.

— Não se esqueça de mim...

Um groom perfilado disse-lhe qualquer coisa em alemão. Ela não entendeu.

— Versiche nicht...

Com um ar de desprêzo, como se, falando aquela língua, êle estivesse sujando a boca, o "groom" disse, em inglês, que sua mãe a mandara chamar. Jean desceu para o camarote. Percebia, claramente, a hostilidade, que não era mais velada, que já se traduzira em atos, daquela gente que as cercava. Entretanto o pensamento do pai doente, abandonado, num país onde ninguém se preocuparia com a sua sorte, dava-lhe fôrças para continuar e suportar com altivez tôda a hostilidade que encontrava.

♦

— Mas, mamãe, a senhora tem certeza?

— Claro. Você pensa que eu havia de falar sem ter certeza?

— Mas por que a senhora não disse isso antes de embarcarmos?

— Lembra-se de como eu tentei convencer você a não vir comigo?

— Mas eu...

— Pois é. Você nada tem a ver com isso, porém eu...

— Mas a senhora, afinal de contas, é uma cidadã norte-americana...

— Você pensa, mesmo, que isso os impedirá de abusarem?

— Mas a senhora acha então que...

— ...que, pelo menos, eu corro um grande risco.

— Mas a senhora não pode alegar que...

— Tudo depende, minha filha. Eu nada posso, nem devo, alegar, antes que êles tentem fazer alguma coisa. Pode ser que nada aconteça, mas também pode ser que aconteça alguma coisa...

Naquele momento, quando Madame Shanton contara a verdade, Jean sentira como que um pressentimento. Chamava Madame Shanton de mãe, mas esta, na realidade, era somente sua madrasta, sendo a segunda mulher do pai de Jean. E, quando ela lhe revelara que era de ascendência judia, e que, portanto, na Alemanha, corria o risco de ser molestada, por causa de seus avós, Jean tivera como que, sintetizada numa breve sensação, a certeza de que alguma tragédia ocorreria muito breve.

O navio se aproximava, cada vez mais, do cais e Madame Shanton deixava transparecer, no rosto, a agitação de que estava possuida. Afinal de contas, não era pouco o que ela estava arriscando. Achava que as autoridades não teriam a coragem de intervir, sendo ela cidadã americana, mas o povo... o povo, intoxicado pelos nazistas, com a sua doutrina nojenta, bem poderia tentar alguma coisa. Bem poderia, descobrindo que ela era uma judia, expô-la a humilhações tremendas e — quem poderia prever? — até mesmo a violência.

Jean não podia mais aguentar aquêle silêncio na cabine, depois do que dissera a mãe. Resolveu subir, novamente, para o tombadilho. Lá, pelo menos, entre aquela gente que não lhe dava a menor importância, ela teria a oportunidade de pensar, pensar sozinha. Abriu a porta, de repente. Parado, a uns dois passos de distância, estava o "groom". No seu rosto havia uma expressão de maldade. Jean passou, sem olhá-lo, mas seu coração começou a bater mais depressa do que de costume.

♦

À medida que o navio se aproximava do porto, crescia a apreensão de Jean. Depois que surpreendera o "groom" a olhar com maldade para a porta da cabine que ocupava com sua mãe ela, não sabia por que, sentia que havia de acontecer alguma coisa.

Os passageiros se enfileiravam, no salão do navio, para mostrarem o passaporte às autoridades. Precisavam obter o visto.

Um alemão alto e truculento, com uma enorme suástica no braço, lia com atenção os passaportes que lhe eram apresentados. Depois, carimbava-os, como se isso lhe desse pena. Talvez fôsse imaginação, porém, para Jean, aquêle homem tinha, realmente, pena de deixar passar, livre, o passageiro, anciava por descobrir alguma irregularidade no passaporte que lhe apresentavam...

Chegou a vez de Madame Shanton.

— Seu passaporte!

— Ei-lo.

O alemão examinou-o, cuidadosamente.

— Ana Shanton... Née Finkelstein...

— E' êsse o meu nome.

O alemão não respondeu. Tornou a ler, em voz alta, o nome.

CONTINUA NA PÁGINA 36

ESCRAGNOLLE DORIA

DEPOIMENTOS

DE LONGE

A 19 de Outubro de 1854, dia de S. Pedro de Alcantara, havia festa grande no Rio de Janeiro. Era na Capéla Imperial, no templo multidão a comprimir-se.

Por que tanta afluencia? Por que gente tanta abalada cedo de casa? Semana antes noticia de sensação correra cidade de duzentas mil almas. Na festa da Capela Imperial ia pregar Monte Alverne, o monge, o franciscano de passadas glorias no pulpito.

Em cela do mosteiro de Santo Antonio, envelhecido, silente, cégo, Monte Alverne cenobita repassava sua vida de pregador.

Ha quem certa vez lhe venha á cela, ha quem dele se lembre. Uma visita traz-lhe convite, em nome de alto terceiro, o Imperador. Deseja este que Monte Alverne ore na festividade de S. Pedro de Alcantara, o santo espanhol do qual o soberano brasileiro traz nome.

Monte Alverne medita breve, interroga-se. Poderá ainda ser o que foi? Tratará de o ser. Sim, irá pregar, conduzido ao pulpito, à mingua de luz, a dos olhos.

Rompe a festa na Capela Imperial, presentes o imperador e a imperatriz. Vai a solenidade entre musica até o Evangelho, suspende-se a liturgia, cálam-se orquestra e córos.

Chegou a hora do sermão. Fixam-se os olhares de todos no pulpito, apuram-se ouvidos. Surge um vulto na tribuna sagrada, nela um pregador ressuscita, Monte Alverne.

Da sua aparição um assistente disse assim:

"Perdido no desvão de uma nave escura, ignorado de todos e dos meus proprios amigos, que talvez condenavam sem remissão um indifferentismo imperdoavel, assistí com o espirito do verdadeiro christão a esta festa religiosa que apresentava o que quer que seja fóra do comum.

Sob o aspecto contido e reservado d'aquelle numeroso auditorio, elevando-se gradualmente do mais humilde crente às ultimas sumidades da hierarchia social, transpareciam os assomos de uma curiosidade soffrega e de uma anciedade mal reprimida.

Cessaram de todo as orações. Recresce a expectação e a anciedade; mas cada um se retrae na mudez da concentração. Os gestos se reprimem; conteem-se as respirações anhelantes. O silencio vai descendo frouxa e lentamente do alto das abobadas ao longo das paredes, e sepulta de repente o vasto ambito do templo.

Chegou o momento. Todos os olhos estão fixos, todos os espiritos attentos.

No vão escuro da estreita arcada do pulpito assomou um vulto. E' um velho cégo, quebrado pelos annos, vergado pela idade.

O rosto pallido e emmagrecido cobre-se desse vago, dessa oscillação do homem que caminha nas trevas. Entre as mangas do burel de seu habito franciscano cruzam-se os braços nús e descarnados.

Ajoelhou. Curvou a cabeça sobre a borda do pulpito, e revendo as cinzas de um longo passado, murmurou uma oração, um mysterio entre elle e Deus.

Mas deixai que termine aquella rapida oração, esperai um momento... um segundo... eil-o! O velho ergueu a cabeça; alçou o porte, a sua physionomia animou-se.

Frei Francisco de Monte Alverne pregava! Já não era um velho cégo, que a desgraça e a religião mandavam respeitar. Era o orador brilhante, o pregador sagrado que impunha a admiração com a sua eloquencia viva e animada, cheia de grandes pensamentos e de imagens soberbas.

Desde aquelle momento o que foi aquelle rasgo de eloquencia não é possivel exprimil-o, nem dizel-o.

Aquelles que em outros tempos ouviram Monte Alverne, e que pódem comparar as duas epocas de sua vida cortada por uma longa reclusão, confessão que todas as reminiscencias dos tempos passados, apezar do prestigio da memoria, cederam a esse triumpho da eloquencia.

O digno professor de eloquencia do collegio de Pedro II (o Dr. Paula Menezes) desejando dar aos seus discipulos uma lição pratica de oratoria, assistio com elles, e acompanhado do respeitavel director daquelle estabelecimento, ao bello discurso de Monte Alverne.

Parece, porem que a chuva só quiz dar tempo a que a cidade do Rio de Janeiro pudesse ouvir o illustre pregador sem que o rumor das goteiras perturbasse o silencio da igreja. A' tarde o tempo annuviou-se e a agua cahia a jorros." Quem deixou tão precioso depoimento? José de Alencar. Será o unico a depôr? Não, outro depoimento nos ficou e de condigna testemunha presencial, Joaquim Manoel de Macedo. Diga ele roborando a impressão de Alencar:

"Um concurso immenso formado pelo clero, a côrte e a mais esclarecida sociedade da capital correra à Capella Imperial a ouvir o velho sabio.

O illustre franciscano appareceu no pulpito; a luz que faltava a seus olhos illuminava com esplendor quasi divino a sua fronte larga e vasta, que denunciava a immensidade de sua intelligencia; suas mãos tremulas tateavam o pulpito... dir-se-ia que procurava os louros nesse logar colhidos... depois, seu vulto agigantou-se... seu rosto pareceu illuminado de celeste flamma... sua bocca se abriu e a eloquencia transbordou em torrentes impetuosas."

Não se contentou Macedo em ouvir o sermão de Monte Alverne, sublimando S. Pedro de Alcantara, da oração legando impressão pessoal.

Fez empenho em levar à Capela Imperial um adolescente, seu conterraneo de Itaboraí, chamado Salvador de Mendonça, adolescente promissor e no seu subir de vida brasileiro ilustre.

Perto de sessenta anos depois, Salvador de Mendonça tornaria publica, em Julho de 1913, a impressão gravada na sua memoria a respeito da cena de 19 de Outubro de 1854, confessando:

"Dos factos mais remotos de que guardo lembrança é sem duvida o mais vivido em minha memoria o sermão S. Pedro de Alcantara que ouvi a Frei Francisco de Mont' Alverne, em Outubro de 1854.

Tinha eu pouco mais de treze annos de idade, quando, achando-me na capital do Imperio a comprar livros de estudo, para o que viéra da roça, foi buscar-me a casa o meu conterraneo e amigo Dr. Joaquim Manoel de Macedo para levar-me "a uma festa de que nunca me havia de esquecer". E tinha razão, pois ainda hoje a tenho tão presente como se os cincoenta e nove annos já desde então decorridos nada fossem.

Sem maior explicação levou-me à Capella Imperial, no largo do Paço, e no adro da igreja, tomando-me pela mão, giou-me por entre a multidão compacta até o interior da Capella, Postamo-nos em frente ao pulpito e quasi por baixo de uma galeria da qual, às vezes, a côrte assistia às cerimonias do culto.

O recinto do templo que já estava regularmente cheio, tornou-se dentro em breve tão apinhado de gente que era dificil respirar. O Dr. Macedo, que fôra um dos emissarios do Imperador a ir tirar de sua cella do convento de Santo Antonio o celebre orador sacro, quiz proporcionar-me o raro goso dessa festividade.

Annos depois, ao relatar ao Dr. Antonio Ferreira Vianna, em companhia de Eunapio Deiró, em uma cella do mesmo convento de Santo Antonio em que vivera Monte Alverne, qual a recordação que guardava de seu ultimo sermão na Capella Imperial, Ferreira Vianna disse-me que a casa em que estavamos vivia cheia da vóz do grande orador sacro e que mais de uma vez ao repetir de cór phrases delle memoraveis suspendia o que ia dizer por lhe parecer que a vóz do padre santo continuaria o que ia dizer."

FREI FRANCISCO DE MONTE ALVERNE, NO SECULO FRANCISCO JOSÉ DE CARVALHO. — RIO DE JANEIRO 1784—1858

Declarou mais Salvador de Mendonça que em 1854, dentro da Capéla Imperial, "pensára comsigo que se na idade do grande orador pudesse ter clara como ele tinha a luz da razão, bem pouco se lhe daria perder a luz dos olhos".

Cousa estranha, o voto intimo do adolescente de 1854 foi realidade no fim da vida de Salvador de Mendonça.

Alcançado de anos, mas lucido e operoso, ditando escritos, na plena posse de inteligencia, memoria e arte de conversar interessando, mas sem a luz dos olhos qual Monte Alverne em 1854, em retiro da Gavea embalsamado de roseirais plantados por ele, Salvador de Mendonça falecia a 5 de Desembro de 1913, quasi cinco mezes depois de haver-nos comunicado a sua impressão do panegirico de S. Pedro de Alcantara por Monte Alverne morto a 3 de Desembro de 1858.

DE PERTO

— Ignoro como e quanto estudam hoje os jovens, ignorando tambem quais as suas leituras ou seus recreios predilétos.

Assim dizia, a amigos, um homem do seculo passado. Pediram-lhe recordações de vida colegial antiga, recusou-as, insistiram por elas.

— E' sempre preferivel calar, mas a benevolencia obriga, a descortezia outrora muito de reparo. No colegio que frequentei, em certo tempo, à hora de recreios e merendas, muitos alunos dispondo bancos formavam uma *Camara dos Deputados*, á imitação da legitima Camara legislativa. Tal *Parlamento* tinha maioria e minoria, sem necessidade de diplomas liquidos ou contestados. Elegia uma *Mesa*, cujo 1.º secretario redigia átas e consignava ordens do dia. Sinto ter perdido o livro das átas, talvez melhor perdel-o para não não recordar demais.

Sempre na imitação da verdadeira Camara, a *Mesa* chamava á ordem oradores acalorados nas interpelações aos *Ministerios*. Num deles, sem legações a fiscalisar, fui ministro dos Estrangeiros, interpelado sobre uma questão de limites então na balha. Tendo-a estudado, disseram-me que não me sahira mal na resposta a um *oposicionista* liberal, ele proprio se dando por satisfeito. O debate correu sem incidentes, o Poder Moderador representado à distancia pelo inspetor de alunos.

Sem dano de estudos, copiavamos a genuina Camara dos Deputados; á qual iamos vez ou outra, prevenindo em casa. Ao Senado quasi nunca iamos, o Senado era longe e de galerias sem a amplitude e o descoberto das galerias da Camara. No Senado a ancianidade de seus membros vitalicios em geral levava as discussões à calma.

Em o nosso *Parlamento* o mandato era inteiramente gratuito, garantida a subsistencia dos representantes de si mesmos pelo orçamento domestico, mães ou avós acudindo com discretos creditos suplementares a qualquér desfalque na verba para passagens de bonde.

Não preciso mostrar certidão de batismo para afirmar que não cheguei a tempo de vêr e ouvir os oradores da epoca aurea do Segundo Reinado; contentando-me com os da sua ultima quadra.

Tanto nesta como na epoca aurea, as apresentações de ministerios eram na Camara dias grandes. Nas tribunas, ao redor do recinto, nas galerias gente a valer.

Recordo-me bem das apresentações opostas de dous ministerios, o de Martinho Campos e o de Lafayette. Martinho alto, de rosto glabro, com ares de fazendeiro, e o era, logo ao traçar programa do governo poz a Camara a gosto, nela tendo vivido vinte anos em oposição.

A ironia de Lafayette era temida. Apresentou ministerio sem quasi ouvir apartes, os pega-fogo parlamentares, assim como um fósforo ateia incendio."

Neste ponto, de subito, o evocador suspendeu recordações. No salão do hotel, onde estava em róda de amigos, a pouca distancia uma joven o observava com ar de pena, adivinhando-o um atrazado, ela sorrindo vermelho em face colorida, um cigarrito aceso entre dedos afusados. E, para modernisar-se tambem, o narrador de tempos idos pedio a circunstantes a mais fresca novidade esportiva do dia, o ultimo boato de vôo na cidade.

COMO TODO BOM WHISKY ESCOCÊS...

Johnnie Walker

sofre certa escassês, hoje em dia. Contudo, mantemos escrupulosamente sua excelente qualidade, sem qualquer alteração e continuamos a fornecê-lo com a maior equidade.

John Walker & Sons Ltd., Scotch Whisky Distillers, Kilmarnock, Scotland.

Nasceu em 1820 — mas continua na moda.

DELIRIO

(Continuação da pág. 34)

— Née Finkelstein...

Os passageiros que esperavam sua vez, olharam, imediatamente, para Anna, como quem descobre, no seu meio, um ser imundo.

O alemão leu mais:

— Cidadã americana...

— Sim.

— Muito bem.

Com um sorriso de escárneo, êle carimbou o passaporte. Anna passou.

Jean não teve dificuldades. Ele nem se deu ao trabalho de ler alto o passaporte dela, para frizar bem o seu parentesco com Anna.

♦

A porta tomaram um taxi e deram o endereço da casa onde estava hospedado o pai de Jean. Era a casa de um velho amigo americano, que vivia na Alemanha, havia muito tempo, e que se prontificara a hospedá-lo, sabendo-o doente.

À porta da casa, pagaram o taxi e carregaram elas mesmas a bagagem para a porta da rua. Bateram.

Custaram a atender. Finalmente, entreabriu-se a porta — uma nesga somente.

— Que querem?

— Sou Ana Shanton, mulher do professor Shanton. Meu marido está hospedado aqui, doente. Eu vim da América...

— Não sei de quem se trata, minha senhora. Não conheço ninguém com êsse nome.

— Mas meu marido...

— Sinto muito, Madame...

— Mas eu tenho a certeza de que êle está aqui... Ele me escreveu...

Odilon fala-nos da "Agressão Sistematica ao Teatro Profissional"

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 29)

do Brasil esse recrudescimento de interesse pelo teatro, de parte do amadorismo. E constato, com prazer, que todos os grupos inspirados no grupo criado por Paschoal mostram bom repertório, estimulam as reais vocações, etc. E muito embora, pela sua própria condição de amadorismo, tenham função limitada como *teatro definitivamente teatro*, esses grupos devem merecer atenção e apoio, porque inegavelmente representam esforço, trabalho e grande vontade de acertar. Mesmo aos seus exageros, aos seus delirios de principiantes, devemos olhar com indulgencia. O salvacionismo é doença dos jóvens (jóvens na vida, ou jóvens nas profissões), todos nós passámos por isso e os amadores teatrais em todos os tempos foram assim: sempre se apresentaram como mestres e como salvadores. Quando algum dentre eles, por talento excepcional, chega a ser mesmo mestre, o fenómeno é imediato: esquece-se disso e passa a colaborar, serenamente, como colléga.

Após ligeira pausa, Odilon continúa:

— Todo o meu desejo é que de cada grupo de amadores que, no momento, vemos atuando por aquí, saia pelo menos um profissional de valor, um ator de verdade que ajude a renovação de nosso quadro de atores profissionais. Será isso, sim, um bom serviço prestado ao teatro. E uma bela vitória do amadorismo — porque ser ator de verdade é coisa muito mais dificil do que se pensa. Que se pronunciem sobre o assunto os profissionais do mundo inteiro: a responsabilidade de afrontar público heterogêneo, público que paga e tem o direito de querer gostar (e não público convidado, que tem o dever de gostar) é que decide se existe ou não o ator.

Quanto a mim, estarei pronto sempre a aceitar a colaboração dos valores reais — venham eles de onde vierem. Tanto Dulcina quanto eu temos provado nossa emancipação de preconceitos nesse sentido: na temporada do Municipal usámos elementos novos, da maneira mais dignificadora para eles; trouxemos, contratados para as nossas atividades do ano, dois novos que têm tido grandes oportunidades em nossa Companhia. Isso, porque descobrimos neles verdadeiros atores, que fazem teatro por vocação e não por simples dilelantismo. Dedicam-se, estudam, submetem-se á prova de várias peças em um ano e assim demonstram que estão á altura de ingressar na carreira.

— *E' verdade que o guarda-roupa das peças representadas no Municipal, destruido no incendio do Regina, foi reconstituido?*

— Realmente mandei restaurar, por minha conta, o guarda-roupa perdido no incêndio do *Regina*. Acima do sacrifício financeiro que tal restauração representa está o nosso desejo de cumprir compromissos artisticos, assumidos diante do público e diante de nós mesmos. Consideramos o nosso repertório deste ano alguma coisa de muito importante para não admitirmos que ficasse enterrado nas cinzas de um incêndio de muito máu gosto. Nosso plano de mostrá-lo a S. Paulo e, oportunamente, a outras cidades brasileiras não podia sofrer capitulação. Arrisquei grande capital mas sinto-me intimamente bastante satisfeito com a perspectiva de realização, como o haviamos deliberado. Representa muito do esforço de Dulcina, como atriz e ensaiadora; representa muito como colaboração de nossos colegas, de nossos cenógrafos, de nosso figurinista; representa muito como profissão de fé de rumos definitivos de nosso teatro para que não fique anulado por um simples incêndio. Não hesitei: fiz restaurar tudo e vamos levar todo o repertório em S. Paulo.

— *Houve cooperação do Ministério de Educação para ser executada a temporada do Municipal?*

— Foi grande, sim, o estímulo do Ministério da Educação a nosso plano de temporada, apresentado ao Ministro Capanema em 1942. Tivemos, no titular da Educação, um grande amigo, cuja solidariedade muito facilitou, graças á subvenção oficial, as nossas realizações. Logo que leu o plano apresentado — seu repertório, suas finalidades, seu sentido renovador — deu-lhe imediato apoio. E apoio integral deu-lhe, tambem, o Presidente Getulio Vargas cujo interesse pelo teatro nacional, pelo seu engrandecimento nem precisa mais ser enaltecido, mas deve ser lembrado, sempre, por elementar dever de justiça.

E' fáto que existe um memorial assinado por intelectuais e dirigido ao Chefe do Governo pedindo que a restauração do guarda-roupa seja feita pela verba do Ministério da Educação. E, ao que parece, é caso já resolvido. Se vier esse auxilio, está claro que será magnífico para o ritmo de nossa Companhia — uma vez que, dominuido o sacrifício do dispendio de uma grande quantia para tal restauração, poderemos pensar mais seriamente na realização de nosso próximo repertório, não menos custoso do que o átual. Mas a verdade é que não me era possivel cruzar os braços á espera, mas sim agir, para que nossa temporada em S. Paulo não ficasse sacrificada. E foi o que fiz.

— *Serão apresentadas no ano próximo as peças que, este ano, sua ompanhia não teve tempo de ensaiar?*

E Odilon concluiu:

— Sim faremos o repertório anunciado em nosso programa, no próximo ano. Será, como vê, um ano trabalhosissimo. Mas vamos para ele corajosamente. Temos muita coisa a nosso favor: bom repertório, boa direção, bons interpretes, bons cenógrafos, bons figurinistas, bons auxiliares e, sobretudo, o nosso círculo de artistas que sempre procuraram honrar o teatro e sempre lutaram pela dignidade de sua arte. Já não será alguma coisa para perspectivas otimistas?

BELZEMA

para Erupções da Eczema

o Pomada não gordurosa, antissética, que combate as coceiras e erupções da pele. Não requer ataduras.

— Minha senhora, eu sou a dona da casa...

— Então a senhora deve ser Mrs. Pringle, a mulher de Mr. Pringle...

— Não é êsse o meu nome. Chamo-me Werkenthhin, Frau Werkenthin. A senhora está enganada...

— Mas não pode ser que haja algum engano?

— Da sua parte, evidentemente.

E, antes que Anna pudesse dizer mais alguma coisa, a alemã fechou a porta.

Ana olhou para Jean.

— Será possível, Jean? Será possível que êle nos tenha dado o endereço errado?

Jean, sem saber por que, sentiu que começara a tragédia que ela estava pressentindo, havia muito tempo. Como descobrir o pai em Berlim? Como saber onde achá-lo se a única direção que tinham era aquêle endereço que, evidentemente, estava errado?

♦

Depois de muita confabulação, à porta da casa onde tinham ido bater, resolveram tomar um quarto num hotel.

— Eu acho melhor, mamãisinha...

— Está bem, Jean. Eu também acho. Você tem razão.

— Então vamos procurar um taxi que nos leve até um hotel.

— Escute, Jean. Você conhece algum hotel? Sabe o nome, pelo menos, de algum?

— Não tenho a menor idéia...

— Você ainda se lembra do nome daquele hotel a que seu pai se referiu numa carta, o hotel onde êle se hospedou, antes de ir para a casa de Pringle?

— Não era o Plaza?

— E' êsse mesmo.

— Mas Anna...

— Que é?

— Você não se lembra de que êle disse que o hotel não prestava?

— Os hoteis alemães não devem prestar mesmo... Depois, eu creio que é muito melhor para nós irmos para um lugar onde seu pai já esteve. Se vamos procurá-lo, não há lugar melhor para começar.

— Bem, isso é verdade.

— Então o que é que estamos esperando? Vamos logo.

— Onde encontraremos um taxi?

— Você fica aqui, tomando conta das malas, que eu vou ver se arranjo um.

— Está bem.

♦

Pouco depois, sentadas no banco, num carro, dirigiam-se para o hotel. O chauffeur ouvira o nome do hotel e dissera que o conhecia. Ia levá-las lá.

A rua era larga e o hotel parecia espaçoso e limpo. Jean sentiu que, de certo modo, aquêle cenário amplo não condizia com a história tenebrosa que imaginara, e, por um momento, esqueceu-se dos seus pressentimentos.

O sol brilhava e não provocava pensamentos tristes. Um "groom" apanhou as malas.

Anna entrou. Na portaria tomou a pena para escrever o nome no registro.

— Anna Shanton...

Pareceu-lhe ver nos olhos do porteiro um brilho de reconhecimento, ao ler o nome. Jean, atrás dela, notou isso perfeitamente.

— Devo assinar também?

— Por favor.

O porteiro era polido. Ela não esperava encontrar um homem polido na Alemanha...

— E se perguntássemos?...

Anna assentiu.

— Sim.

E, dirigindo-se ao porteiro:

— O senhor não teve, aqui, nesse hotel, um cavalheiro chamado Robert Shanton?

O hall estava vasio. O "groom" subira para levar as malas para o quarto. O porteiro inclinou-se para a frente, como que para dar a informação, mas, nesse instante, apareceu à porta um cavalheiro de meia idade, de aspecto correto, com um jornal na mão. Sentou-se numa das poltronas que havia espalhadas pelo hall, e pôs-se a ler. O porteiro mudou de expressão.

— Não, senhora. Não conheço. Este senhor não esteve hospedado aqui.

— Mas...

— Sinto muito, minha senhora, mas não conheço êsse cavalheiro...

Anna ia protestar.

— Mas...

O porteiro olhou-a com ar suplicante.

— Não o conheço.

Ela calou-se.

Ao tomarem o elevador, Jean olhou para trás. O cavalheiro de meia idade, que parecia absorvido na leitura de seu jornal, estava, na realidade, observando, atentamente, tudo o que se passava no hall. E, de repente, sem que ela pudesse precisar a causa, apareceu novamente aquela sensação de irrealidade, de estar assistindo a um filme, ou presenciando uma história que não estava acontecendo com ela. Nesse instante, teve certeza de que não encontraria o pai.

♦

— Que é que você acha?

— Eu, francamente, não sei o que pensar de tudo isso...

— Você sabe o que é que acho?

— Não.

— Eu acho que papai teve que fugir por um motivo qualquer e que o porteiro quis protegê-lo.

— Mas...

— Não sei. Não posso ter a certeza, mas você reparou como êle se debruçou sôbre o balcão, como se fôsse dizer qualquer coisa, e, depois, calou-se, quando aquêle senhor entrou?

— Sim. E vi, também, que aquêle homem nos observava. Discretamente, mas observava.

— Eu vi. Ele estava fingindo, somente, que lia o jornal...

— Onde estará seu pai?

— Onde estará papai?

♦

Estavam ambas tão cansadas que resolveram começar as pesquizas somente na manhã seguinte. Recolheram-se cedo.

♦

Era um sonho? Ou seria verdade?

Subitamente, no meio da noite, Jean moveu-se na cama. E, de repente, sentiu que estava acordada. Abafou um grito de terror. À medida que os olhos foram se acostumando com a escuridão começou a distinguir uma silhueta debruçada sôbre sua cama. Era um homem, tinha a certeza. Um homem que, imóvel, a observava. Quem seria? Não poude se conter. Tornou a mover-se. Ouviu um ruido de passos leves; a porta rangeu; sentiu uma lufada de ar frio, de encontro ao rosto. Levantou-se. A porta do quarto estava aberta. Pelo lado de fora, havia uma chave igual à sua. Pareceu-lhe ainda distinguir um vulto desaparecendo, rápido, na curva do corredor.

Jean acendeu a luz, fechou a porta, tirando a outra chave, que encontrara do lado de fora, e foi para a cama. Ficou sentada na cama, pensando.

Anna acordou, assustada.

— Que houve? Por que você acendeu a luz?

— Havia um homem aqui, neste quarto.

— Tolice. Você andou sonhando!

— Quisera eu ter sonhado, mas foi verdade.

— Como é que você tem a certeza?

— Acordei, de repente, no meio da noite, e havia um homem debruçado sôbre a minha cama. Mexi-me. Ele fugiu, deixando a porta aberta. Do lado de fora da porta, estava esta chave, esta chave igual à nossa. Alguém vigiava o nosso sono.

Anna empalideceu.

— Quem seria?

— Não tenho a menor idéia.

— Meu Deus!

♦

Na manhã seguinte, Anna acordou com febre. Parecia uma gripe sem importância mas, nas condições em que ela estava, era uma coisa séria. Jean mandou buscar um chá bem quente. Depois de vestida, disse:

— Eu acho melhor você não sair hoje.

— Mesmo que eu quisesse não poderia. Sinto-me tão pesada! Não posso nem mexer-me.

(Continua na pág. 41)

Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO

TEM O PERFUME

QUE DEIXA SAUDADES!

Royal Briar

Pó de Arroz - Água de Colônia
Loção - Brilhantina - Óleo
Rouge - Baton - Talco

LINTAS AG 7-0340

Amor

para seus lábios

A côr mais sedutora já descoberta

O sensacional Vermelho-Amor de VanEss é uma côr tão vivida e deslumbrante, que basta passar uma só vez nos lábios para transformar tôdo o semblante, emprestando-lhe um "quê" de irresistivel que distingue a mulher moderna e elegante.

VanEss

Para harmonia perfeita use tambem Pó e Rouge VanEss.

O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o territorio nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continúa sendo Cr.$ 1,50. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior ou na capital da Republica constará na propria capa do numero a que se referir essa alteração. De resto, deverá ser observado em todo o territorio nacional o *preço da capa*.

Livros

ESTADOS UNIDOS DE LESTE A OESTE, páginas de viagem de Pedro Calmon, da Academia Brasileira de Letras, Editora "A Noite" — *Rio de Janeiro, 1944.*

Com a sua imensa leitura de biblioteca que, embora espantosa, inexplicavelmente lhe dá tempo para acompanhar jornais e revistas, o Sr. Pedro Calmon de antemão sabia tudo quanto o esperava nos Estados Unidos. Novidades, no rigoroso sentido do termo, não as encontraria. Nenhuma condição, nenhum aspecto para ele, a bem dizer, inédito... Ia percorrer terras e encontrar gentes que conhecia, não diremos como a palma da sua mão, mas seguramente como o espectáculo da sua rua e os frontispícios da sua vizinhança. Assim esta viagem lhe oferecia sobretudo o ensejo de confrontar as suas noções e a sua maneira de julgar anteriores com os objectos agora presentes, para ver se realmente conferiam. E cada nova ocasião de comparar e tirar a prova lhe havia de dar mais uma satisfação, por verificar o viajante que tudo estava certo.

E' um livro escrito quasi dia a dia. Para o autor aproveitar, enquanto bem frescas, certas impressões, evitando o risco de esquecer, mais tarde, um ou outro pormenor, talvez alguns destes curtos capítulos fossem lançados ao papel, aos dois ou tres, numa só manhã de trabalho. E por isso também, entre as vivazes e palpitantes narrativas que tanto poderiam servir de epístolas a uma pessoa bemamada quanto de artigos ou correspondências para jornal, há páginas datadas, com o ano e o mez pelo menos, e outras sem nenhuma indicação de tempo, isto é, suscetiveis de serem atribuidas a qualquer dia do último lustro ou até do último decênio. Tudo isto acusa, ou antes: confirma, em escritor da inspiração e dos recursos do Sr. Pedro Calmon, a mais franca, mais livre espontaneidade.

O presente volume não obedeceu a um intento particular de doutrinamento, muito menos de combate. Não o aminou outro propósito que não o da verdade em termos claros, bem transparentes para toda gente compreender. A perfeita sinceridade se revela através da limpidez do estílo. Este turista de superior mentalidade e sensibilidade finíssima esteve na Casa Branca e no Capitólio; na Côrte Suprema e no palácio de Carnegie; nas universidades, nos museus, nos templos, nos hospitais; nos empórios comerciais, nas fabricas, nos "ranchos"; em teatros e cinemas, na própria Hollywood. E de tudo isso nos fala, frequentemente no sentido "brasileiro", e sempre no da pura intelectualidade.

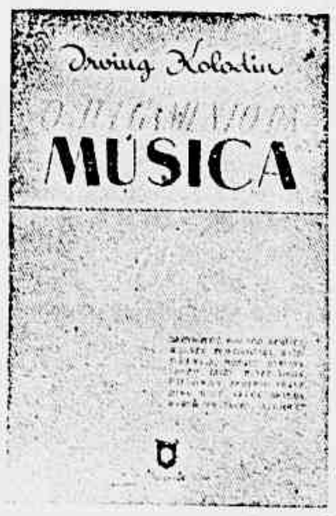
VELHO REALEJO, crônicas de Sebastião Fernandes — *Rio de Janeiro, 1944.*

O Sr. Sebastião Fernandes é cronista pofissional e militante. Frequentemente o seu nome aparece na REVISTA DA SEMANA, assinando trabalhos desse gênero ligeiro e dessa nobre tendência. Qualquer assunto lhe serve para, ao mesmo tempo, dar largas à fantasia e pelejar um pouco em favor dos que sofrem injustiças quer as dos outros homens quer as do destino. A sua pena assemelha-se, mas de longe, à lança de D. Quixote. Os tempos de hoje não permitem o uso de armas muito pesadas nem muito perigosas; a bem dizer, já a era de Cervantes o não permitia; e por isso o seu herói, com tão alta inspiração e tão ousado e forçoso se encheu de dores, se cobriu de ridículo — e em vão.

Este *Velho realejo* não pretende, com efeito, fornecer uma música inaudita. Ha muito tempo não entram para o nosso repertório peças inteiramente originais. Por mais antigas, porém, que elas sejam, cada um de nos pode dar a sua maneira de dar à manivela. A mesma melodia, tocada sucessivamente por doze cronistas, assumirá porventura outros tantos andamentos, intensidades de som, modalidades de expressão. A nós, isso nos basta. E, às vezes, ao público também.

Pelo *orgue de Barbarie*, como corruptivamente lhe chamam os Francêses — Barleri, deveriam dizer — que o Sr. Sebastião Fernandes maneja, passam os motivos mais variados. As primeiras páginas, intituladas *O periquito profético*, glozam a figura e a alma do tocador ambulante que, não confiando bastante no prestígio do seu moinho de valsas, lhe acrescenta a superstição do passarinho distribuidor de "sortes". As àrias, naquele caso, constituem apenas o pregão, o chamariz, para atrair a assistência que o hememzinho tenta iludir — se é que se não ilude a si próprio. Outros assuntos, como o Dia de Reis, o João Minhoca, O circo, Andorra, A volta do fiacre, e ainda mais alguns, nacionais ou estrangeiros, prazenteiramente nos levam até à última página do volume. Talvez o Sr. Sebastião Fernandes exerça outros mistéres; mas é sem dúvida o de cronista que ele mais ama. E tem razão.

O JULGAMENTO DA MUSICA, compilação, prefacio e anotações de Irvin Kolodin, tradução de Fnéias Marzano e Wertler Felitaro; Editora Ciente Limitada — *Rio de Janeiro, 1944.*



Eis um dos mais curiosos e cativantes livros de documentação que se possam imaginar. O seu conteúdo não interessa apenas aos entendidos e profissionais da música; agrada deveras e dá que pensar a toda a gente amiga de aprender.

Trata-se das grandes figuras da música universal estudadas, comentadas na sua vida e nas suas obras por outras celebridades da mesma arte. Dalgumas destas, não sabíamos sequer que escrevessem no sentido rigorosamente literário, quanto mais que o pudessem fazer tão elevada e edificantemente... Por estas páginas ficamos ajuntando à admiração que, na sua qualidade de compositores, já lhes votávamos, o respeito devido à sua capacidade de biógrafos e criticos. De vez em quando, nos surgem verdadeiras surprezas quer de fatos quer de opiniões. Assim no capitulo sobre Palestrina, faz Charles Gounod impressionante paralelo entre o reformador da música religiosa autor do célebre *Stabat*, e o escultor do *David* e do *Moisés*, o pintor do *Juizo final*, Miguel Angelo: "... Ha entre a obra de Palestrina e a de Miguel Angelo tais analogias, tal similitude de idéias que é dificil não concluir que esses dois seres privilegiados foram possuidos da mesma combinação de qualidades e ia quasi dizer de virtudes. Em ambos, a mesma simplicidade, idêntica modéstia no emprego dos meios, a mesma

SÃ MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO PREÇO: Cr$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Novos

indiferença pelo efeito, o mesmo desdém dos atrativos enganadores..." E a equiparação prossegue, eloquente e sensacional. Outra página de grande efeito revelador — pelo menos para nós, profanos — é a que reproduz excertos de artigos ou capítulos sobre a *Sinfonia com córos*, de Beethoven, proclamada pelos diversos críticos, desde "ponto culminante da música moderna" até "uma monstruosidade". Para se avaliar da importância do volume, bastará saber-se que ele encerra trabalhos sobre Palestrina, de Gounod; sobre Beethoven, de Berlioz, Schumann, Wagner, Tchaikovsky e Hugo Wolf; sobre Mozart, de Gounod; sobre Gluck, de si mesmo; sobre Bach, de Berlioz; sobre Chopin, de Schumann e Liszt; sobre Schubert, de Schumann; sobre Weber, de Wagner; sobre Liszt, de Schumann e Mendelssohn; sobre Robert Franz, de Schumann; sobre Wagner, de Berlioz, Débussy e Tchaikovsky; sobre os "Cinco" (compositores russos) de Tchaikovsky; sobre Brahms, de Tchaikovsky. E ha ainda um artigo de Berlioz e outro de Wagner sobre *A regência*, e um de Belioz sobre *A claque*.

❁ ❁ ❁

ANEDOTÁRIO DA GUERRA DA TRIPLICE ALIANÇA, por Eusébio de Souza, com ilustrações de Valmir Ramos — *Rio de Janeiro, 1944*.

Em bibliografia, denominam-se "anedotas" as obras antigas ainda por serem impressas. Mas o termo tem hoje outra significação ou várias significações. Duma destas, a que vem da brevidade do caso contado, se serviu o Sr. Eusébio de Souza para batizar o presente volume. Só a tal condição realmente obedecem algumas histórias nele contidas. Nem se pode dizer, como geralmente se entende por anedota, que sejam espirituosas ou divertidas; efectivamente, assumem a mais alta solenidade ou a mágua mais intensa. Está neste caso a que termina com a frase do general Salustiano Jerônimo dos Santos em resposta à noticia de lhe haver morrido o filho em combate: "Morreu defendendo a sua pátria. Teve um fim nobre e feliz". Outras, pungentes ou patéticas, dizem respeito aos últimos momentos de heróis como Antônio Carlos Marques e Barros: "Digam a meu pai que sempre honrei o seu nome". Andrade Neves: "Mais uma carga, camaradas!" Coronel Camisão "Façam seguir as forças, que vou descansar..." Antônio de Sampaio, recusando-se à operação que o poderia salvar. "Não! De modo nenhum! E' preferivel um general morto a um general coxo!" e o próprio Lopez, brandindo a espada: "No me rindo, muero con la pátria!" Outras historietas, porém, se assinalam pelo contraste da sua alegria com as circunstâncias de batalha, marcha penosa, retirada triste em que se produziram. E não faltaram, entre os humoristas da guerra, os rimadores mais ou menos espontâneos, mais ou menos felizes. Assim o furriel Paulo Alves, caminhando a pé, quasi exausto sob o peso da mochila, ouve o alferes Aranha, que vai a cavalo, perguntar-lhe: "O' Paulo secou-te a musa"? e retruca sem hesitar:

— Não, senhor alferes, tanto assim que lá vai verso.

E com sarcástico "repentismo":

Este charco negro, imundo,
Onde vou metendo o pé,
Faz-me lembrar tua avó
Quando chegou da Guiné.

Evidentemente, a resposta não é muito disciplinar... Mas tem graça, tem até, como improviso, o seu valor; e não deixa de merecer a inclusão num livro desta natureza.

O Sr. Eusebio de Souza recorre a numerosos autores, tais como o Visconde de Ouro Preto, general Rodrigues da Silva, Visconde de Taunay, Ernesto Senna, general Dionysio Cerqueira, Humberto de Campos, Lindolfo Cólor; mas dá também anedotas suas, quer dizer: por ele próprio colhidas dos arquivos ou da tradição oral. E, com a colaboração do desenhista Valmir Ramos fez um livro deveras interessante.

❁ ❁ ❁

TIA ZEZÉ CONTOU... contos infantís de Maria José Sauer Guimarães — *Rio de Janeiro, 1944*.

Infantís lhes chama a autora; nem todos, porém, merecem tal qualificação. Tia Zezé cultiva outros gêneros. Com maior ou menor interesse por parte dos ouvintes ou leitores a quem se dirige, entra pela narrativa histórico-religiosa dos "primórdios da Era Cristã" quando "predominava o politeismo"; entrega-se à ficção trágica da menina que sempre quizera, debalde tentara ver a morte, quer a gente quer de animais, e nem a sua própria conseguiu ver, porque já então não enxergava; recorre à anedota caipira do rapaz que, indo pela estrada de cabeça ao léu apanhar do sereno, explica a certo conhecido tratar-se duma "messa; e o interlocutor comenta: "Eta, premessa besta". Não nos parece, essa última, uma história muito edificante, bem como se nos não afiguram de grande prestígio educativo maneiras de dizer tais como: "*Vem*, Pedrinho. — E' papai Noel quem fala — *Suba* para o trenó" ou esta: "Como *queres* que eu, que assistí a esse espectáculo, *fosse* inimigo dos passaros?" ou ainda esta: "Deu um salto — o Sr. Gavião — sobre um mísero ratinho, devorando-o num *ápice*". Mas, inegavelmente, Tia Zézé narra com simplicidade, com espontaneidade; e as suas histórias são suscetiveis de agradar até às pessoas grandes. Quanto ao mais, se, da nossa parte, entendemos que, nestes livros destinados a crianças e com pretensões a ensiná-las, se deveria observar — pelo menos fóra dos diálogos entre indivíduos ignaros — escrúpulo quanto à pureza e à propriedade da linguagem, a Sra. Sauer Guimarães nos poderá responder que muita gente boa ou assim considerada comete análogas se não peores incorreções. E terá razão. Embora não seja uma razão...

J. L.

Numeros atrazados desta Revista em Ilhéus-Bahia

Procurar na "Papelaria do Sul" --- Rua Marquês de Paranaguá 14

EM TRES VOLUMES, NA

BIBLIOTECA DOS SÉCULOS

Poesia e Prosa

de EDGAR ALLAN POE

A publicação das obras completas de Edgar Poe — obra dos mais notáveis, senão o mais notável realizado na literatura continental — apresenta a tradução mais completa jamais feita de Poe em qualquer lingua. Tôda a sua obra poética, na edição definitiva da mesma, inclusive "O Corvo"; todos os seus contos, inclusive "Os Crimes da Rua Morgue"; um romance completo — "A Narrativa de Arthur Gordon Pym"; e mais ensaios diversos, artigos de critica literária, excertos de suas "Marginalia" e seu ensaio filosófico "Eureka" — eis os trabalhos que a Livraria do Globo apresenta em três belos volumes da "Biblioteca dos Séculos", sob o titulo POESIA E PROSA de Edgar Allan Poe. A obra é precedida de uma noticia bio-bibliográfica, da autoria de Hervey Allen, considerado o melhor biógrafo de Poe, e dum estudo de Charles Baudelaire, o critico que melhor penetrou o pensamento do imortal poeta. E a tradução, levada a efeito com raro capricho, deve-se ao escritor Oscar Mendes e ao poeta Milton Amado. Os três volumes, em brochura, Cr$ 75,00 — encadernados, Cr$ 110,00

PEDIDOS às livrarias ou pelo reembolso postal.

Edições da Livraria do Globo

Na mesma coleção:

1. CHARLES DICKENS, Grandes Esperanças Cr$ 18,00
2/3. LÉON TOLSTOI, Guerra e Paz (2 vols.) .. Cr$ 50,00
4. STENDHAL, o Vermelho e o Negro ..... Cr$ 20,00
5. GUY DE MAUPASSANT, Contos ..... Cr$ 20,00

DEPOSITO DA LIVRARIA DO GLOBO:

Rua do Costa, 127-B — Rio de Janeiro

BLONDINE LOÇÃO
FAZ OS MAIS LINDOS CABELLOS LOIROS

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

MODELOS

fixbril para o cabelo
ASSENTA E DÁ BRILHO

VESTIDO PRÁTICO, COM UM PEQUENO DECOTE REDONDO E HABILMENTE RECOLHIDO, FORMANDO UM DRAPEADO Á ALTURA DO OMBRO. DOIS BOLSOS OBLIQUOS, NA ALTURA DAS CADEIRAS E UMA PRÉGA LEVE E ESTREITA NA PARTE DA FRENTE.

Cuide do seu pescoço

Coluna mestra da cabeça, o pescoço deve merecer cuidados especiais, tal como o rosto. Passe nêle o mesmo crême que usa nas faces e faça uma massagem com a ponta dos dedos, para cima e para os lados, depois aplique-lhe um bom adstringente á base de benjoim e leite de amendoas. Por fim, ponha o talco borotado. Assim, poderá ter um lindo "colo de cisne" como dizem os sonhadores vates. Eis a composição: Oleo de amendoas doces, 250 grs. — Cêra branca, 14 grs. — Canfora, 28 grs. — A'gua de rosas, 250 grs. — As essencias para perfumar, em dosagem de 1 a 2 gramas, podem ser escolhidas conforme o gosto pessoal.

DELIRIO

(Continuação da pág. 37)

— Que gripe horrível!

— Mas você deve sair.

— É. Eu vou tentar encontrar papai. Você aqui não corre nem maior nem menor risco do que em outra parte. Mantenha a porta fechada. Eu acho que, durante o dia, quem quer que esteja nos importunando à noite não ousará voltar...

— Não tenho medo. Pode ir descansada.

— Estarei de volta ao meio dia.

— Ótimo.

— Almoçaremos juntas.

— Perfeito. Não se esqueça de levar bastante dinheiro.

— Ah, é verdade! Você tem dinheiro aí? Tire na minha bolsa.

— Onde é que você pôs aquela carta de crédito do banco?

— Está no compartimento do meio...

— Ah! Está aqui. Muito bem. Eu vou indo.

— Você não precisa mais nada?

— Não, obrigada.

— Bem, então, até logo.

— Até logo.

Aquela despedida foi, assim, breve, sem a seriedade de uma despedida definitiva. Entretanto era a última vez que Jean veria sua madrasta. Mas, como poderia adivinhar que, quando voltasse, ao meio dia...

◆

— Permite que a ajude, senhorita?

— Paulo!

— Olá!

— Paulo!

— Surpreendida?

— Era para menos?

— Bem. Não sei...

— Você quer dizer que me seguiu até aqui?

— Ficaria mais romântico se eu disse-se que sim, porém seria mentira. Não, Jean. Eu tive que vir à Alemanha a negócios. Resolvi procurá-la. Fui ao tal endereço que você tinha me dado, mas de lá me disseram que eu estava redondamente enganado...

— E' verdade. Nós, não sei como, recebemos o endereço errado. Imagine você que estou procurando papai nesse Berlim imenso...

— Que é que me diz!

— E' verdade.

— Escute, Jean. Eu agora tenho um encontro marcado, mas, à tarde, estou livre. Prometa que esperará. À tarde iremos juntos procurar informações. Você não fala alemão e...

— Você nem sabe como eu fico aliviada, Paulo!

— Sempre sirvo para alguma coisa, não é verdade?

— Você é formidável, Paulo!

— Não há nada melhor para acabar com o mau humor matinal de um camarada do que um cumprimento de uma moça bonita! Até mais tarde, meu amor.

— Até mais tarde.

Ele se afastou tão rapidamente que ela, depois da sua partida, ficou em dúvida sôbre se o vira realmente.

◆

Esperar? Era melhor sair, dar umas voltas... Quem sabe se não saberia de alguma coisa importante, se não descobriria alguma coisa? Mais tarde, tornaria a sair com Paulo.

(Continua na pág. 45)

Uma cadeira de rodas para o José

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 19

Depois de um quarto de hora êle resolveu comprar um dos brilhantes no valôr de oito contos de réis. Porém, como o dinheiro que trazia consigo não fôsse suficiente, pediu que lhe enviassem a joia, daí a uma hora, ao Hotel Esplanada, entregando o seu cartão.

— Será o tempo necessário para ir ao Banco retirar o dinheiro. Peço-lhe, sr., que coloque a pedra num estojo aprimorado visto tratar-se de presente.

O sr. Arthur achou pouco elegante exigir-lhe um sinál dando-se por satisfeito com o cartão que trazia o nome do rapaz. O sobrenome éra tambem o do Ministro... de quem êle se disse filho. Dizia ainda que se achava com sua mãe de passagem na cidade, mas que residia no Rio de Janeiro.

Ficou algum tempo até que chegasse o carro com o amigo. Despediu-se afavel e risonho olhando muito a mocinha que ficou tremula e palpitante, sentindo que com êle ia tambem um pedacinho do seu coração! Os donos estavam satisfeitos com o bom negocio quase realizado e que se consumaria daí a uma hora. O próprio gerente levaria o objeto ao Hotel. E o coração jovial de Nena pulsou com força no calor dos desoito anos. Estava em extase a boca seca sem ter saído ainda do assombro venturoso em que ficara. Viu maquinalmente o chefe apanhar o envolucro dos seis brilhantes e dobra-lo pacientemente comentando em italiano com o filho a sorte dessa manhã. Era um esplendido lucro que daria para liquidar um título para cujo pagamento teriam que desfalcar de muito o suprimento do cofre.

José espiava para dentro da loja sorrindo satisfeito. Ele acompanhava sempre o movimento da joalheria. Recebeu até o riso condescendente do sr. Agripino que lhe disse com a sua linguagem bizarra:

— Hái guadanhato o dia, é?

Nena pensou numa confusão de pensamentos que todos haviam ficado satisfeitos com a presença do estranho, todos... todos, menos ela... Aquele homem viéra para machucar-lhe o coração, pois do contrario porque aquela dôr aguda que sentia fazendo o peito bater tanto Suspirou e continuava a pensar emquanto os chefes se dirigiam ao escritório, lá dentro da porta de espelhos. José chamou-a:

— Que achou do moço? Bonzinho, não é?... Ué! Parece que a senhora ficou triste.

— Eu? Não...

Mas José não era tolo e já a conhecia por vê-la ha três anos seguidos notara que o seu rosto denotava uma emoção que em vão ela queria esconder.

— O moço gostou da senhora. Olhou-a tanto! Ele deve ser muito rico.

Ela interrompeu-o contrariada:

— Não José! Esse é rico demais. Muito importante para ligar a uma simples caixeira!

E faziam comentários ainda quando a porta de espelhos foi aberta bruscamente aparecendo pálido o gerente. Ao apanhar a pedra para coloca-la no estojo, constatára que uma delas era falsa, uma simples safira branca sem valôr e muito conhecida para substituir o brilhante verdadeiro. O gerente jurava por todos os santos que recebera do depósito 6 pedras legitimas e assinára recibo depois de verificar todas elas uma a uma. Como surgia agora uma substituida por um vidro comum? Telefonou nervoso á casa importadora e teve a confirmação de que lhe foram entregues seis brilhantes. E o resultado foi bem triste para os joalheiros. O rapaz não era conhecido no Esplanada. Sem dúvida fôra êle quem roubára a pedra valiosa. E em meio as maldições do gerente, Nena pensava, num vago consolo, que fôra o próprio chefe que se deixara ludibriar.

Entretanto, tudo voltou á normalidade e a policia procurava o elegante gatuno com grande empenho. No dia seguinte ela passava pelo largo da Sé quando viu carro parado e dirigindo-se a êle o ladrão. O coração bateu com força e num tremor nervoso sem poder se conter, como louca chamou um guarda civil que veio rapido. Disse lhe aflita num estremo nervosismo que prendesse aquele homem, que era um refugiado ladrão. Houve aglomeração e o rapaz disse calmo ao guarda:

— Esta moça por certo está louca, para que faça um escandalo destes...

O guarda confuso falou:

— A senhorita deve estar enganada, porque acusa êsse moço?

— Porque sou empregada da joalheria... e êle roubou alí e está sendo procurado pela polícia...

O moço que acompanhava o gatuno interveio dizendo:

— Senhor guarda, espero que não dê credito a êsse moça. Este rapaz é meu amigo. O senhor póde até sofrer as consequencias desse escandalo.

E disse-lhe em voz baixa que o rapaz, em questão, era filho do Ministro...

O guarda olhou assombrado e pediu-lhes, desculpando-se profusamente, que partissem a-fim-de se libertarem dos curiosos. Ele mesmo lhes abriu a porta do auto. E fusilou a moça com os olhos dizendo-lhe irado que ela éra passivel até de prisão por acusar publicamente um filho de uma personagem de relevo. Nena seguiu envêgonhada e triste, num supremo desespero. Sentira-se feliz, num contentamento raivoso, por ter a oportunidade de desmascarar aquele moço que lhe magoara o coração trazendo-lhe um tão grande desengano! E o resultado fôra sentir-se ridicularisada perante os outros...

Um mês depois surgia no jornal o retrato do ladrão. Tratava-se de Estanislau Prata, conhecido no Rio Grande do Sul pela alcunha de Pratinha. Naquela cidade fôra preso e a polícia custara a convencer-se da sua culpabilidade, visto como vários rapazes da maior projeção no mundo social, o defendiam, duvidando da acusação que recaía sobre êle. Era tão distinto, tão elegante!... O carro em que chegara na joalheria era do filho de um ilustre advogado paulista e graças a isso conseguira durante algum tempo uma vida de fausto sem ser descoberto. Depois do furto deixara de aparecer no carro que tanta sensação causara em Nena e, quando êle o vira pela segunda vez, já se encontrava em outro automovel de outra côr. Era tal a sua audacia que, mesmo após o furto que praticara, continuou a aparecer calmamente nos seus lugares habituais da cidade, pois julgava dificil a polícia descobri-lo.

Mais tarde quando a polícia entregou, depois de feita a apreensão da pedra que fôra vendida, em S. Paulo mesmo, a joia ao Gerente este, curioso e ao mesmo tempo despeitado por ter sido enganado pelo gatuno, perguntou ao delegado como pudéra o rapaz furtar de forma tão inexplicavel:

— Muito simples. Um truque já conhecido. Ele pedia as pedras soltas porque trazia por baixo da ponta da unha, particulas de sabão com as quais agarrava a pedra. Depois substituir-a por outra falsa mais ou menos do mesmo tamanho, tróca essa que na hora ninguem percebia.

Nena ao passar junto ao guarda civil que estava no ponto do largo da Sé disse-lhe furiosa:

— O sr. devia ser demetido, sabe? Veja isto e mostrou-lhe o jornal que o guarda leu admirado. Podia ter tido a gloria de prende-lo naquele dia.

E o guarda desapontado sem ter outra saída:

— Mas menina, você já pensou no que seria de mim se eu prendesse por engano o filho do Ministro...?

Mas é indiscutivel que o destino gosta de brincar com os humanos. José déra sorte ao ladrão que teve o seu bilhete premiado.

Aprendidas as joias e indenizados os prejudicados, gastara êle algum dinheiro com o advogado e, após um ano de pena cumprida, fôra solto com dinheiro que lhe sobrou do premio que lhe coubera por sorte. Quis ser generoso para com o aleijado e este emocionado recebe certa tarde um envelope com a importancia de uma cartinha jocosa do original larapio, enviando-lhe o presente de dois contos de réis. E era tal a sua fé que rejubilou e disse radiante á Nena que iria sem falta ao local onde residia a Santa dos Pinheiros, para se curar. Nena falou apesar de desiludi-lo:

Não, não José! Não vá! Não creia naquela santa que é uma impostora. Ha tempos eu queria provar-te isto. Vê, aquí neste jornal, o retrato déla? Foi desmascarada por receber dinheiro dos incautos, quando não passava de uma mistificadora. E explicou-lhe melhor a falsificação da santa. Foi grande a desilusão do pobre aleijado. E ela não poude deixar de comparar mentalmente esse desengano ao que ela próprio sentira um ano atraz. Disse alto:

— Nem tudo está perdido José! Você póde comprar a cadeira de rodas e não terá de se arrastar mais no chão molhado.

Ele sorriu satisfeito:

— Eu bem dizia que aquele moço era bonzinho! Que pena êle ser ladrão!

DISTRIBUIDORES: ARAUJO FREITAS & C.ª — RUA CONSELHEIRO SARAIVA, 41

Modas

Duas peças interpretadas em crepe amarelo palha; bandas pespontadas enfeitam o casaco e em cima dois motivos presos por clips. Para a manhã este vestido em hantung branco, com dois bolsos imprevistos e pespontos; botões esféricos vermelhos. Vestido esportivo em jersey azul-rei; a blusa tem um "plastron" enfeitado com quatro recortes embutidos, pregas nas costas. Saia com pregas fundas. 2 peças em linho branco e tricotado azul com pesponto e iniciaes. Bonito vestido em shantung branco de corte irregular, pespontos e grandes iniciaes, de influencia chineza, mangas curtas. 2 peças em linho grego aplicações recortadas em vermelho e cordonné verde no bordado. Saia réta.

Novidades

1 — Elegante conjunto de bolsa e chapéu para a tarde ou noite, em setim negro.

2 — Originalissimo conjunto de primaveril aspecto, realisado, em flores de feltro, no chapéu e na bolsa. Está nisso, no bom gosto do detalhe, o encanto de um vestido simples.

3 — Conjunto de faille quadriculado com motivo bordado por cima; chapéu e luvas iguaes. Para as tardes.

4 — O mesmo motivo de picot enfeita a gola, as luvas e o chapéu, formando elegante conjunto.

5 — *Toque*, bolsa e gravata em "faille" quadriculado enfeitam este vestido.

Veronica Lake (PARAMOUNT) aconselha: -Use o meu sabonete!

SABONETE LEVER

VEJA COMO LEVER É ECONÔMICO! LEVER É FEITO ESPECIALMENTE PARA PRODUZIR ESPUMA COM RAPIDEZ - PORISSO GASTA MENOS.

Como é deliciosa sua alva e macia espuma! E como é suave a fragrância do seu agradavel perfume! São essas qualidades que tornaram Lever o sabonete adotado por 9 entre 10 estrêlas do cinema!

★ LEVER - o sabonete das estrêlas!

LINTAS LTS 7a

CABELOS BRANCOS? LOÇÃO Brilhante

RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PELE

MÁSCARA DE LAMA
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA OS POROS — MODELA O ROSTO
A VENDA EM TODA A PARTE

MODAS

1 — INTERESSANTE VESTIDO EM SEDA AZUL COM ENFEITES DE SEDA BRANCA. OS BOTÕES FORRADOS, FORMAM UM ORIGINAL ADORNO.

2 — UM POUCO FORA DO COMUM, APESAR DO DRAPEADO. A PALA E OS BABADOS SÃO DE FITA MAIS ESCURA, MAS NO TOM DA FAZENDA.

3 — MUITO ORIGINAL, COM GRANDE BOLSO DRAPEADO E VIÉSES CLAROS. GRACIOSO LAÇO NO HOMBRO ESQUERDO.

4 — JUVENIL E BONITO VESTIDO COM AS MANGAS BRANCAS, SOBRE AS QUAES HA UM ENFEITE DO RECORTE APLICADO DA BLUSA; ESTA É INTEIRA ATÉ OS QUADRIS, ARREDONDANDO PARA A FRENTE; SAIA BEM AMPLA.

incarelli

ALMIRANTE BARROSO, 5 ★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

1844-1944
THE S. S. WHITE DENTAL MFG. CO. PHILADELPHIA
UM SECULO DE SERVIÇOS A' ODONTOLOGIA
SIMBOLO DE ORIENTAÇÃO E GARANTIA
USAR A PASTA DENTIFRICIA S. S. WHITE E' SABER DAR PREFERENCIA AO DENTIFRICIO MAIS INDICADO PARA HIGIENE E CONSERVAÇÃO DOS DENTES
PASTA DENTIFRICIA S. S. WHITE

A BELEZA E' OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o crême de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este crême, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Crême de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os panos, as manchas e asperezas e a tendência para pimentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Crême de Alface "Brilhante".

Experimente...

DELIRIO

(Continuação da pág. 41)

A rua estava cheia. Havia movimento, luz, muita luz de um sol agradável. Jean sentiu-se bem àquele sol. Como era poderoso! Como dissipava, em poucos instantes, tôda a tristeza, tôdas as apreensões!

Um homem abordou-a.

— Senhorita...

Falava em inglês. Foi, talvez, por isso que ela parou. Olhou-o. Ele a encarou. Tinha uns olhos verdes, penetrantes.

— Senhorita Shanton?

— Sim?

— Vai lhe acontecer qualquer coisa de estranho. Não se assuste. Hoje, às três horas da tarde, um taxi irá apanhá-la no hotel. Tome-o e deixe que a leve aonde êle quiser. Verá que só assim será salva!

Houve uma pausa. O homem disse, ainda:

—Cuidado com os falsos amigos!

E, antes que ela pudesse dizer mais alguma coisa, o homem desaparecera na multidão.

♦

Batia doze horas quando ela entrou no hotel. O hall estava vasio como da primeira vez. Estranha coincidência: mal ela entrou, apareceu, novamente, o homem de certa idade e seu jornal.

— Minha chave, por favor, disse Jean ao porteiro.

— Perdão, senhorita?

— Minha chave.

— Sua chave?

— Sim. Do 117. Não se lembra?

— Perdão, mas a senhorita não está hospedada aqui... o 117 é o quarto de Herr Preisinger, aquêle senhor que está ali lendo o seu jornal.

— O senhor enlouqueceu?

— Senhorita, francamente, estou inclinado a acreditar que foi isso o que aconteceu com a senhorita.

De repente, o porteiro murmurou, entre dentes: "Não protesteí"

— A senhorita, sem dúvida, quer um quarto, prosseguiu.

— Sim...

— Vou dar-lhe o 118.

— Obrigada.

Quando Jean passou para o 118 viu que a porta do 117 estava aberta. Não havia ninguém ali. Onde estaria Anna?!

♦

Às cinco para as três recebeu uma telefonema. Era Paulo.

— Jean!

— Paulo!

— Que é que há?

— Preciso falar com você, urgentemente.

— Estou em baixo, no hall. Que houve?

— Explicarei aí. Vou descer.

— Está bem...

♦

Por detrás de Paulo, o porteiro fez um sinal. Jean seguiu a direção da mão dêle.

A porta estava parado um carro. O homem dos olhos verdes...

Paulo disse:

— Vamos sair?

Jean viu o porteiro, por gestos, implorar-lhe que não fôsse.

Por que deu crédito àquele homem? Por que acreditou no homem dos olhos verdes? Não sabia explicar. Sentia que tinha que fazer aquilo, sentia que sua vida estava em perigo e dependia de uma cartada bem jogada. E jogou.

Nos olhos de Paulo brilhava uma luz que ela nunca tinha visto. O homem dos olhos verdes dissera:

— Cuidado com os falsos amigos!

Quem seria o verdadeiro amigo? Sem dizer uma palavra, como que levada por um impulso mais forte do que ela mesma, Jean correu, correu, partindo, de repente, e sem olhar para trás. Viu o carro, viu o chauffeur. Bateu a porta e o automóvel pôs-se a andar, com tôda a velocidade.

Para onde a levaria?

♦

Recostada na almofada, Jean refletia. Agira instintivamente. Na hora de decidir em quem haveria de acreditar, decidi-

ra acreditar em quem não conhecia. O instinto a guiara. O aviso, estava certa, era relativo a Paulo .Os falsos amigos... E Anna... Passara aquelas horas tentando descobrir onde estaria. O homem dos olhos verdes teria cuidado dela também?

♦

Estavam saindo de Berlim. O carro, a tôda a velocidade, atravessava um campo cultivado, depois uma vilazinha. E corria sempre. Aonde a levaria?

♦

Recapitulando os acontecimentos das últimas horas, Jean sentia, novamente, a sensação de irrealidade, de quem não está, realmente, vivendo a sua vida, mas, fora de si, vê seu corpo agir, movimentar-se, como se não fôsse parte daquele corpo. Uma sensação estranha. O corpo sente tudo, mas qualquer coisa parece que impede a ligação, e a pessoa fica, assim, como que desligada de si mesma. Aonde a levaria o carro? O embalo a fazia adormecer... Como passara mal a noite!... Que perfume seria aquêle que sentia, de repente? Uma coisa suave e penetrante... penetrante... Os pensamentos de Jean foram se tornando cada vez mais vagos, cada vez mais imprecisos... Adormeceu.

PRISÃO de VENTRE?
Pilulas
ALOICAS
REGULARIZAM OS INTESTINOS SEM TORTURA-LOS.

♦

Estava num trem ou num vapor? Sentia o embalo peculiar de uma embarcação. Onde? Abriu os olhos, lentamente. De repente, começou a notar que o ruido que ouvia não era somente uma sensação desagradável, existia realmente. Estava num avião, deitada no chão do aparêlho, recostada numa porção de almofadas.

— Onde estou?

Via, de onde estava, o piloto. Nesse momento sentiu que o aparêlho estava baixando, sentiu o choque ao tocarem a terra, sentiu dois braços fortes que a amparavam. Meio tonta ainda, deixou-se levar. Ao saltar do avião viu um gigantesco campo de aterrissagem. E viu um cartaz, com um nome.

"Aeroporto de Croydon".

Estava na Inglaterra!

♦

— Sente-se melhor?

Era o rapaz dos olhos verdes.

Jean assentiu.

— Pelo amor de Deus, agora que está aqui ,explique-me tudo!

Ele sorriu.

— Desculpe a demora. Tive que fazer um relatório primeiro.

— Você é inglês?

— Sou...

— E nós estamos na Inglaterra?

— Sim.

— Como vim parar aqui? Penso que estava na Alemanha... Ou terei sonhado tudo?

— Não. Você não sonhou. Muito pelo contrário. Viveu uma aventura extraordinária.

— Conte-me tudo.

— Você sabia que seu pai, na realidade, era inglês, não é verdade?

— Sim. Naturalizou-se americano, nunca soube por que.

— Para melhor poder servir sua pátria. Ele, sendo americano, poderia ir à Alemanha.

— Como? Por que desejaria ir à Alemanha?

— Seu pai era membro do Intelligence Service inglês...

— Papai? Não é possível!

— Esse é o maior cumprimento que se pode fazer à habilidade dêle. Tanto seu pai como sua madrasta faziam parte do serviço secreto inglês. Casaram-se, depois de trabalharem muitos anos, juntos, enquanto você ainda estava no colégio. O casamento dêles desagradou aos chefes, mas, como eram bons agentes, êle permitiu, contanto que isso não interferisse com o seu trabalho.

(CONTINUA NA PÁGINA 48)

Ela DEPENDE TANTO da Senhora!

SEUS dentinhos estão em tão íntima relação com a saúde que cuidá-los convenientemente é dos seus primeiros deveres de mãe. A senhora, que zela pela sua alimentação — tenha o mesmo cuidado com o dentifrício que ela usa. Prefira o Creme Dental Squibb. É fabricado por uma casa que desde 1858 vem trabalhando com as classes médica e odontológica, sendo seus produtos universalmente recomendados pela pureza. O Creme Dental Squibb limpa com segurança, sem substâncias ásperas nem adstringentes. Não pode estragar o esmalte nem irritar as gengivas.

E quando a criança sentir o seu delicioso sabor e admirável sensação de frescor que o Creme Dental Squibb produz na bôca — a senhora nunca mais precisará insistir para que ela escove os dentes regularmente.

Creme Dental SQUIBB

Creme Dental SQUIBB
Neutraliza a Acidez Bucal
E.R. SQUIBB & SONS
NOVA YORK

Comece a levar seus filhos ao dentista desde a idade de 3 anos. Mande examinar e proceder a uma limpeza preventiva dos dentes duas ou mais vêzes por ano, tantas quantas o dentista recomendar. Faça executar prontamente todo o tratamento necessário.

DÔR de ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Pepsis
BANKETS

SABONETE
VALE QUANTO PESA
E' O IDEAL PARA O BANHO!
GRANDE · BOM
BARATO
A' VENDA EM TODO O BRASIL

DE TEATROS

ANSELMO DOMINGOS

A situação do nosso teatro atual pode ser dividida em dois lances: os que são a favor, e os que são contra.

Não há peneiras que atrapalhem a visão de quem quer ver. As duas correntes estão aí, bem divididas, jogando as armas, defendendo pontos. Num acérrimo de disputa interessante, talvez com alguns resultados de proveito.

Comediantes, estudantes, universitarios e congeneres num grupo. Profissionais em outro. E as duas facções de crítica. De um lado os críticos permanentes das secções diárias. De outro a revoada de novos comentadores, mensageiros de planos diferentes.

Já vi o desassombro de Nelson Rodrigues dizendo o que sente sobre a arte de Dulcina. Assistí à franqueza de outros descrendo do teatro de Santa Rosa. E mais coisas. Sobre as subvenções, sobre as ajudas de custo, sobre os incendios, sobre o fáto de se ensaiar uma peça um ano para representar uma vez. E ainda aquela palpitante auto-entrevista de Raimundo Magalhães Junior, com umas verdades que a gente só diz mesmo quando está com disposição.

O mais engraçado, porem, não é isso. Gozado, bem gozado, é a permanente disparidade de idéias, de ações, de atitudes. Os atores de verdade, oficiais da profissão, no palco, dando duro de quinzena em quinzena, com chanchada e sem chanchada. Os outros, amadores-estudantes, dividindo o tempo entre as duas preocupações. Exames na junta professoral e passagens na marcação das peças. E fóra disso tudo continúa. Sem se chegar a um fim.

Começou há dois anos. Estamos em dezembro. Vai entrar outro ano e tudo continuará. Mesmo com a chegada de Pascoal Carlos Magno, mesmo com aquela idéia bonita de Dulcina enxertando seu elenco com os amadores que apreciava.

Acredito que surjam outros grupos. Outras ideais, outra gente e outros ensaiadores. E mais espíritos de porco tambem. Todos na vontade irredutivel de fazer pelo teatro nacional. Mesmo com a montagem de lendarias velharias de outras terras.

Aliás, essa questão de acreditar é muito importante quando se fala do teatro brasileiro. Uns há que acreditam mesmo e trabalham honestamente com o pensamento. Outros não. Não vale acreditar, pensam eles, porque quem mais acredita é quem menos vê. Questão de ponto de idéia.

Uma coisa permanecerá porem, e dela ninguem duvide: entraremos em 1945 com o mesmo panorama, com as mesmas duas correntes em suas respectivas posições. Uns de lá, outros de cá.

E o que mais se estranha é que não se chegue á uma conclusão. Não sei se por falta de lembrança, não sei se por vontade expressa.

Enfim, como fazer sugestões é a coisa mais fácil que já vi na terra, porque não dá trabalho nem acarreta responsabilidades, aquí vai uma que pode ficar por minha conta ou, caso queiram, passarei a outro com todo prazer: Não acham que já é tempo de se chegar a qualquer finalidade?

Ou a gente arraza logo com tudo quanto é profissional, mandando a picareta em cima dos calhambeques onde trabalham, deixando que sopre livre e imaculada a desejosa alvorada de talentos novos e idéias moças, ou então mandemos ás favas essa história de avanços e renovações, deixando que continue o teatro nacional a dormir na doce mansão do convencionalismo.

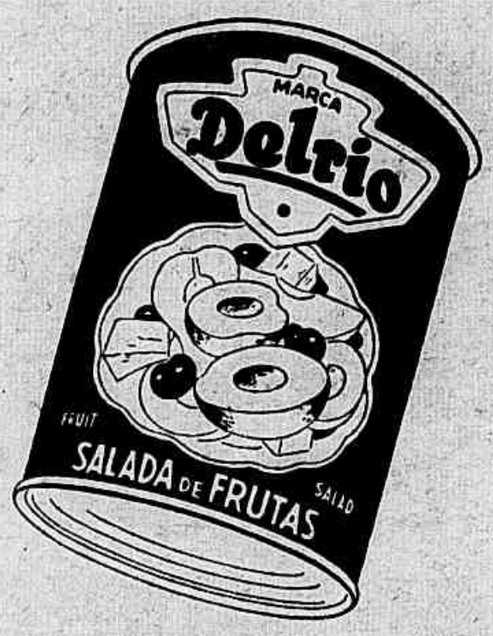
Do jeito que está, ninguem sabe o que quer, e o público acaba não compreendendo. Tanto que ele — o público — para não desgostar a nenhuma das partes, adotou aquele simpatico processo do páu dos dois bicos: vai aquí e vai alí. Vê uma coisa e depois vê a outra. Bateu palmas em "Vestido de Noiva" — simples exemplo — e depois foi escancarar a boca com "As filhas da Candinha".

Já é tempo, vocês não acham?

Ou será que o público está tirando conclusões? Nesse caso, seria ótimo. Mais que isso. Formidavel.

LEMBRANÇAS inesquecíveis!
EXTRATO MIRAGE
Grande CR$ 70,00
Médio CR$ 28,00
LOÇÃO MIRAGE
Grande CR$ 50,00
Médio CR$ 28,00
POURQUOI-PAS
CR$ 100,00
Um frasco da inebriante MIRAGE irá de encontro aos seus desejos... ou quem sabe se o delicadissimo POURQUOI-PAS se adapta melhor à sua personalidade? Dê-lhe um ou outro — e ela apreciará sua lembrança!
PRODUTOS
ATKINSONS
UNTAS AM-PP 2-0339 C

Sabores variados numa só delícia!



SALADA DE FRUTAS DELRIO

Frutas finas e escolhidas, preparadas por processo especial — eis o grande segrêdo desta variedade Delrio. Conservando a côr, o perfume e o sabor original de cada fruta, Delrio criou uma Salada de Frutas que é uma verdadeira festa para o paladar. Provar é gostar, servir é agradar! Magnifica também para enfeitar pratos de doce, geleiados, cremes. Faça questão da marca DELRIO.

*

Ouça no Rádio Club do Brasil o programa "PAPEL CARBONO", um gostoso presente Delrio. Todas as terças-feiras às 21,35.

COMPOTA DE PERA DELRIO

A deliciosa sobremesa, pronta para servir em qualquer ocasião. Fina, gostosa, conquista os paladares. Peça pela marca DELRIO.

Delrio

COMPANHIA INDUSTRIAL DE CONSERVAS DELRIO

KETCHUP DE TOMATE DELRIO

Realça o aspecto, o sabor dos assados, massas, carnes, peixes. Pratos bem apresentados despertam apetite, sugerem cumprimentos.

ESTES SÃO APENAS 3 PRODUTOS DA GRANDE FAMILIA DELRIO

GRANT 18.013

DELIRIO

(CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 46)

Seu pai foi à Alemanha em missão especial. Não posso dizer qual era a missão, pois ainda não foi completada. Seu pai, pela primeira vez na sua vida, falhou. Falhou, e foi prêso pelos alemães. O nosso agente, Pringle, americano de nascimento, também foi prêso. Quando seu pai não respondeu às cartas de sua madrasta, ela viu que alguma coisa acontecera. Tinha o endereço de Pringle, que prometera só utilizar em último caso. Para poder ver o que acontecera, foi à Alemanha. Na casa de Pringle, a Gestapo colocara uma alemã, agente dêles. Todos sabiam quem era sua madrasta e o que ela procurava: o marido. O marido estava prêso, e êles queriam também sua madrasta, porém, sem causar escândalo. Que fizeram? Como desembaraçar-se de você? Fazendo com que você parecesse louca para que não dessem crédito ao que dissesse, e abafaram, com o escândalo de sua loucura, o desaparecimento de Anna Shanton. Assim, Paulo Travers, nazista americano, iria ajudá-los. Daria um testemunho oposto ao seu. Negaria que Anna Shanton estivesse com a senhorita desde o princípio. E confundiria tudo com testemunhos contraditórios. Estava tudo combinado. Porém o porteiro do seu hotel me avisou a tempo. E eu resolvi salvá-la. Quando os nazistas raptaram Anna e Paulo aprontou para ouvir sua história e dizer que você estava louca, que nunca estivera naquele hotel, chegou o carro que eu mandara. Tive que lhe dar um pouco de clorofórmio. Iamos fugir, antes que a Gestapo nos pegasse e não havia tempo para explicações...

— Que aventura louca!

Jean ainda não tivera tempo para compreender tudo que ouvira. Uma coisa retivera: o rapaz, ao falar do seu pai, usara o passado. Olhou para êle.

— Papai...

Ele compreendeu:

— Sim!

Com os olhos rasos dágua, ela disse:

— E Anna?

— Também!

Soluçando, ela deixou-se cair no sofá. Ele tomou-lhe a mão, delicadamente, e tentou confortá-la.

♦

Foi uma semana depois de tudo que êle perguntou:

— Até hoje eu estou para saber por que você confiou em mim...

E ela disse:

— Nem eu mesma sei dizer por que. Na hora que tive que tomar uma decisão eu me lembrei de você, olhando-me fixamente e, de repente, sem saber porque, eu **sabia** que era a você que eu deveria seguir...

Ele, sem dar por isso, passara o braço pelos ombros dela...

— Oh, desculpe! disse, de repente.

E ela:

— Não faz mal...

Houve uma pausa. Depois, ela perguntou:

— Como é que você se chama, hein?

E começaram os dois a rir, felizes. Ela nem sabia o nome dêle ainda!

♦

Um mês mais tarde, um documento oficial, com o pedido de demissão do Tenente Read, do Intelligence Service, chegou às mãos do chefe, que escreveu, nele o seguinte comentário:

"Mais um estragado pelo casamento."

Bem em cima desas observação, êle tinha escrito "deferido" e assinado.

Com um suspiro, o chefe deu andamento aos papeis, e voltou ao seu trabalho. Na legenda escreveu:

"Jack saiu. Procurar novo agente para número 98.

Era uma observação que só êle compreendia.

Feminilidade! Virilidade!

Equilíbrio das funções

Estão ao vosso alcance com o tratamento **Hormôno-Vitaminal**, por meio de **OKASA**, produto de alta reputação mundial. **OKASA** (importado diretamente de Londres) é uma medicação ultra-racional, garantida pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma. À base de Hormônios vivos e vitaminas ativas, **OKASA** é conhecido em todo mundo pela sua eficácia terapêutica e oferece o máximo de sucesso em todos os casos de deficiência glandular do aparelho genital e do teor vitamínico, como: **frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais**, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., tôdas essas deficiências de origem glandular na mulher. Fraqueza sexual em tôdas as idades, senilidade, velhice precoce, fadiga e perda de memória, etc., no homem.

OKASA dá **Vida Nova, Juventude, Beleza, Atração, Alegria de Viver.** Em tôdas as bôas Drogarias e Farmácias. Informações e pedidos ao Dist. Fred. ARNA Dep. RS. Av. Rio Branco, 109-11º

CABELLOS BRANCOS

CASPA

Quéda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Desprende, joga ou cai a sua DENTADURA POSTIÇA?

FIXODENT, um pó aperfeiçoado para polvilhar as dentaduras postiças, conserva-as com maior firmeza na bôca. Assim elas não desarticulam, não jogam e não caem. FIXODENT não deixa nenhuma sensação pegajosa. É *alcalino* (não ácido). Não amarga a bôca. Combate o "cheiro de dentadura postiça". Perfuma o hálito. Compre FIXODENT hoje mesmo, em qualquer farmácia ou depósito dentário.

Distribuidora para todo o Brasil: ODONTOLOGIA AMERICANA Av. Rio Branco, 114, 1.º - Rio

Cacilda Becker,
um susto e um cigarro

Cacilda Becker é um amor de garota. Veio de Santos ha cerca de tres anos, chamada por Maria Jacinta para integrar o lenco do Teatro do Estudante do Brasil. Sua estréia foi um sucesso tal que os profissionais logo trataram de disputa-la aos amadores. Aliás, seu primeiro ensaio bastou para deixar estupefatos os assistentes, (entre os quais estava eu, conforme registrei em uma cronica da época), os diretores e a própria ensaiadora do elenco, D. Esther Leão.

Daí para o profissionalismo foi um passo. Entre as varias companhias que a disputavam, escolheu a de Roulien, onde teve ocasião de provar que seu talento era realmente espontaneo e não apenas o produto de muito sacrifício por parte do ensaiador. Não desmentiu jamais as predileções daqueles que a viram no primeiro ensaio na Casa do Estudante.

Pouco tempo depois, porem, com surpresa geral, voltava a Santos, completamente desiludida da arte dramática e empregava-se em um escritório comercial, jurando nunca mais voltar ao palco.

Mas a arte dramática é um virus do qual jamais conseguimos nos livrar e contra o qual não ha vacina que valha. Em breve Cacilda estava no rádio paulista, "brilhando" como *estrella* quasi absoluta e havia voltado ao amadorismo, no grupo de teatro dos estudantes paulista. Dois explendidos sedativos, não ha dúvida, mas insuficientes para quem sente em si os anceios de uma verdadeira atrís.

E ei-la de volta ao palco. Desta vez ao melhor palco da cidade, integrando um elenco homogeneo de gente jovem, sonhadora e ambiciosa. Esperemos que agora seja definitiva a sua resolução.

Mas em cada estréia de Cacilda ha sempre um anedota, não comica, mas uma história inesperada que não lhe permite estreiar "comme il faut".

Veio para o Teatro do Estudante substituir Zezé Fonseca, quando o resto do elenco já estava quasi ensaiado, faltando poucos dias para a estréia. Com Roulien, tambem, a coisa foi resolvida de uma hora para outra e sua estréia se fez quasi sem ensaios. Agora, com Bibí Ferreira, fez mil planos, preparou a sua volta ao palco, cuidadosamente, cheia de receio, dizendo que já não era garota irresponsavel, que estava "destreinada" pelo rádio, que precisava re-estreiar dignamente, sem precipitação, com muitos e muitos bons ensaios, etc, etc...

Mas... eis que Bibí adoece repentinamente. Representava-se "E' Proíbido Suicidar-se na Primavera", as entradas estavam vendidas e Bibí não poderia de forma alguma representar. Isto aconteceu ás tres horas da tarde. Foi suspensa a sessão das cinco. Mas... e a outra? Que complicação!... Só havia uma saída: apelar para Cacilda. "A pequena tem talento e é audaciosa... talvez"...

Pois bem, á noite, depois de passar rapidamente a peça, com auxilio dos colegas, para conhecer a marcação e de lêr apressadamente, sósinha, varias vezes suas cenas, Cacilda Becker estreiou pela terceira vez no Rio. Estava nervosa e o papel não era "sopa". Ela porem é de circo e com auxilio de um, ou por outra, de vários cigarros, que acendia no momento oportuno para ouvir o ponto sem que a platéia percebesse, com um jogo de cêna extremamente natural e espontaneo e empregando todos os recursos que o verdadeiro talento sugere nas horas "terriveis", Cacilda agradou integralmente a platéia e provou a si mesma, mais uma vez, que não adianta fazer planos. Na carreira de uma atrís quem governa é o destino.

Ei-la aquí em duas expressões completamente diferentes. Na primeira, segurando um cigarro e com o sorriso feliz e brejeiro que a tornou mais encantadora ainda no papel da jovem jornalista de "E' Proíbido Suicidar-se na Primavera"; na segunda, com a expressão que governa o papel da "perigosa Mira", de "Que Fim de Semana"!...

MARIA LUIZA

Snr. Luiz de Souza e Silva

Viajou para os Estados Unidos pelo Clipper da Pan American World Airways o Snr. Luiz de Souza e Silva, um dos Diretores da S. A. Marvin e Presidente da S. A. "O Malho".

A viagem do conhecido homem de negócios tem como finalidade tratar de interesses das duas Empresas que dirige.

No cliché vemos o ilustre viajante, que é figura de alto prestígio nos meios comerciais e industriais da Capital, entre os amigos que o foram levar ao aeroporto.

Fotografias Brasileiras em Londres

LONDRES, NOVEMBRO (*Via-aérea*) — Com a cooperação de Lord Portal, ministro das Obras Públicas da Grã-Bretanha, do embaixador do Brasil em Londres, do presidente da organização Cultural "British Council", de outras altas personalidades dos circulos oficiais e de diversos representantes da colonia brasileira na capital britânica, foi inaugurada, em "Simpsons" em Picadilly, Londres, uma interessantissima exposição de fotografias do Brasil intitulada "O Brasil constróe", a qual tem despertado extraordinario interesse.

Lord Portal, que presidiu à cerimonia de inauguração, fez lembrar que, depois da Russia e da China, o Brasil é o maior de todos os paises do mundo, inclusive os Estados Unidos da America, e desenvolvendo-se a passos rapidos, graças aos progressos da ciência e aos inventos modernos, e que, nestes últimos vinte e cinco anos, o aumento da população no Brasil foi superior a cem por cento.

E adiantou que "nenhum outro país soube tirar melhor proveito do patrimonio cientifico e artistico legado pelo Velho Mundo. E' interessante observar como o Brasil ensina ao resto do mundo a arte de rejuvenescer as suas cidades."

As fotografias expostas deixam a impressão de que em Minas Gerais e nos novos bairros do Rio de Janeiro encontram-se alguns dos mais interessantes exemplares de arquitetura moderna do mundo.

"Em um país progressista, e que se desenvolve tão rapidamente", prosseguiu Lord Portal, "é obvio que o Ministério de Educação ocupe um dos mais belos e imponentes dos modernos edificios cujas fotografias nos foi dado admirar".

Respondendo ao embaixador britânico, o embaixador do Brasil em Londres agradeceu as palavras de carinho com as quais a alta personalidade do Governo Britânico havia se referido ao Brasil, expressando, ao mesmo tempo, seus votos de que a exposição pudesse interessar ao povo britânico, que ora luta contra a escassez de habitações.

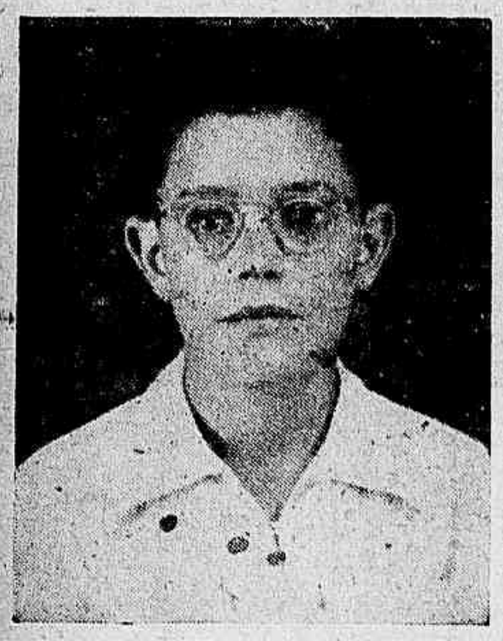
Concluindo então o ato inaugural, foi a sala de exposição franqueada ao numeroso público que já se comprimia em todos os salões, e ao qual as obras expostas, inclusive magnificos exemplares do Brasil moderno e historico, arrancaram exclamações de vivo entusiasmo e grande admiração.

Admiradas com extraordinario interesse foram as fotografias das belas e soberbas construções do Rio de Janeiro moderno que contrastavam com os exemplares da arquitetura colonial de grandioso efeito.

Os exemplares do novo sistema de construção "brise-soleil", inventado pelos arquitetos do Brasil, foram examinados e estudados com extraordinario interesse pelos arquitetos da Grã Bretanha, onde, pela primeira vez, tiveram oportunidade de ver o novo tipo de construção brasileira. Igual interesse despertaram as fotografias dos clubes e praças de desportos de construção moderna, com suas piscinas, e suas linhas gerais de extraordinaria graça arquitetonica.

Essa exposição, à qual tem ocorrido diariamente um grande número de pessoas, entre as quais varios representantes das forças armadas das Nações Unidas, técnicos britânicos e estrangeiros, estudantes, e inumeras altas personalidades, permanecerá aberta até fins deste mês.

SENSIBILISADO O DR. CAMPOS DE RESENDE ANTE O AGRADECIMENTO DUM MENOR



Com a visão precocemente afetada, o que lhe era motivo de atroz padecimento, procurou, há dias, o conhecido oculista Dr. Campos de Resende o menor Helio Soares, que veiu de Minas Gerais á procura daquele especialista, por sugestão dos seus pais e de pessoas das suas relações em cujo seio é bastante conceituado.

Agora definitivamente restabelecido, Helio Soares retribuiu a dedicação do seu esforçado clínico, procurando-o em seu consultorio da Rua Buenos Aires, 212-1º andar, onde manifestou todo o seu agradecimento, o que muito sensibilizou o operoso oftalmologista.

Senhoras! Se a Natureza Falha
MENAGOL
REGULA!

Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreta
Informações:
Rua Flack, 163-Rio. T. 23-2840
OLEO — LOÇÃO

Aumente a sedução da sua boca com Semarap
— o baton que realça a beleza dos lábios, dando-lhes um encanto duradouro. Destaque as linhas bonitas da sua boca, usando o baton feito para a mulher de fino trato.
Um novo produto de Mme. Graça
• Óleo de Violetas
• Creme Anti-Rugas
• Loção Acnea
• Bálsamo Branco
CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO
Distribuidores Gerais: España Paramés & Irmão
Rua da Alfandega, 181 - Rio

Bar americano

Sem proporções exageradas nem linhas complicadas, êste bar americano, luxuoso e confortável, representa o que há de mais moderno em arte decorativa.

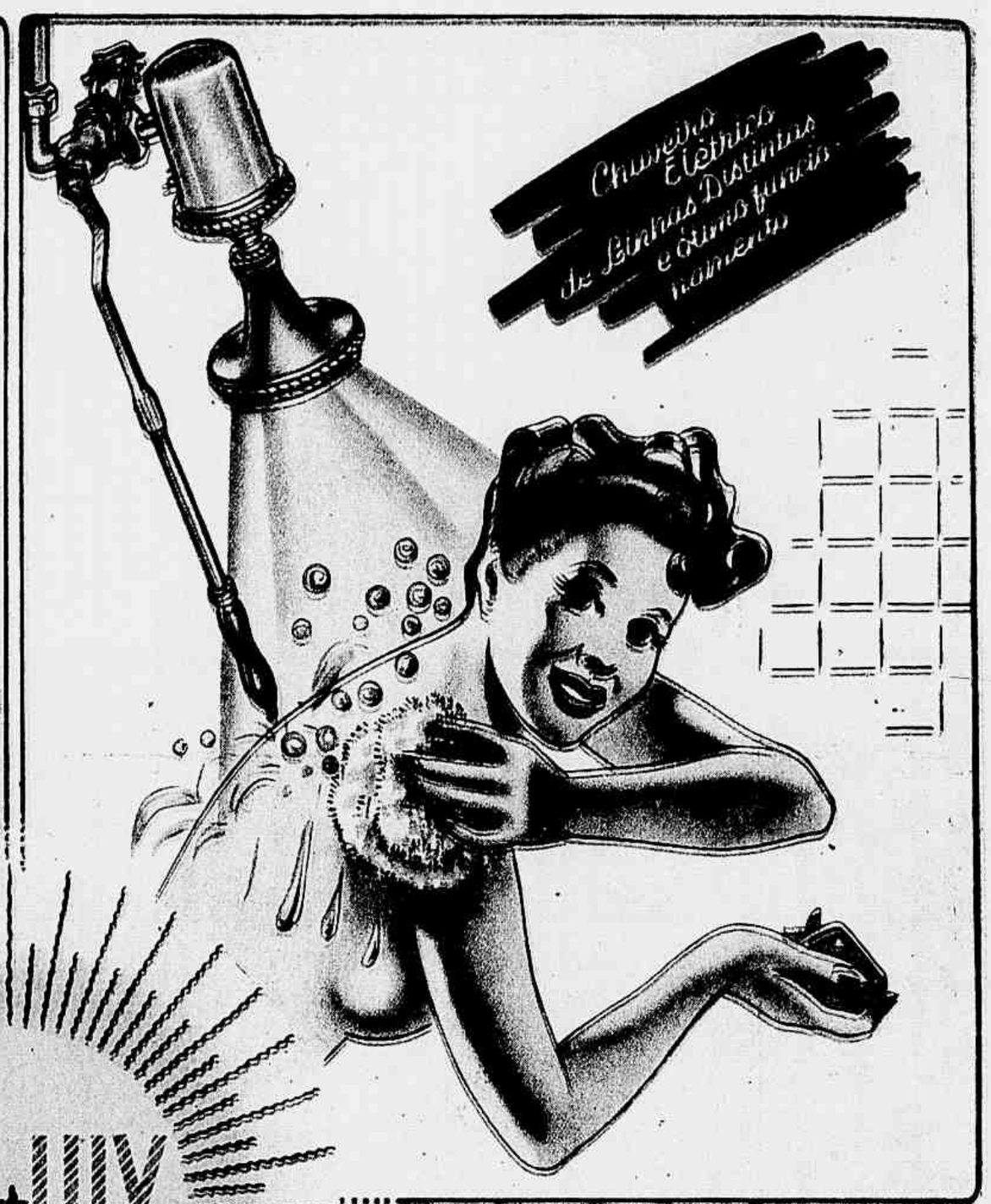
Aproveitando o espaço vago de uma sala, relativamente curto, o bar, em forma de semi-círculo, permite em seu recinto interior a fácil movimentação dos criados encarregados de servir as pessoas que se assentam nas cadeiras altas postas em volta do aparador.

As bebidas são guardadas no embutido existente sob o móvel, onde estão dispostos recipientes frigoríficos.

Por trás do bar uma pintura modernista.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS
CASA NUNES
MARCA REGISTRADA
A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGÓRA SÓMENTE
65 RUA DA CARIOCA · 67 - RIO
NÃO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

COMO PRESENTE DE FESTAS,
DÊ AOS SEUS PARENTES E AMIGOS COISAS LINDAS E UTEIS!



PAN-LUX

MARCA REGISTRADA

VENDAS A VISTA E A LONGO PRAZO

M. M. COSTA & C.IA L.TDA — Rua Monte Alegre, 43 - Rio

Peça uma demonstração sem compromisso pelo telefone 42-4191